

Kur'ytyba

Revista Científica do Colégio Militar de Curitiba – ISSN 3175-9243 ANO II Nº 2 - 2010



Kur'yt'yba

Revista Científica do Colégio Militar de Curitiba

KUR'YT'YBA. Revista Científica do Colégio Militar de Curitiba. Ano II, Nº 2, Out/2010 –

Curitiba: Colégio Militar de Curitiba, 2010 – 176 p;

Coordenação geral Raul Kleber de Souza Boeno. – Curitiba: Colégio Militar de Curitiba, 2010
il., fig., tab

Annual

Editor: Raul Kleber de Souza Boeno

Inclui bibliografia

ISSN 2175-9243 (broch)

1. Ciências Exatas. 2. Educação. 3. Filosofia. 4. História. 5. Literatura. I. Colégio Militar de Curitiba

Todos os direitos reservados ao Colégio Militar de Curitiba. Proibida a reprodução sem autorização prévia e escrita. Todas as informações dos artigos são de responsabilidade dos respectivos autores, bem como as opiniões neles expressos, não representando a opinião da Instituição. O Colégio Militar de Curitiba não adota posicionamento em relação aos assuntos abordados nesta revista.

Colégio Militar de Curitiba
Praça Conselheiro Thomaz Coelho, nº 01, Tarumã
Curitiba/ PR CEP 82800-030
www.cmc.ensino.eb.br
revista@cmc.ensino.eb.br

Revista Kur'Yt'Yba

Ano II – Nº 2 – Out/2010

Publicação Pedagógica do Colégio Militar de Curitiba

Cel Inf Luiz Quintino Martins de Figueiredo

Comandante e Diretor de Ensino do Colégio Militar de Curitiba

Conselho Editorial 2010

TC QMB Jorge Luiz Ribeiro Martins
Maj Cav Raul Kleber de Souza Boeno
1º Ten QCO Renate Kottel Boeno
1º Ten OTT Joelma Beatriz de Oliveira
Profª. Drª. Cláudia Regina Kawka Martins
Profª. Ms. Ana Maria Cordeiro Vogt

Conselho Consultivo 2010

(Pareceristas ad hoc)

Profª. Drª. Adriane Martins de Freitas - UTFPR
Profª. Drª. Anna Stegh Camati - UNIANDRAGE
Profª. Drª. Cláudia Regina Kawka Martins - CMC
Profª. Drª. Cleybe Vieira - PUC/PR
Profª. Drª. Dilmeire Sant'anna Ramos Vosgerau - PUC/PR
Profª. Drª. Glaucia da Silva Brito - UFPR
Profª. Drª. Janaina Bertencelo de Almeida - UFPR
Prof. Dr. Jose Antonio Vasconcelos - USP
Prof. Dr. José Antônio Peres Gediel - UFPR

Editor

Maj Cav Raul Kleber de Souza Boeno

Revisão de Língua Portuguesa - 1º Ten OTT Joelma Beatriz de Oliveira

Capa - 1º Ten OTT Jefferson Zimmermann Marcondes de Oliveira

Apresentação

*O Colégio Militar de Curitiba publica o segundo número de sua revista científica **Kur'Yt'Yba**. Trata-se da consolidação da iniciativa surgida no ano passado quando do lançamento de uma publicação que homenageasse este Estabelecimento de Ensino no seu Jubileu de Ouro e que se constituísse num justo reconhecimento ao seu corpo docente.*

Em cada artigo apresentado, seus autores evidenciam a pesquisa minuciosa, a capacidade de expressão escrita e o poder de concisão, retratados em textos atraentes de conteúdo envolvente.

Além dos professores do Colégio Militar, outros Mestres e Doutores da comunidade acadêmica honram esta revista, quer prestigiando com a autoria de trabalhos ora publicados, quer integrando e valorizando o Conselho Consultivo. Esta participação, aliás, retrata o apreço e a consideração sempre dispensados ao Colégio em todas as ocasiões.

Os artigos foram selecionados levando-se em conta uma vasta amplitude de interesses: a história do Brasil, resgatando aspectos relevantes e já esquecidos da Guerra da Tríplice Aliança; a Geografia e a História interligadas no texto sobre a Vila Zumbi dos Palmares; a relevância do planejamento urbano como elemento de atração ao turismo; as aplicabilidades das redes neurais; a Literatura na análise e interpretação de autores consagrados; a importância da Educação Física; as relações no ambiente virtual de grupos de pesquisa; e o Plano Nacional de Educação.

Aos caros leitores, boa leitura!

Cel Inf Luiz Quintino Martins de Figueiredo
Comandante do Colégio Militar de Curitiba

Editorial

A edição da Revista Científica do Colégio Militar de Curitiba, em consonância com a Política Educacional do Departamento de Educação e Cultura do Exército/DECEX e da Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial/DEPA, realiza a divulgação de trabalhos resultantes de atividades de ensino, pesquisa e extensão e tem periodicidade anual.

Esta Revista se define como espaço democrático, acessível e crítico, sem concessão de interesses de cunho político ou ideológico. Seu principal objetivo é divulgar e compartilhar ideias, favorecendo o debate e o aprendizado permanente.

A Revista Kur'Yt'Yba busca ser um meio de divulgação de referência, pois nela são divulgados os resultados de pesquisas sobre as várias áreas do conhecimento, portanto, uma revista multidisciplinar. Configura-se como veículo de comunicação do saber tornando-se um meio para conferir prestígio e reconhecimento aos profissionais do Colégio Militar de Curitiba e aos demais integrantes da comunidade acadêmica.

Maj Cav Raul Kleber de Souza Boeno
Editor

Sumário

**OS 140 ANOS DO FIM DA GUERRA DO PARAGUAI
(1870-2010): UMA NOVA VISÃO 9**

Armando Martins Filho

**A VILA ZUMBI DOS PALMARES SOB A ÓTICA
GEOGRÁFICA 25**

Carlos Ritter

**PLANEJAMENTO URBANO COMO ATRATIVO
TURÍSTICO 43**

Fabiane de Carvalho de Oliveira

**REDES NEURAIS ARTIFICIAIS NA PREVISÃO DO TEMPO
DE DURAÇÃO DE AUDIÊNCIAS TRABALHISTAS 57**

Alessandra Memari Pavanelli

Genival Pavanelli

**CORRELAÇÃO ENTRE FORÇA MUSCULAR DINÂMICA
E ISOMÉTRICA DE ISQUIOTIBIAIS 75**

Paulo Henrique Foppa de Almeida

Raphael Fabrício de Souza

Anna Raquel Silveira Gomes

**REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES INTERMIDIÁTICAS
EM HITCHCOCK BLONDE, DE TERRY JOHNSON 87**

Anna Stegh Camati

Braz Pinto Junior

LIMA BARRETO E SEU ESCRIVÃO 109

Clebsem Lelis Pereira

**RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA:
ENTRELAÇAMENTO DE AUTOBIOGRAFIA E MEMÓRIA
NA OBRA FICCIONAL DE LIMA BARRETO 127**

Renilda Mara Florencio

**GRUPOS DE PESQUISA: O ACOLHIMENTO AOS
HABITANTES, VISITANTES E TRANSEUNTES DE UM
AMBIENTE VIRTUAL..... 139**

Glaucia da Silva Brito

Ariana Chagas Gerson Knoll

Michele Simonian

**ESTUDO E ANÁLISE SOBRE AS INFERÊNCIAS DO
PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E SUA INGERÊNCIA
QUANTO AOS ASPECTOS AVALIATIVOS ENTRE AS
MINORIAS..... 157**

Alzira Akemi Kushima

Dolores Cadilhe de Almeida Chiarato

Jucélia Pirkel

Maria Cristina Ramscheid Durek

OS 140 ANOS DO FIM DA GUERRA DO PARAGUAI (1870-2010): UMA NOVA VISÃO

Major QCO Armando Martins Filho¹

**O historiador não é aquele que sabe. Mas o que procura.
Lucien Febvre**

RESUMO: O objetivo deste artigo é traçar, em breves linhas, algumas considerações acerca da evolução historiográfica sobre um tema tão polêmico quanto palpitante para a história dos países envolvidos, naquele que foi o maior conflito ocorrido em terras sul-americanas; de um lado o Paraguai, e de outro, opondo-se à nação guarani, a chamada Tríplice Aliança formada por Argentina, Brasil e Uruguai.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai, Solano López, Revisão historiográfica

ABSTRACT: The objective of this article aims at making a few brief comments on the historiographical evolution of a theme both controversial and exciting to the history of the countries involved in the greatest conflict which ever happened on south American land; on one side, Paraguay, and on the opposite one, fighting the guarani nation, the countries which formed the Triple Alliance, Argentina, Brazil and Uruguay.

Keywords: Guerra do Paraguai, Solano López, Revisão Historiográfica

1 - Professor de História do Colégio Militar de Curitiba; Mestre em Integração Latino-Americana pela UFSM-RS; Membro da Academia de História Militar do Brasil e do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

INTRODUÇÃO

A Guerra do Paraguai terminou no dia 1º de março de 1870, com a morte em combate em Cerro-Corá, do marechal Solano López, mandatário paraguaio. Entretanto passados 140 anos do fim do maior conflito envolvendo países americanos, o mesmo ainda gera polêmicas, sobretudo, em relação ao revisionismo histórico, que transformou o Paraguai de agressor dos seus vizinhos, em vítima da ação imperialista inglesa na América do Sul, através da sanha bélica dos países da Tríplice Aliança, capitaneados pelo Brasil Império.

A mais recente polêmica, envolvendo esse conflito, originou-se na intenção manifestada pelo nosso governo de devolver ao Paraguai o canhão conhecido como “*El Cristiano*”, capturado pelo Exército Brasileiro durante as operações bélicas, decisão que desagrade aos militares e causa desconforto na caserna.

Esse é apenas mais um capítulo na longa série de discussões e polêmicas entre os estudiosos do tema, que vão desde as divergências entre os números de mortos e feridos entre os contendores, os efetivos em presença durante as operações de guerra, passando sobre quem efetivamente venceu o conflito.

Vejamos, em linhas gerais, a evolução da historiografia sobre o tema, ao longo dos últimos 140 anos.

A GUERRA DO PARAGUAI PELA HISTORIOGRAFIA TRADICIONAL

As causas da Guerra do Paraguai remontam à independência da antiga província do Vice-Reino do Prata, ocorrida em 1811, quando se formou um governo provisório do qual os membros mais importantes foram D. Fulgêncio Yegros, D. Pedro Juan Cabalero e D. José Gaspar de Francia. Em 1814, teve início o governo de José Gaspar Rodriguez de Francia (1814-40), que isolou o país, não admitindo sequer representantes estrangeiros, com exceção do Brasil.

O Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência do Paraguai, com o qual conseguiu estabelecer relações mesmo durante o longo período de isolamento a que submeteu seu primeiro ditador, José Gaspar Rodríguez de Francia. Diplomáticamente, havia o Império defendendo a integridade territorial e a soberania do Paraguai contra os desejos expansionistas das Províncias Unidas do Rio da Prata e depois da Confederação Argentina. Ao tempo de Rosas, contribuimos para o melhoramento das fortificações e do Exército do Paraguai (VIANNA, 1980, p. 534).

Em 1840, D. Antônio Carlos López, assumiu o governo, atenuando um pouco o sistema de isolamento do país, sem no entanto tolerar nenhuma oposição. As relações diplomáticas com o Brasil, foram mantidas com o mesmo clima de cordialidade que marcaram o governo de seu antecessor.

Com a morte de Carlos López, o governo foi passado para seu filho, Francisco Solano López (1862-70), o qual sonhava em criar o “Paraguai Maior”, anexando as regiões argentinas de Corrientes e Entre-Ríos, Missões e a ilha de Martim Garcia; as áreas de fronteira com o Brasil em Mato Grosso e partes do Rio Grande do Sul, além de todo o Uruguai, com vistas a criar uma saída para o Oceano Atlântico.

Para atingir esses objetivos, Solano López armou fortemente o Paraguai. O Brasil não espera se envolver em um conflito com os paraguaios, uma vez que as questões de fronteira estavam sendo resolvidas de forma amigável e a questão da navegação pelas águas do Paraguai também fora equacionada por tratados.

O cenário começou a mudar quando o Império brasileiro interveio contra o governo de Aguirre no Uruguai, em 1864, fato que levou Solano López a oferecer sua mediação, a qual o Brasil não aceitou. Poucos meses depois, López protestava contra a intervenção do Império na República Oriental do Uruguai. Apesar do acirramento dos ânimos, o Paraguai oficialmente continuava a apresentar relações amistosas com o Brasil.

Em 11 de novembro de 1864, sem prévio aviso, os paraguaios aprisionaram o navio brasileiro Marquês de Olinda, que navegava pelo rio Paraguai, em direção a Mato Grosso, levando a bordo o presidente da província, o Coronel Carneiro de Campos.

Um mês após o aprisionamento do navio, houve a declaração de guerra de Solano López, seguida da invasão do Mato Grosso, cujo primeiro objetivo foi a tomada do Forte de Coimbra, comandado pelo Tenente Coronel Pôrto Carrero e, guarnecido por apenas 115 homens, que embora resistissem tenazmente, não conseguiram deter o avanço paraguaio. Após essa vitória, atacaram o Forte de Dourados, onde um pequeno destacamento comandado pelo Tenente Antônio João também não conseguiu deter os invasores, que ocuparam as cidades de Miranda e Nioac.

Após essas vitórias, Solano López tentou invadir o Rio Grande do Sul, através da província de Corrientes, sem permissão do governo argentino, fato que levou à formação em 1º de maio de 1865, da Tríplice Aliança, em cujo desdobramento ao longo do conflito, teve três comandantes gerais:

1ª fase - General Bartolomeu Mitre, presidente da Argentina;

2ª fase - Marechal Luis Alves de Lima e Silva, Marquês de Caxias;

3ª fase - Marechal Gaston D'Orleans, Conde D'Eu

No artigo 7º da Tratado da Tríplice Aliança, estabeleceu-se que *“os aliados não guerreavam contra el pueblo del Paraguay ni contra los paraguayos, si no contra seu gobierno”* (Mussumeci, 1962, p.208). E no artigo 8º, os aliados obrigavam-se a *“respeitar a independência, a soberania e a integridade territorial do República do Paraguai”*(VIANNA,1980,p.543).

O início da guerra encontrou o Brasil despreparado para travar uma lutar em regiões longínquas e de difícil acesso terrestre, fluvial e marítimo.

Para fazer frente a cerca de 85000 soldados paraguaios, com poderosa artilharia e farto material bélico, tinha o Brasil 16000 homens disseminados pelo Império, recorrendo então à mobilização da Guarda Nacional e dos batalhões de Voluntários da Pátria. A Argentina, no começo da campanha, teve perto de 12000 combatentes, três anos depois reduzidos a pouco mais de 4000; o Uruguai tinha 2500 soldados na guerra, em seu início, mas somente 600 no fim da luta. O efetivo máximo das forças brasileiras foi atingido em 1868, quando somavam 67.365 homens (SOUZA DOCCA, Causas da Guerra do Paraguai, p.184).

Percebemos portanto, que havia uma clara desproporção militar entre as forças paraguaias e brasileiras na ordem de 4 para 1, o que desmente as versões revisionistas de uma extraordinária superioridade militar brasileira.

O início do longo conflito foi marcado pelas vitórias paraguaias, com as invasões do Mato Grosso, do território argentino de Corrientes e da cidade de Uruguaiana no Rio Grande do Sul. Entretanto, em 11 de junho de 1865, a marinha brasileira venceu a Batalha do Riachuelo. Em 18 de setembro do mesmo ano, o general Estigarribia rendeu-se em Uruguaiana. No ano seguinte, no dia 24 de maio, os aliados vencem os paraguaios em Tuiuti, considerada a maior batalha terrestre da América do Sul. Seguiu-se a vitória na batalha de Curuzu no dia 3 de setembro e a derrota de Curupaiti, em 22 do mesmo mês.

O Marquês de Caxias foi nomeado, em novembro de 1866, comandante-chefe do Exército Brasileiro. No ano de 1867, ocorre a retirada da Laguna e a libertação da província de Mato Grosso. Em 25 de julho de 1868, vitória aliada em Humaita e, no final do ano, as vitórias de Caxias nas batalhas de Itororó, Avaí, Lomas Valentinas e Angostura, que ocorreram respectivamente nos dias 6, 11, 21 a 27 e 30 dezembro, por isso conhecidas em nossa historiografia como “a dezembroada”.

No dia 5 de janeiro de 1869, é tomada Assunção. Após a queda da capital paraguaia, Caxias passa o comando das tropas ao Marechal Guilherme Xavier de Souza, por estar adoentado e retorna ao Rio de Janeiro, onde o imperador D. Pedro II (1840-89) para distingui-lo o eleva, em 23 de março de 1869, a Duque de Caxias.

As forças aliadas nessa última fase da guerra, passam ao comando do Marechal Gastão D'Orleans, Conde D'Eu. Solano López foge para região da cordilheira do Ascurra, procurando reorganizar o que restava do seu exército. Tem início à Campanha das Cordilheiras, com as vitórias da Tríplice Aliança nas batalhas de Perebebuí e Campo Grande.

Em Cerro-Corá, ocorre a última batalha da guerra, Solano López, alcançado pelas tropas do general José Antônio Correia da Câmara, acabou morto, em 1º de março de 1870, fato que marca a derrota definitiva do Paraguai.

Apesar da vitória militar, o Brasil não tirou proveito dessa longa e custosa guerra. Nada ganhamos. Tampouco recebemos a dívida de guerra, que foi perdoadada por decreto do governo brasileiro, em 1943, por ocasião da visita do presidente do Paraguai ao Brasil, em retribuição a visita de Getúlio Vargas, feita há dois anos.

Em 1872, o Brasil firmou um tratado de paz com o Paraguai, fixando os respectivos limites de fronteira, sem no entanto obter quaisquer vantagens territoriais. Não obstante, tivemos contra nós a opinião de grande parte do mundo.

Era favorável ao Paraguai a opinião geral da América do Sul. (...) considerada no mapa, a aliança era um grupo esmagador a cair sobre pequeno trato central da Sul-América, milhões de aliados a investirem contra um escasso milhão de defensores locais. Finalmente, a diplomacia de López havia abundantemente subsidiado a publicidade, com o fito de criar uma corrente internacional de sentimentos que lhe fosse simpática (CALÓGERAS, 1972, p. 323).

Como consequência do conflito, o Paraguai ficou arruinado; sendo organizado no país pelo Visconde do Rio Branco um novo governo, que a pedido do Conde D'Eu, aboliu a escravidão naquele país; o Exército Brasileiro tornou-se uma força política e houve um incremento das idéias abolicionistas e republicanas no Brasil. A guerra marcou o apogeu e o início da decadência da monarquia brasileira, que culminaria em 15 de novembro de 1889, na proclamação da República.

A GUERRA DO PARAGUAI PELA HISTORIOGRAFIA REVISIONISTA

Para essa corrente historiográfica, o Paraguai desde a sua independência realizou um desenvolvimento político completamente diferente dos países da América Latina, sobretudo, a partir do governo enérgico de José Gaspar Rodrigues de Francia, o qual desenvolveu uma estrutura social e econômica voltada para os interesses do povo paraguaio, cujo objetivo principal seria garantir a plena independência do seu país.

Essa ação sócio-econômica consistiu na distribuição de terras aos camponeses, combate à oligarquia parasitária, além de construir inúmeras escolas, de tal sorte que, “*em 1840, o Paraguai era um país sem analfabetos*” (CHIAVENATTO, 1979, p. 27).

Após a morte de Gaspar de Francia, em 1840, seus sucessores, primeiro Antônio Carlos Lopes (1840-62) e, depois seu filho Francisco Solano López (1862-70), conhecido como “*El Supremo*”, deram prosseguimento à tarefa de transformar o Paraguai num país livre da exploração do capitalismo imperialista internacional.

Nesse sentido, o projeto defendido por esses líderes progressistas, prejudicava os interesses da Inglaterra, que pretendia manter os países latino americanos como consumidores de seus produtos industrializados e fornecedores de matérias-primas. Como o Paraguai não se enquadrava no esquema, a Inglaterra financiou a destruição da nação guarani, através da Tríplice Aliança, promovendo o maior conflito ocorrido entre os países americanos.

Portanto, além das reivindicações territoriais de Solano López ou mesmo motivos de ordem política, a principal causa da guerra foi de natureza eminentemente econômica, o que pode ser comprovado pela declaração do presidente Bartolomeu Mitre da Argentina, quando disse que:

A República Argentina está no imprescindível dever de formar aliança com o Brasil a fim de derrubar essa abominável ditadura de Lopez e abrir ao comércio do

mundo essa esplêndida e magnífica região que possui, talvez, os mais variados e preciosos produtos dos trópicos (CHIAVENATTO,1979,p.104).

Logo, para atingir esse objetivo era necessário desencadear uma guerra contra o Paraguai, com vistas a destruir a sua estrutura econômica que o tornava independente em relação ao capitalismo internacional e conquistar o país.

A esse respeito, a historiografia revisionista alertava que, para estudar e entender o contexto no qual ocorreu a Guerra do Paraguai, era necessário usar como base as pesquisas de Léon Pomer e Júlio José Chiavenatto, entre outros jornalistas e historiadores, que procuraram repensar a história do Paraguai e o grande conflito no qual o país se envolveu no século XIX. *Mesmo que a revisão levada a efeito por autores como os citados possa ser alvo de contestações, não deixa de ser necessária tendo em vista repensar a visão simplista e dogmática da historiografia oficial (LOPEZ,1988, p. 80).*

O Paraguai, há cento e quarenta anos, era uma nação que sobrevivia sem a utilização de capital estrangeiro – uma exceção entre os países latino-americanos. Criara ao longo do governo de José Gaspar de Francia, condições para um desenvolvimento econômico autônomo, apoiando-se nas massas camponesas e aniquilando a oligarquia do país, ao mesmo tempo que se isolava dos seus vizinhos atrelados ao capitalismo inglês.

“Mesmo sem tomar medidas diretas contra os grandes terratenientes, o isolamento a que estava submetido o Paraguai, com paralisia quase total do comércio externo, condenou-os a um paulatino desaparecimento” (DONGHI, 1985, p. 277).

Os governos de Carlos López (1840-62) e de Francisco Solano López, deram continuidade a essa política, dotando o Paraguai por volta de 1864, de uma base industrial: materiais para construção, tecidos, pólvora, louça, tinta e papel. Além disso, foram contratados técnicos estrangeiros para coordenar essa produção, que contava inclusive, com a construção de navios nos estaleiros de Assunção.

A economia paraguaia em suas atividades essenciais eram controladas pelo Estado, constando da pauta de exportação produtos como tabaco, madeira e erva mate, apresentando a balança comercial superavit, havendo recursos para investimentos em obras públicas e, “*caso raro, o Paraguai não tinha analfabetos e nem dívidas com a Inglaterra*” (LOPEZ,1989, p.97).

A Inglaterra, obviamente não podia tolerar esse desenvolvimento autonomo, que poderia, inclusive, servir de exemplo para os demais países da América do Sul e, valendo-se das rivalidades fronteiriças e políticas na região platina, armou e financiou o Brasil para destruir o Paraguai.



Imagem 1 – Acima mapa da ofensiva da Tríplice Aliança e retrato de Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, comandante brasileiro no conflito.

A guerra teve início em 1864 e durou até 1870 deixando um assombroso saldo de destruição. Para se ter uma ideia da carnificina, o Brasil teve cerca de 100 mil combatentes mortos. O Paraguai perdeu aproximadamente 600 mil pessoas de uma população de 800 mil. Depois da Guerra, essa população reduzia-se a 194 mil pessoas, isto é, 75,7 % dos paraguaios foram exterminados. Da população masculina adulta sobreviveram tão somente 0,5 %. Assim o Paraguai, que fora um próspero país era agora, um grande cemitério (CHIAVENATTO, 1979, p.150).

Aqui temos uma divergência de dados com relação à população paraguaia.

A base da população do Paraguai era estimada em 400 mil pessoas em 1864, e o Exército paraguaio contava com cerca de 80 mil homens com reputação exagerada de ser bem equipado. Eram habilidosos guerrilheiros, lutando com ferocidade e espírito de autosacrifício. Mas, com 60 mil mortos, capturados ou mutilados – uma perda desastrosa. Sob um cálculo racional, a guerra estava acabada. López, no entanto, reuniu outro exército formado por meninos, mulheres e velhos que resistiu por dois anos. O país foi arrasado, com seus mortos chegando a 200 mil, ninguém sabia exatamente; sua população masculina havia encolhido em tres quartos. A ocupação brasileira durou 6 anos (SKIDMORE, 1980, p. 86).

Para Chiavenatto (1979) a brutalidade reinou nos dois lados durante o conflito, sendo que Solano López a teria usado para assegurar a disciplina, enquanto que a Tríplice Aliança a usou como instrumento de extermínio. Aliás, alguns dos seus relatos dão conta de atitudes chocantes levadas a cabo pelo General Bartolomeu Mitre e pelo Marquês de Caxias, citando como exemplo que os dois líderes ordenaram que fossem jogados no Rio Paraná, cadáveres empestados de cólera para envenenar a população paraguaia.

É interessante observar que os acampamentos da Tríplice Aliança ficavam rio abaixo, enquanto que os paraguaios ficavam rio acima. Logo, seria impossível que os cadáveres subissem o rio a nado para empestá-los. Apesar dessa impossibilidade, esse episódio é dado como uma antecipação de guerra biológica.

Os relatos dos massacres perpetrados pelas tropas da Tríplice Aliança prosseguem com a suposta ordem dada pelo Conde D’Eu, após a batalha de Peribebuy, de degolar todos os prisioneiros paraguaios no ato de captura, em represália pela morte nesse combate do General Menna Barreto, isso sem apresentar um documento sequer que pudesse comprovar tal fato.

Na batalha de Campo Grande, o Conde D’Eu teria ordenado que os

soldados paraguaios com idades entre 9 e 15 anos fossem mortos juntamente com suas mães que os acompanhavam. Chiavenatto (1979) diz que após a batalha de Avaí, as mulheres, que acompanhavam a tropa e vieram recolher seus mortos, foram massacradas pela cavalaria brasileira.

Esses relatos foram tidos como verdade absoluta pela historiografia nos anos 60 e 70, sem qualquer tipo de questionamento com relação às fontes consultadas. As teses defendidas por Léon Pomer e Julio Chiavenatto, entre outros, transformaram o conflito provocado por Solano López num genocídio premeditado pela Inglaterra e executado pelo Brasil e seus aliados. Isso sem levar em conta que a Inglaterra tentou pacificar o Paraguai, exatamente por interesses econômicos, uma vez que tinha vários investimentos em projetos de infraestrutura na região, além de manter relações amistosas baseadas no comércio com os países da América do Sul.

A GUERRA DO PARAGUAI: REVISANDO O REVISIONISMO

Solano López desconfiava das intenções do Brasil e da Argentina, em virtude do seu isolamento Continental, conforme ele mesmo reconheceu ao presidente Mitre da Argentina, após a batalhas de Tuiuti, em Yataity-Corá, quando disse que *a guerra que movi contra o Brasil era pela crença de que o Império não se contentaria com a conquista do Uruguai e que sua dominação seria estendida a outros países vizinhos* (MENEZES, 1998, p. 96).

A reafirmação do poder imperial brasileiro na política uruguaia, em 1864, levou a uma virtual declaração de guerra por parte do Paraguai.

Segundo Skidmore (1998) a compreensão da Guerra do Paraguai e do envolvimento do Brasil nela é a geografia da região.

Depois do Amazonas, o sistema do Rio da Prata é o maior da América do Sul. Ele proporciona o transporte essencial para quatro países: Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Para este três últimos, ele é a saída fluvial mais importante para o Oceano Atlântico e, portanto, para o contato marítimo com a Europa e a América do Norte. (SKIDMORE, 1998, p. 83)

Outro ponto a ser destacado é que o Paraguai era um país rural, cujo principal produto de exportação era a erva-mate, possuindo um modesto crescimento econômico, politicamente dominado por uma ditadura feroz e uma estrutura social dominada por uma elite mercantil, que comerciava o pouco produzido pelos camponeses. Em 1865, a capacidade econômica da nação guarani era extremamente limitada. Suas exportações equivaliam a menos de 3% do total das exportações brasileiras. Longe de ser a potência econômica que ameaçava a Inglaterra, como querem fazer crer a historiografia revisionista.

O início e a evolução da Guerra do Paraguai deveu-se, segundo DORATIOTO, no seu livro *Maldita Guerra* (2002), a personalidade de Solano López, sobre o qual ele lança a responsabilidade do conflito, devido a sua procura de maior espaço regional para o seu país e a negativa em concedê-lo por parte do Brasil e da Argentina.

Era um plano arriscado, mas, durante toda a guerra, Solano López ordenou operações militares de alto risco, em cuja decisão predominava não o raciocínio militar, mas, sim, o voluntarismo. Essa era uma característica da personalidade de Solano López, que desprezava a capacidade de combate dos aliados e apostava na ousadia e no fator surpresa para superar as vulnerabilidades dos planos de ataque às forças inimigas (DORATIOTO, 2002, p.475).

Aliás, vale citar a assertiva dos paraguaios sobre as tropas da Tríplice Aliança: “*O Exército Uruguaio tem generais mas não tem tropa; o brasileiro tem tropa mas não tem generais e o argentino não tem nem tropa nem generais*” (MENEZES, 1998, p. 104).

Num ponto todos os autores mencionados concordam: a Guerra do Paraguai foi o maior conflito envolvendo países americanos no século XIX e, todos saíram perdendo. Para doratioto (2002), a vitória alçada pelo Império foi uma meia vitória, visto o alto custo em vidas humanas e pelo estrago

financeiro que ela representou para o governo monárquico. O dinheiro gasto na guerra foi onze vezes maior que o orçamento de um ano de administração pública, comprometendo por dez anos as finanças brasileiras.

Outro ponto a destacar, tem haver com a tese dos interesses econômicos da Inglaterra no conflito. Se estivessem os ingleses realmente interessados na abertura do mercado paraguaio, após o fim do conflito, seus investimentos no país, agora vencido, teriam aumentado de forma substancial. Não foi o que ocorreu. Em 1880, seus investimentos não passavam de 1,5 milhão de libras esterlinas, o que equivalia a menos de 1% dos investimentos totais da Inglaterra na América Latina. Nesse cenário, o Paraguai ocupava o 14º lugar nas inversões inglesas na região.

Do ponto de vista político, um fator relevante foi a formação no Exército Brasileiro, de uma consciência de classe. Os militares brasileiros voltaram da guerra impressionados com a valorização do seu ofício nos países vizinhos, diferente do que ocorria no Brasil, onde não lhe era permitida ascensão social, daí a sua identificação com o regime republicano, que possibilitava oportunidade de participação política.

A Guerra do Paraguai teve grande importância nas relações externas brasileira: o Status Quo no Prata foi mantido em favor do Brasil; a Argentina foi reconhecida como aliada, embora perdurassem algumas dificuldades; o Uruguai, de ficção política conjuntural tornou-se uma sólida realidade nacional; e o Paraguai é colocado em estreita sintonia com o Rio de Janeiro.

CONCLUSÃO

Terminado a Guerra Grande, conforme registra a historiografia paraguaia, a economia dos países envolvidos estava fortemente abalada. O Exército Brasileiro passou a defender uma posição contrária à sociedade escravista, bem como, a demonstrar simpatia pela causa republicana, influenciado pelo contato com os militares dos países vizinhos.

Este último conflito brasileiro na região do Prata: durou de 1864 até 1870, custou rios de dinheiro, arrasou as finanças do Império, e, praticamente destruiu o Paraguai. Ao final do conflito, o heroísmo paraguaio levou à verdadeira dizimação da sua população masculina, à destruição da sua incipiente indústria, as perdas territoriais e à passagem do poder em Assunção, para as mãos dos grandes proprietários de terras (FRAGOSO & SILVA, 1996, p.221).

Passados 140 anos daquele que foi o maior conflito entre os povos americanos, concordamos com o professor Doratioto quando disse que não houve vencedores nessa guerra, todos perderam pelo grande custo humano que ela teve. Esse conflito foi o acontecimento central dos países envolvidos na segunda metade do século XIX.

A guerra acabou por consolidar a formação dos Estados Nacionais na região do Prata. Na Argentina, o país foi unificado e o poder foi centralizado na capital, Buenos Aires. O Brasil monárquico viu o seu apogeu e o início da decadência, com a abolição da escravatura e a proclamação da República. O Paraguai e o Uruguai se consolidaram como países satélites do Brasil e da Argentina.

No final do século XX, os países da Tríplice Aliança aliaram-se ao Paraguai para formar o Mercado Comum do Sul (Mercosul), embrião de uma futura união alfandegária nos moldes da União Européia, com moeda única e total integração econômica, cujo objetivo último é a formação de uma União Sul Americana, onde a cooperação e o entendimento entre os países membros, que possuem uma base histórica comum, possam trabalhar conjuntamente para o desenvolvimento da região, evitando, assim, que venha a se repetir um conflito tão terrível quanto desnecessário entre os povos irmãos da América Latina.

CRÉDITO DA IMAGEM

Imagem 1 – Gilberto Cotrim, História do Brasil, Editora Saraiva, 1993, p. 138 e 139.

REFERÊNCIAS

CALÓGERAS, Pandiá. **Formação Histórica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 7ª ed. 1972.

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1980.

CHIAVENATTO, Júlio José. **Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

DONGHI, Tulio Halperín. **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FRAGOSO, Gen. Augusto Tasso. **História da Guerra da Tríplice Aliança**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1956.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

LINHARES, Maria Yedda (Org.). **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1996.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil Imperial**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. **História da América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

MENEZES, Alfredo da Mota. **Guerra do Paraguai: como construímos o conflito**. São Paulo: Editora Contexto, 1998.

MUSSUMECI, Victor. **História do Brasil**. São Paulo: Editora do Brasil, 1962.

POMER, Léon. **Paraguai: nossa guerra contra esse soldado**. São Paulo: Global, 1984.

_____. **A Guerra do Paraguai: A grande tragédia rioplatense**. São Paulo: Global, 2ª ed. 1981.

SILVEIRA, Mauro César. **A Batalha de Papel**: A Guerra do Paraguai Através da Caricatura. Porto Alegre: L&PM, 1996.

SKIDMORE, Thomas E. **Uma História do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VIANNA, Hélio. **História do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

WASSERMAN, Cláudia & GUAZELLI, Cesar Augusto. **História da América Latina**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996.

Major QCO Carlos Ritter¹

RESUMO: Buscou-se associar elementos das geografias urbana e cultural no sentido de desconstruir alguns dos mitos criados com relação às periferias urbanas, contextualizando as semiologias estabelecidas e reestabelecidas em uma vila localizada na porção leste do entorno do Aglomerado Metropolitano de Curitiba – a vila Zumbi dos Palmares. Destacam-se dois momentos: o primeiro, abarcando desde sua origem no ano de 1991, a partir de uma ocupação irregular, periférica com inúmeras precariedades socioeconômicas e infraestrutura precária e o segundo ao sofrer forte intervenção do Estado, a partir do ano de 2004, com a implantação de um projeto de regularização fundiária e desenvolvimento socioambiental. Assim, a Vila Zumbi passou por transformações, as quais promoveram um grande êxodo dos seus ocupantes iniciais e ao mesmo tempo, atraíram outros, portadores de diferentes bagagens culturais.

Palavras chave: periferias urbanas, desconstrução, mitificação; semiologia, deperiferização.

ABSTRACT: We tried to associate elements in urban and cultural geographies in order to deconstruct some of the myths related to urban peripheries, contextualizing the semiology established and reestablished in a village in the eastern portion of the surrounding cluster of Metropolitan Curitiba - the village Zumbi dos Palmares. We highlight two points: the first, covering from its origin in 1991, beginning with an illegal occupation, marginalized with many socioeconomic difficulties and poor infrastructure. The second point is when village Zumbi suffered a strong state intervention in the year 2004, with the implementation of a land regularization project and environmental development. Thus, village Zumbi went through transformations, which promoted an exodus of its original occupants and at the same time, attracted other people of different cultural background.

Keywords: Urban periphery, myth, semiology, deperipherization.

1 - Professor de Geografia do Colégio Militar de Curitiba. Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: carlos_ritter@hotmail.com

Costuma-se referenciar as periferias urbanas, principalmente aquelas localizadas nos Aglomerados Metropolitanos Brasileiros, como algo desconectado da “cidade”, simplificando as suas origens e as suas legitimações, uma vez que são vistas como uma patologia urbana, como um problema a ser extirpado. São entendidas, na maioria das vezes, como um flagelo na produção do espaço urbano, algo separado daquilo que é concebido como cidade.

Nas diversas áreas do conhecimento que abordam questões “urbanas”, como Geografia, História, Sociologia, Urbanismo, entre outras, é normal se encontrar uma interpretação arraigada num conceito dual e geométrico (centro-periferia), oriundo ainda da “modernidade”, no caso da Geografia, de uma geografia funcionalista, na qual, *periferia* é tida como área localizada na extremidade do tecido urbano, nas suas bordas, nos seus “anéis” externos, como a mais afastada do “centro” urbano, enfim, no limite circunscrito de uma cidade, num misto de urbano e rural.

Torna-se necessário romper com o paradigma que vem concebendo periferia(s) como um lugar longe, distante fisicamente de algum ponto central, uma vez que o distanciamento “geométrico” não é mais o determinante das relações socioespaciais nos espaços urbanos, apesar de se constituir, ainda, em um fator a ser considerado.

A superação da singularização deste termo, também se faz urgente, uma vez que a heterogeneidade e a velocidade dos seus fenômenos caracterizadores, enquanto adjetivantes das suas espacialidades acabam por pluralizá-lo.

Apresentam-se, as periferias, cada vez mais pelas multiplicidades, sejam elas ligadas às paisagens/morfologias, dependentes dos sítios onde estão instaladas, dos materiais de construção mais disponíveis ou à mescla das bagagens culturais dos seus construtores, sejam ainda, pelo grau de inserção no complexo metropolitano. Tudo vai depender do contexto em que essas *periferias* são constituídas, enquanto espacialidades peculiares. Assim sendo, parece mais correto tratar de *periferias* e não simplesmente “*periferia*”.

Segundo Domingues (1994/5, p.7)

A “distância” ao centro é, assim, uma distância sociológica [...]. Essa distância é, por isso, definida por um afastamento real e simbólico a um “efeito urbano” (identificado pelos indicadores referidos), independentemente da sua posição geográfica no contexto da metrópole: assim, pode estar localizado numa área tida como central, como, de resto, é muito típico do “ghetto” nas cidades dos EUA ou dos centros históricos degradados de algumas cidades europeias.

Na abordagem proposta, neste artigo, as periferias se materializam em espaços caracterizados, não só, por um grau deficitário no que se refere a um padrão de urbanização reinante ou por não serem portadoras dos mesmos equipamentos e da mesma lógica urbanística do seu entorno, ou ainda, por estarem aquém em termos de infraestrutura, de serviços, de comércio e de moradia, mas principalmente por não possuírem o mesmo *status* ou a mesma aceitação, fatos que as coloca num nítido distanciamento socioeconômico e psicossocial com relação as demais espacialidades estabelecidas no espaço urbano. Essa não aceitação advém, principalmente, da mitificação, dos estereótipos criados a despeito dessas espacialidades.

As periferias podem ser concebidas a partir do fato de estarem às margens, todavia, às margens de um universo referencial baseado nas questões sociais, econômicas, políticas e culturais.

A subjetividade do seu *status* enquanto *periferias*, contingencia-as a uma situação de submissão e a um grau de dependência com relação a um espaço urbano intermediário predominante e concomitantemente às possíveis centralidades existentes.

Além dessa questão, inúmeros equívocos são cometidos com relação as *periferias*; entre eles, a não inserção dos aspectos sócio-culturais dessas espacialidades na maioria das análises geográficas. Nas abordagens geográficas funcionalistas, sistêmicas e marxistas, de maneira geral, é desconsiderada a relevância desses aspectos na construção dos espaços denominados

“periferias” e, mais ainda, subjulga-se ao fato de elas terem como essência as pessoas, os indivíduos humanos, numa dialética semiológica ou até mesmo numa “trialeítica”, como expõe Lefebvre (1974, p. 56-58), em que imbricam os espaços das práticas sociais, as representações do espaço e o espaço das representações.

Trata-se de uma geografia das espacialidades que desafia epistemologicamente as grandes narrativas geográficas ainda vigentes que, no meu ver, ficam muito confinadas em antigos idealismos e positivismos, todos de certa forma reducionistas como, por exemplo, a geografia funcionalista e sistêmica e a geografia crítica estruturalista. [...] Já avistamos os horizontes, mas ainda não conhecemos as paisagens epistemológicas embutidas neles. Precisamos embarcar nesta direção com novas geografias dos significados, das imagens e da ação. (SAHR, 2007, p. 2)

Pautando-se nessa linha de raciocínio, objetivou-se a desconstrução de alguns desses mitos criados com relação às periferias urbanas, com base nos trabalhos já desenvolvidos junto às comunidades da Vila Zumbi dos Palmares, cuja origem remonta a uma ocupação irregular localizada na porção leste do Aglomerado Metropolitano de Curitiba.

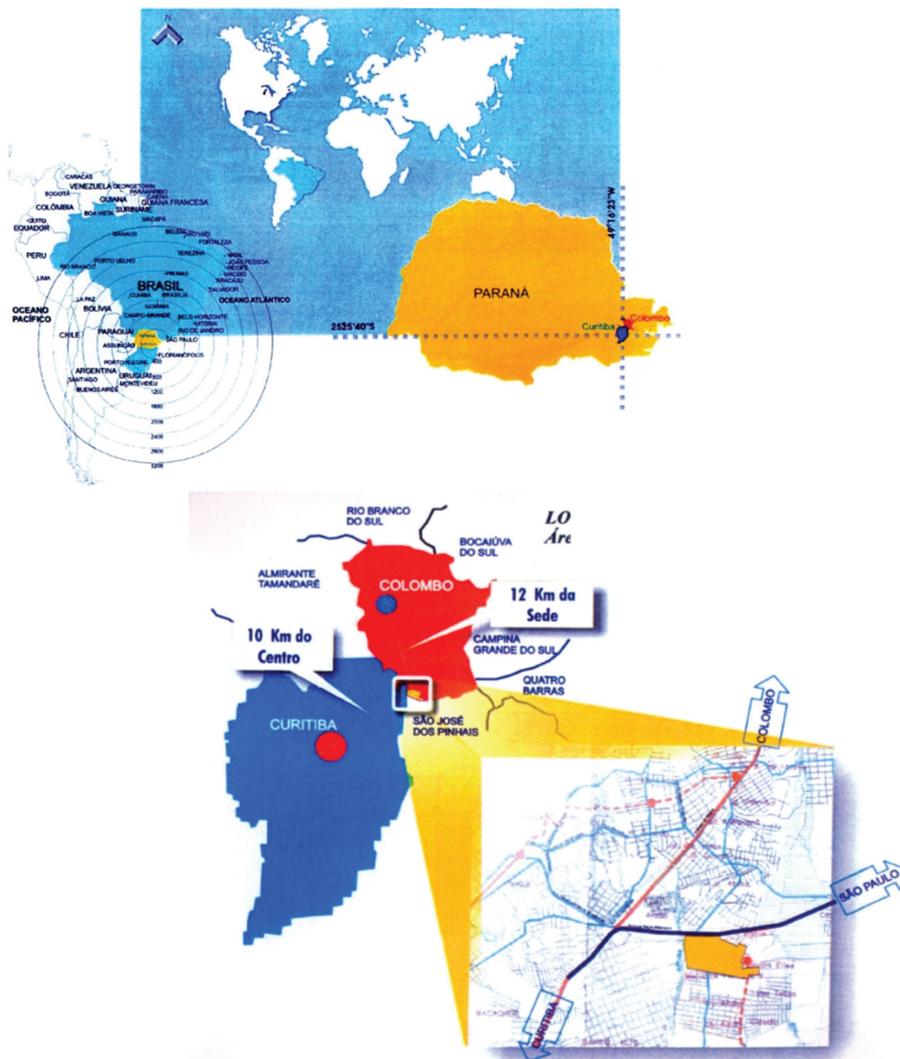
Para uma melhor contextualização, torna-se importante destacar que o Aglomerado Metropolitano de Curitiba (AMC) é atualmente composto por uma extensa “mancha urbana” oriunda de um processo de conurbação e de comutação envolvendo Curitiba e porções de treze dos seus vinte seis municípios formadores da sua região metropolitana.

Segundo os dados apresentados, em 2007, pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a RMC (Região Metropolitana de Curitiba) totalizava 3.117.369 habitantes, sendo que mais de 80% desse total residia no seu aglomerado metropolitano.

E nesse aglomerado metropolitano, as espacialidades apresentadas pela vila Zumbi dos Palmares se tornaram instigantes, pelo fato dessa vila ter se caracterizado, até o ano de 2004, por uma intensa periferização, e por

estar, a partir desse ano, sofrendo um processo desperiferizante. Assim, tem contribuído, concomitantemente, para novas periferizações em outras áreas, ou seja, no conjunto, é possível constatar os processos de periferização, de desperiferização e de reperiferização ou de nova periferização (P-D-R/NP).

Figura 1: Localização da Vila Zumbi dos Palmares



Fonte: IPARDES, 2005

Nesse contexto, significativas mudanças semiológicas estão a ocorrer no interior dessa Vila, seja pela substituição dos seus moradores, de certa camada social por de outras diferentes, seja pelos novos signos urbanos introduzidos, convivendo com os anteriores e principalmente pelas constantes

ressignificações e (re)espacializações presentes. Mesmo assim permanecem os estereótipos criados no imaginário daqueles que lá não residem e que têm a vila Zumbi como uma favela violenta, como um antro de bandidos, povoada por desocupados e por traficantes de drogas, inadaptados, deslocados e totalmente desviantes, entre outros tantos.

A vila Zumbi, sob esses enfoques, apresenta elementos caracterizadores da complexa dinâmica socioespacial que acomete os principais aglomerados metropolitanos latino-americanos, e em que a concepção de homogeneidade inicial de suas áreas consideradas como periféricas, tão latente no passado, passa aos poucos a ser descaracterizada.

Numa maior complexidade, as periferias urbanas começam a apresentar características de fractalidade e de hibridismo, em ondas de heterogeneidade e efemeridade, e, cada vez mais, passam a não corresponder às mitificações criadas a seu respeito, isso se alguma vez foi possível.

Soja (1993, p. 101), escrevendo sobre a construção social do espaço, relatava não existir em inglês, até então, uma expressão amplamente usada e aceita para transmitir intrinsecamente a qualidade dessa construção, o que o levou a optar pelo termo *spatiality* (espacialidade) para especificar esse espaço socialmente produzido. Ao abordar a organização do espaço como produto social, esse autor esclarece que:

É necessário começar deixando tão clara quanto possível a distinção entre o espaço *per se*, o espaço como um dado contextual, e a espacialidade de base social, o espaço criado da organização e da produção sociais. [...] esse espaço físico foi uma base epistemológica ilusória para se analisar o sentido concreto e subjetivo da espacialidade humana. O espaço em si pode ser primordialmente dado, mas a organização e o sentido do espaço são produto da translação, da transformação e da experiência sociais. (SOJA, 1993, p. 100)

Santos (1988), ao aplicar as quatro categorias: *forma, função, processo e estrutura*, quando da análise do espaço, veio a afirmar que:

O espaço é resultado da soma e da síntese, sempre refeitas, da paisagem com a sociedade. A paisagem tem permanência e a espacialidade é um momento. “A paisagem é coisa, a espacialidade é funcional e o espaço é estrutural”. (SANTOS, 1988, p.73)

Essas interpretações de espacialidade dos geógrafos E. W. Soja e de Milton Santos ajudam no entendimento do que vem a ser *periferias* na contemporaneidade, uma vez que permitem uma flexibilização do termo *espaço*, o qual, de certa forma, permanece cristalizado em um processo, muito mais de mitificação do que de reflexão, em muitas das ciências humanas e/ou sociais.

Essa alienação espacial, criada na cultura ocidental e reafirmada em tempos de pós-modernidade, foi denominada de “mal-estar geográfico” e de “diferença ontológica” por Heidegger (1988).

Somando-se a esses posicionamentos epistemológicos, frisa-se que a ideia básica da geografia cultural, segundo Sahr (2007, p. 59), é a de trabalhar os mundos pelas pluralidades das expressões vividas ou interpretadas ou então a de Cosgrove (1998. p.92), ao afirmar que “a geografia está em toda parte”, para destacar a cultura e o simbolismo nas paisagens humanas.

Nesse contexto, procurou-se associar elementos das geografias urbana e cultural, num caminho parecido com aquele proposto por Frúgoli (2005, p.149) quanto às demais ciências sociais:

[...] as áreas sociais em torno da cidade revelam-se num campo fértil, [...]. A dinâmica de tais interfaces não depende, entretanto, apenas de lógicas presentes no campo intelectual e acadêmico, mas de fenômenos urbanos relevantes que exijam interpretações e análises. E em momentos de intensificação dessas interlocuções, a prática etnográfica tem se revelado, como vimos em um dado diferencial bastante significativo, cabendo continuar a explorar ou mesmo a radicalizar seu potencial, com atenção especial às múltiplas formas com que emergem e se entrelaçam, [...].

Dessa forma, voltou-se às comunidades da Vila Zumbi dos Palmares, enfocando-as em dois momentos distintos de espacialização, com as suas dinâmicas de signos, significações e ressignificações produzidas. O primeiro momento se caracteriza por espacializações em um ambiente de periferação a partir de um processo de ocupações irregulares de loteamentos e de uma gleba não parcelada, em 1991, dando origem a sua primeira “comunidade”, a qual chegou a ter cerca de 3.900 pessoas e a ser o maior favelamento² contínuo do Paraná, segundo a Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba (COMEC), (2001). Periferação essa que perdurou até 2004, quando começou a ser interrompida por ação do governo do Estado do Paraná, através de um programa socioambiental desenvolvido pela Companhia de Habitação do Paraná (COHAPAR), objetivando a sua regularização fundiária e urbana além da melhoria no seu quadro socioambiental, totalizando investimentos na ordem de R\$ 22 milhões.

O segundo momento parte de novas espacialidades para a vila Zumbi, com características desperiferizantes, com a chegada de infraestrutura básica e da mudança no perfil socioeconômico de seus moradores, não apenas pelas intervenções socioambientais, mas, principalmente, pela evasão de seus primeiros moradores, cerca de 58%³.

Essa maior presença do Estado, “urbanizando”, impondo regras e normatizações socioeconômicas, principalmente adicionando despesas financeiras aos moradores, até então não existentes, como prestação do lote regularizado e/ou do sobrado-padrão⁴ construído, tarifas de água, energia elétrica, imposto predial e territorial urbano (IPTU) entre outros impostos, promoveu a troca dos moradores, pela saída dos primeiros e a chegada de outros com características de maior submissão aos signos e aos ritos predominantes na “cidade-padrão”.

2 - A condição de favelamento é definida principalmente pela ilegalidade da posse da terra. Para maiores detalhes, ler *O que é Periferia* de Moura e Ultramar, 1996.

3 - Esse percentual foi obtido pelo autor a partir de pesquisas de campo realizadas em 2008/09.

4 - A COHAPAR construiu 289 sobrados (habitações de 2 pavimentos) geminados, no interior da Vila Zumbi, destinados àqueles moradores que estavam morando nas áreas de risco, ou seja, nas proximidades do rio Palmital e da rodovia BR 116.

As mudanças nas espacialidades da Vila tiveram íntima relação com o corporativismo que se acirrou entre o Estado e as grandes empresas, na virada dos séculos XX para XXI. Nesse caso específico, destaca-se o Empreendimento *Alphaville Urbanismo S/A*⁵, o qual passou a manter grande investimento nas proximidades da Vila Zumbi, ao construir um complexo comercial e residencial, contendo condomínios horizontais fechados voltados às camadas sociais de elevado poder aquisitivo - *Alphaville Graciosa e Alphaville Pinheiros*.

Dessa forma, com o mesmo recorte, a vila Zumbi conseguiu apresentar, em um curto período de tempo, semioses⁶ muito variadas que não podem ser explicadas apenas com referenciais pautados num determinismo econômico, com base na “luta de classes”, na priorização das relações do trabalho ou ainda nas idéias de “alienações completas” nas sociabilizações que se estabelecem. Os valores culturais presentes nessas espacialidades, enquanto periferias ou em desperiferização vão além dessas questões homogeneizantes, pois revelam que muitas das dimensões do universo em estudo não são abarcadas por esse tipo de posicionamento epistemológico.

Nas primeiras análises, procedidas antes da intervenção do Estado, percebia-se um universo de pessoas tidas como “faveladas”, e, por essa razão, estigmatizado como um grupo homogeneizado, portador das mais variadas precariedades socioeconômicas.

Ao se verificar, mais de perto, as origens e as narrativas daqueles primeiros ocupantes ilegais dessa Vila, constatavam-se heterogeneidades sob os mais diversos aspectos, começando pelo mapeamento de suas rotas migratórias, em que foi possível, pelas informações contidas nos trabalhos de Polli (2006), identificar um considerável percentual de pessoas oriundas de bairros de urbanização antiga, já consolidados em termos de infraestrutura

5 - Trata-se de uma empresa do ramo imobiliário atuante no mercado brasileiro e português, especializada em condomínios horizontais fechados de alto padrão. Todos os seus empreendimentos contam com uma área comercial e empresarial, além da residencial.

6 - Utiliza-se das concepções de Santaella (1983), nas quais a Semiose representa as relações triádicas dos signos, significantes e significados, carregados de poder de representação.

básica (42%), outros de bairros mais recentes, ainda em consolidação, porém legalizados (36%), alguns de favelamentos (20%) e pouquíssimos de áreas com características de ruralidade (2%), fato que desconstrói a idéia de que todas as periferias continuam a ser ocupadas por população vitimada pelo fenômeno do *Êxodo Rural* e, ao mesmo tempo, ratifica a predominância do fenômeno das migrações intrametropolitanas.

Muitos desses ocupantes irregulares se encontravam na formalidade com relação à legislação trabalhista, outros na informalidade, porém com percentual não superior ao primeiro grupo, fato que derruba alguns mitos, como: “as *periferias* são o *habitat* dos desempregados, dos malandros e desocupados”, em última instância o dos *lumpenizados*, dos excluídos pelo capitalismo ou ainda como constituintes do *Exército Industrial de Reserva*. Percebeu-se, pelo contrário, tratar-se de trabalhadores, em sua maioria, não apenas na condição de vitimados pelas circunstâncias socioeconômicas, mas também como optantes e de certa forma conscientes daquilo que estavam fazendo, ou seja, aproveitando-se de uma conjuntura favorável, dentro de suas lógicas, para se apossar de um pedaço de terra em uma área de invasão e lá construir um barraco. Fizeram isso pelos motivos os mais variados, tais como, livrar-se do aluguel, ficar mais próximo do local de trabalho, alojar suas famílias e agregados em um espaço maior, obter lucro ao alugar para terceiros ou para comercializar o barraco ou o lote, enfim inúmeras respostas foram obtidas em entrevistas procedidas com esta finalidade, como a do senhor L.A. da S.:

[...] a minha casinha lá no Boqueirão ficou muito pequena pra minha família. O João me avisou que o ônibus tava levando lá pras beira da BR e do Palmal quem quisesse um pedacinho de terra. [...] além de levá a gente, eles davam a lona preta, era só levá os documento, se cadastrá com o Juarez, tomá posse e montá o barraco. [...] pra mim foi uma mão na roda, montei o barraco de lona, [...] quatro mês depois fiz ele de madeira e fui pra lá mora com minha mué e os meu piquenos, deixei na minha casa o meu fio e minha fia mais veios com as famílias deles, nora e genro, três netinho e duas neta. (Entrevista realizada pelo autor, em 2008)

O conteúdo dessa entrevista e de outras derrubam a tese da “alienação total”, demonstrando que os moradores das *periferias* não estão numa situação psicossocial cristalizada ou alheios às mudanças do mundo ao qual pertencem, suas capacidades criativas de captar e de interpretar o mundo através de formas simbólicas se definem e são redefinidas de acordo com as adversidades encontradas. Constatase, portanto, serem esses indivíduos, não meras personagens passivas, pelo contrário, estiveram e estão em constante ação.

Por outro lado, também existe a situação política, num exercício de poder nessas espacializações. Uma característica importante, já ressaltada por Cosgrove (1998), está relacionada às questões afetas ao simbolismo e à cultura, uma vez que estão intimamente ligadas ao poder, revelando as relações de dominação e de opressão. Segundo esse autor,

[...] um grupo dominante procurará impor sua própria experiência de mundo, suas próprias suposições tomadas como verdadeiras, como a objetiva e válida cultura para todas as pessoas. O poder é expresso e mantido na reprodução da cultura. Isto é mais bem concretizado quando menos visível, quando as suposições culturais do grupo dominante aparecem simplesmente como senso comum. Isto é às vezes chamado de *hegemonia cultural*. Há, portanto, culturas dominantes e subdominantes ou alternativas, não apenas no sentido político, mas também em termos de sexo, idade e etnicidade. (COSGROVE, 1998, p.104-105)

Muito do simbolismo da paisagem reproduz as normas culturais estabelecendo os valores de grupos dominantes por toda uma sociedade.

Apenas para exemplificar, tem-se o nome escolhido para a Vila, fruto de uma ressignificação do personagem *Zumbi*, *Zumbi dos Palmares* – portador de importância histórica, uma vez que se refere ao “rei negro” - *líder do quilombo dos Palmares*, representativo de resistência e transgressão à ordem estabelecida, e dessa forma, procedeu-se a sua apropriação em uma aglutinação de datas, 13 de maio: marca a libertação dos escravos e a data

das ocupações e criação da vila, com também a de 20 de novembro: alusiva à morte de Zumbi, adotada como o “Dia da Consciência Negra”⁷.

A moradora A.R.N. em depoimento relata esse episódio:

“O P.8 sugeriu o nome Zumbi. Ninguém conhecia tal nome, foi então que ele explicou que foi o Zumbi um líder dos negros e que porque era maio, mês da libertação dos escravos seria interessante, e que aquele nome “Zumbi” era um nome forte, de grande impacto, chamaria a atenção do mundo inteiro para a nossa vila, pra a nossa causa, uma vez que no dia 13 de maio teve a maior chegada de pessoal pra nossa vila”. (Entrevista realizada pelo autor, em 2009)

Polli (2006) constatou existir fortes indícios de ter sido, a ocupação/invasão das glebas e dos loteamentos constituintes da Vila Zumbi, uma “ocupação induzida”, financiada e orientada por um grupo político contrário àquele que administrava os loteamentos e/ou que detinha a posse daquelas terras.

Também é importante frisar que não se trata de um “quilombola⁹ urbano”, como o nome poderia sugerir, uma vez que segundo dados do IBGE, retrabalhados pela COMEC em 2001, não havia na Vila Zumbi uma predominância de afro-descendentes, “negros ou pardos” (40%) e sim de população “branca”, eurodescendentes (58%), tendo ainda 2% no somatório nas outras categorias, conforme a metodologia adotada pelo IBGE no censo demográfico de 2000.

Com a consolidação dessa ocupação irregular, configurou-se uma periferização com favelamento, na qual pessoas de origens e bagagens

7 - Faz-se importante ressaltar que 13 de maio é a data comemorativa da abolição da escravatura no Brasil e que se estabeleceu 20 de novembro como alusiva a Zumbi, tida como a data de sua morte, adotada também como o “Dia da Consciência Negra”, no Brasil.

8 - O advogado P. foi um dos articuladores e organizadores da ocupação irregular dos loteamentos e das glebas constituintes, posteriormente, da vila Zumbi dos Palmares.

9 - Quilombolas são agrupamentos de famílias majoritariamente constituídas por pessoas negras agrupadas em torno de uma terra de uso comum. (constituída durante o período escravista no Brasil, que durou até 1888).

socioculturais das mais diversas se aglomeraram e passaram a compartilhar complexos processos de amoldamento e de construção de uma espacialidade, estabelecendo territorialidades e normas próprias. Nesse momento, abriam-se hiatos, *entre-espaços* ou descompassos, entre o que eles traziam consigo e o que encontravam; tudo isso com uma dinâmica muito grande. As estratégias de sobrevivência os obrigavam a se adaptar e, dessa forma, novos valores surgiram, de maneira particular e única, específica daquela espacialização, daquele momento histórico.

No entanto, alguns traços marcantes de suas bagagens culturais, extrapoladores das especificidades locais, também se faziam presentes, como a religiosidade e o lazer. Como exemplo, destaca-se a imediata construção de igrejas e a improvisação de campos de futebol, quase que de imediato a chegada do maior contingente de ocupantes, ocorrida em maio de 1991.

Como já exposto, de 1991 até 2004, esse processo de periferização se desenvolveu, sendo interrompido pela ação do Estado. Porém o dinamismo das significações e ressignificações daquelas espacialidades, em constante construção não sofreu interrupção, pelo contrário, passou a receber novos elementos e novos atores.

Até mesmo essa intervenção do Estado é carregada de mitificação, uma vez que a imagem da metrópole curitibana de maneira alguma se associava ao seu processo de periferização – procurava-se transparecer Curitiba como um enclave planejado e bem sucedido numa imensidão caótica de metropolização terciomundista.

As políticas de planejamento urbano e urbanístico voltadas para Curitiba, com destaque para os Plano Agache, Plano Wilhelm-IPPUC, PDI I e II¹⁰ e do grande investimento em propaganda e *marketing* objetivavam, antes

10 - Plano Agache (1941-43). Foi desenvolvido, para Curitiba, por Alfred Agache, tendo em vista o seu prestígio em implementar semelhantes projetos em inúmeras cidades, como Chicago, Camberra, Rio de Janeiro, entre outras. A síntese do planejamento urbano desenvolvida pelo IPPUC, a partir das diretrizes de Wilhelm, se baseou no tripé: uso do solo, transporte coletivo e circulação, implementado a partir de 1975, e os PDI I e II (Plano

de tudo, a criação de uma imagem favorável, como os títulos bem ilustraram tal ideologia: *cidade-modelo*, *cidade-ecológica*, *cidade de primeiro mundo*, entre tantos outros. Esse agressivo *City Marketing* teve, e continua tendo ainda, um efeito reverso, pois ao mesmo tempo em que consegue inserir parcelas do seu aglomerado metropolitano no cenário “globalizado” das redes de cidades, atraindo para si o grande capital, as empresas e os turistas, atrai também contingentes das camadas inferiores em busca de emprego e de melhores condições de vida. Esses contingentes vislumbram as qualidades da metrópole curitibana, difundidas pelo *City Marketing*, porém, ao se direcionarem e localizarem-se em suas “*periferias*”, encontram exatamente o oposto do que lhes foi propagado ou àquilo que almejavam. Portanto, essa propaganda exacerbada vem ao mesmo tempo acentuar a saída daqueles de baixa renda das áreas em processo de valorização imobiliária e atrair novos “pobres”, os quais, na maioria, só conseguem se estabelecer no seu entorno e/ou nas suas áreas degradadas ou muito desvalorizadas.

[...] Curitiba centralizava a maioria absoluta das atividades econômicas relevantes, bem como as parcelas mais abastadas da população, “restando”, para os demais municípios, a população de baixa renda, aquela que não podia pagar o preço das transformações implementadas [...]. Desse modo, o crescimento populacional da Região Metropolitana ocorreu de modo seletivo, perverso e excludente [...]. (FIRKOWSKI, 2001, p. 54)

Outro fato relevante é ter a Vila Zumbi passado a se constituir em uma externalidade negativa, no momento em que as mídias locais, regionais e nacionais e até mesmo internacionais (*Slum in Curitiba?*) divulgam recordes de violência, de criminalidade na RMC, e a ideia de que a *favela Zumbi* estava atrapalhando os “negócios”, uma vez que se localiza muito próxima aos Condomínios Horizontais Fechados de *Alphaville*.

Soja (1993, p. 93), abordando essa questão, afirmou que:

de Desenvolvimento Integrado para a Região Metropolitana de Curitiba), elaborados pela COMEC. O primeiro (I) foi aprovado em 1978 e o segundo (II) em 2002, sendo, atualizado em 2006.

É preciso desenvolver um novo “mapeamento cognitivo”, uma nova maneira de olhar através dos véus gratuitos do pós-modernismo reacionário e do historicismo moderno avançado, para incentivar a criação de uma consciência espacial politizada e de uma práxis espacial [...]. Assim, as mais importantes geografias pós-modernas ainda estão por ser produzidas.

Em análises posteriores, já com as ações e as obras de regularização fundiária, urbanização e desenvolvimento socioambiental implementadas e com um aumento populacional próximo a 3.000 pessoas (COHAPAR, 2008¹¹), percebeu-se que, aos poucos, Zumbi vai se tornando uma vila “normal”. Porém, nesse processo de transição é que intensifica as dinâmicas semiológicas, e aquilo que estava por se consolidar é atropelado por novos sentidos e novas lógicas. Uma extrema heterogeneidade se estabelece, tendendo à diminuição de sua efervescência com o avançar da desperiferização.

As infraestruturas, as normatizações, enfim o que os técnicos chamam de “urbanização” está promovendo, praticamente, a troca dos seus moradores, a Vila passa a ser ocupada por outras pessoas (68% dos primeiros ocupantes já deixaram a vila) com outras características socioculturais e econômicas.

Comparando-se os dados anteriores a 2004 (COMEC) com os produzidos em 2008 (COHAPAR), ficam evidentes essas mudanças, como por exemplo, a maior presença dos serviços públicos básicos, o aumento da renda média mensal, a redução do desemprego, a não constatação do analfabetismo entre os seus moradores, a redução do número de integrantes por residência, a redução drástica das ocorrências policiais, principalmente as ligadas ao tráfico de drogas e aos homicídios, enfim a Vila começou a deixar de apresentar características de periferização, entrando, portanto, num processo de desperiferização.

11 - Em levantamento estatístico, realizado em 2008, a Companhia Paranaense de Habitação constatou possuir a Vila Zumbi dos Palmares mais de 6.900 moradores.

Grande parte daqueles ocupantes anteriores, diante de todas as mudanças, ao deixar a Vila, levou para outros “pedaços”, outros “lugares”, outras áreas em periferização ou não, além das precariedades socioeconômicas, todo um arcabouço de experiências vivenciadas durante a sua permanência na vila Zumbi. E provavelmente, a maioria, assim continue levando as experiências do atual local para outro periferizado; lá as reelaborando, em um constante processo ativo, na lógica do P-D-R/NP.

As *periferias*, ao mesmo tempo em que apresentam maior intensidade e volume, apresentam crescente efemeridade em suas espacialidades, pois, ao passo que são os locais possíveis à massa cada vez maior de pessoas relocadas em função do mercado fundiário urbano, são, também, objeto de crescente interesse desse mesmo mercado especulativo, dentro das tendências da contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se trata simplesmente de excluir ou incluir; de apenas relacionar significativo com significado; ou ainda de se ter um *lugar* ou um *não-lugar*, mas de se trabalhar as complementariedades, os Espaço-MUNDOS (SAHR, 2007, p. 73), os enfoques a partir dos quais as inúmeras categorias intermediárias, como os *Entre-Lugares*, entre tantas outras precisam ainda ser desvendadas, exploradas, uma vez que as essências e as “transessências” dos fenômenos não estão nos extremos e sim nessas categorias intermediárias.

Necessário se faz renovar a análise e, se preciso, desfazer os mitos com relação a essas espacialidades denominadas de “periferias urbanas”, fazendo-se uso do “confronto” da teoria disponível com as constatações obtidas em *loco*, numa permanente evolução. Concebê-las pelas condições econômico-sociais apresentadas e não pela simples localização “geometrificada” no espaço metropolitano.

Torna-se importante destacar que as periferias urbanas não devem ser reconhecidas pela simples localização na região urbana/metropolitana, mas pelas espacialidades formadas, pelas suas características socioeconômicas e culturais, de maneira que o interesse contemporâneo recaia no teor das suas materialidades e na subjetividade das suas potencialidades.

Dessa forma, torna-se importante a inserção, no estudo dessas espacialidades, os comportamentos rotineiros dos atores envolvidos, as motivações, as relações e formas de agir, enfim os meandros dos fatores socioculturais que não podem ser descartados caso se queira compreender os valores e as condições de vida dos seus moradores, a partir das quais as semioses são constantemente feitas, refeitas e (trans)feitas, e assim apresentam crescentes conotações e transcendências que as análises dualistas não conseguem abarcar.

REFERÊNCIAS

COMEC, dados retrabalhados do censo demográfico de 2000, do IBGE, referentes à Região Metropolitana de Curitiba. 2001.

COHAPAR. **Cadastro sócio-econômico**: vila Zumbi dos Palmares, 2008.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. 123p. p. 92-123.

DOMINGOS, A. Qualificação das Periferias. **Infogeo**, 2007, p. 139-143.

FIRKOWSKI, O. L. C. de. **A nova territorialidade da indústria e o aglomerado metropolitano de Curitiba**. São Paulo: 2001, 278 p. Tese de Doutorado em Geografia, FFLCH – USP.

FRÚGOLI JR, H. **O urbano em questão na antropologia**: interfaces com a sociologia. *Revista de Antropologia*, Vol. 48, nº 1: São Paulo, jan/jun 2005, p.133-151.

Jornal Notícias do Paraná, vinculado ao governo do Estado do Paraná, Set. de 2008.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

LEFEBVRE, H. **The production of space**. Oxford, UK: Blackwell, 1994. 454p. (orig.1974).

_____. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

MOURA, R. e ULTRAMARI, C. **O que é Periferia**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

POLLI, S. A. **Curitiba, metrópole corporativa**. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado, UFRJ, 2006.

SAHR, W-D. **Linguagem, imagem e o performativo**: um tour d'horizon na Nova Geografia Cultural, 2006.

_____. **Signos e EspaçoMUNDOS** – A semiótica da Espacialização na Geografia Cultural. p. 57-79. In KOZEL, S., SILVA, J. da C. e FILHO, S. F. G. (orgs). **Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Imagem, NEER, 2007.

SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **A natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo, Hucitec, 1996.

_____. **O Papel Ativo da Geografia** – um manifesto. Revista Território. Rio de Janeiro, ano V, p. 103-109, jul/dez, 2000.

SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

Fabiane de Carvalho de Oliveira¹

RESUMO: O presente estudo foi desenvolvido com o intuito de pesquisar a importância do planejamento urbano como atrativo turístico de Curitiba. Dessa forma, primeiramente abrange um estudo da linha histórica do planejamento urbano da cidade, as mudanças e evoluções ocorridas ao longo do tempo, algumas conceituações e opiniões sobre o assunto. A seguir, são relatados os principais atrativos da cidade decorrentes desse planejamento urbano. Por último, apresenta-se os resultados de uma pesquisa realizada junto a uma amostra da população da capital e de visitantes, que identifica o planejamento urbano reconhecido como atrativo turístico da cidade.

Palavras-chave: planejamento urbano, atrativos turísticos, turismo.

ABSTRACT: The present study was developed aiming at the research on the urban planning as a tourist attractive in Curitiba. First it contains a study on the history of the urban planning of the city, the changes and development occurring in different periods, and some concepts and opinions about this matter. After that, one reports the main attractions in the city which have urban development as a source. At last, one presents the results of a research made with a part of the city population and also with visitors that identify the urban planning recognized as a tourist attraction in the city.

Keywords: urban planning, tourist attractions, tourism.

1 - Bacharel em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Email: fabianedecarvalho@gmail.com

INTRODUÇÃO

A cidade de Curitiba vem passando por intenso processo de transformação que se iniciou na década de 40 e continua em desenvolvimento até os dias atuais. Desde aquela época, os governantes estaduais e municipais procuraram desenvolver estratégias de planejamento, de forma a evitar o crescimento descontrolado da cidade e demais conseqüências indesejáveis. Dessa maneira, Curitiba tornou-se objeto de atenção mundial pelo considerado nível de qualidade de vida conquistado pelos seus habitantes a partir da década de setenta. Com um programa que serviu de modelo para todo o país, o que inclui a racionalização dos transportes e a criação de uma rua de pedestres e áreas de lazer, a cidade tornou-se pioneira no que passou a ser chamado de “humanização urbana”.

O planejamento urbano de Curitiba procurou harmonizar o desenvolvimento econômico e a questão ambiental, buscando ser uma cidade moderna e atrativa aos visitantes.

A pesquisa que se realizou tem por objeto de estudo o planejamento urbano de Curitiba como atrativo turístico da cidade, analisando o processo de transformação da cidade, que serviu de modelo para todo o país.

O principal objetivo da pesquisa foi o de estudar a importância desse planejamento como um atrativo, investigando a cronologia de desenvolvimento do planejamento urbano desde quando começaram a se desenvolver as primeiras intervenções. Outro objetivo foi o de pesquisar e identificar como foi feito esse planejamento, e qual a importância desse processo para a criação de uma cidade com um bom índice de qualidade de vida. Também foram referenciados os principais atrativos da cidade decorrentes deste processo de planejamento e o quão eficientes realmente foram esses esforços para construir a imagem de Curitiba como cidade modelo.

Através de pesquisa de campo, com a aplicação de um questionário para um público de 100 (cem) pessoas, dentre elas moradores da cidade

de Curitiba e visitantes, procurou-se verificar se há a identificação do planejamento urbano como atrativo turístico de Curitiba.

Para a contextualização, este artigo foi dividido em três partes. A primeira, constitui-se de pesquisa bibliográfica, estudando o histórico do planejamento urbano da cidade. Na segunda parte, serão abordados os principais atrativos turísticos que surgiram em consequência deste planejamento e, a última divisão do trabalho, mostrará os resultados obtidos através da pesquisa de campo, para avaliar se as pessoas reconhecem esses atrativos como decorrentes do planejamento urbano.

HISTÓRICO DO PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA

As primeiras preocupações com as condições de urbanidade da cidade de Curitiba datam do século XIX. Mas as primeiras intervenções urbanas aconteceram a partir de 1853, com a emancipação política do estado do Paraná, em que Curitiba foi obrigada a se preparar para ser a capital da nova Província.

Desde o início, houve a preocupação em estabelecer um novo traçado para a cidade. O crescimento da população urbana trouxe problemas infra-estruturais que preocuparam as autoridades da época, que se viram forçadas a tomar medidas para evitar um prematuro caos urbano, fato que preocupou as autoridades locais e, para manter a ordem na cidade, tomaram algumas medidas como a criação do Código de Posturas que previa padrões de higiene, aperfeiçoava a estrutura da cidade, estimulava o plantio de árvores e estabelecia regras para a coleta de lixo. A principal idéia era inserir Curitiba nos ideais de outras grandes cidades, tendo como princípios a democracia, a cultura, a virtude, a beleza, a confraternização, o movimento, o trabalho e o lazer. Definiram-se áreas de especialização de atividades urbana. Buscando reformar a cidade, foram instaladas as primeiras redes de distribuição de água e coleta de esgotos, as avenidas construídas e pavimentadas, e houve o surgimento da preocupação em ordenar a paisagem da cidade. Curitiba foi

dividida em zonas, cada uma delas condicionada a uma determinada função, conforme o nível social e econômico da população.

A história formal do planejamento urbano de Curitiba começou entre 1941 e 1943, com o Plano Agache. Alfred Agache, engenheiro francês contratado pela empresa Coimbra & Cia. Ltda., desenvolveu um projeto para a cidade propondo uma configuração radiocêntrica, constituída por largas avenidas em sentido radial e perimetral, que tinha o objetivo de estabelecer vias de ligação entre setores de áreas especializadas, diretrizes e normas técnicas para ordenar o crescimento físico, urbano e espacial da cidade, disciplinando o tráfego, organizando as funções urbanas, estabelecendo zoneamento específico para as diversas atividades, codificando as edificações, centralização dos edifícios apropriados para sede do Governo do Estado (Centro Cívico), vários centros de irradiação de vida comercial e social a fim de estimular e orientar o desenvolvimento da cidade.

O plano tinha em vista a desapropriação destinada ao alargamento e à implantação de novos eixos viários, as avenidas superdimensionadas para o volume de tráfego existente, o que acabou dando ao plano a designação de Plano das Avenidas.

As autoridades também passaram a preocupar-se com a preservação dos espaços naturais da cidade:

A preocupação com áreas verdes também aparecia com destaque. O intuito era a arborização da área central e a preservação das áreas periféricas existentes. Propunha-se a criação pela prefeitura de um horto botânico para a adaptação e multiplicação das espécies vegetais necessárias à arborização de ruas e jardins. Já quanto à preservação das áreas verdes ao redor do núcleo urbano, propunha-se a criação de parques que servissem ao mesmo tempo áreas de lazer e para conservação de espécies vegetais de grande porte. (MENEZES, 1996, p 66).

Data daquela época a criação dos setores especializados: Centro Cívico,

onde foram construídos os Palácios da Prefeitura e do Governo; a cidade universitária (atual Centro Politécnico), a criação de parques destinados ao lazer e recreação e principalmente à preservação de espécies.

A década de 1940 marca a época de ouro do plantio de café no norte do estado do Paraná. Devido à alta valorização das terras para venda a grandes proprietários cafeeiros, grandes contingentes de pequenos proprietários e trabalhadores rurais foram obrigados a vender suas terras e conseqüentemente procurar um novo meio de sobrevivência na capital do estado. Esse acontecimento fez com que Curitiba fosse apontada pelo Censo de 1950 como a capital brasileira com o maior índice de crescimento populacional, com sua população praticamente duplicando a cada dez anos.

Diante do aumento significativo da população, um novo Código de Posturas foi elaborado em 1953. Esse novo Código era destinado ao monitoramento da cidade, principalmente no controle do meio ambiente. “Ficaram claros os propósitos de controlar a degradação ambiental, com base em uma visão abrangente do ecossistema urbano.” (MENEZES, 2001, p. 69).

Em 1956, com a reestruturação da prefeitura, surgiu o Departamento Municipal de Planejamento e Urbanismo, que era o principal responsável pelo controle urbanístico da cidade.

A cidade de Curitiba, na década de 1960, passou por mais um elevado crescimento populacional, o que levou à readequação do Plano Agache. Através da criação do Código de Zoneamento, determinava-se a divisão da cidade em zonas residenciais, comerciais e industriais, estabelecendo uma nova divisão para a cidade. Nessa época, surgiu a COPLAC (Comissão de Planejamento de Curitiba), que se propunha a ajudar a controlar a organização espacial da cidade e a fiscalizar a maneira como se constituíam as habitações e o uso do solo.

Curitiba passou a enfrentar problemas e houve a necessidade de reexaminar o Plano Agache. O ano de 1963 marca o surgimento da URBS

(Companhia de Urbanização e Saneamento de Curitiba), responsável por “desenvolver obras de infra-estrutura, programas de equipamentos urbanos, estudos e projetos vinculados aos referidos programas.” (CURITIBA, 2005)

A Prefeitura propôs concorrência pública para a elaboração de um novo plano urbanístico para Curitiba. Foi então que a Sociedade Serete de Estudos e Projetos associada à empresa Jorge Wilhem Arquitetos Associados se propuseram a desenvolver um novo plano urbanístico para a cidade de Curitiba. Mas, ao invés de estabelecer um novo Plano Diretor, optaram por um Plano Preliminar aberto, passível de revisões, modificações e aperfeiçoamento.

Despertava nesse momento o desejo de modificar a cidade, planejá-la como uma cidade de primeiro mundo. A década de 60 marca a participação de Jaime Lerner, que por sua vez exerceu papel decisivo não só na formulação do Plano Preliminar, mas também nas próximas fases do processo. É de sua autoria a configuração do IPPUC, (Instituto de Pesquisa e Planejamento de Curitiba). (IPPUC, 1997)

Em 1965, o Plano Preliminar estava concluído. Seu principal objetivo era evitar o crescimento da malha urbana de forma descontrolada, propondo um crescimento linear à cidade, através da criação de vias lineares de circulação ou vias estruturais, em que se imaginava que a oferta adequada dos meios de transporte incentivaria o adensamento populacional. Dentre outras propostas, estava a de evitar a expansão do centro tradicional de Curitiba para evitar sua deteriorização, mantendo a preservação e a revitalização dos setores históricos tradicionais. No mesmo ano, é apresentado à população o Seminário Curitiba do Amanhã. Para Coelho, citado por Menezes (1996, p. 82):

A estratégia da elaboração do Seminário Curitiba do Amanhã foi fundamental no processo de planejamento. Ele desempenhou importante legitimidade da atividade planejadora ao identificá-la com mecanismos democráticos ou de deliberação. O envolvimento da comunidade nas discussões do seminário proporcionou ao Plano Preliminar um considerável suporte, sobretudo nos setores técnico, cultural e administrativo.

A década de 70 é marcada pelo processo de construção da nova imagem de Curitiba, período correspondente a primeira gestão de Jaime Lerner. Passou-se a creditar que a melhor forma de planejamento urbano era mexer na infra-estrutura físico-espacial, e o plano urbanístico deveria ser instrumento de introdução de racionalidade nos processos de implementação de ações tendentes a atingir objetivos comuns.

Curitiba enfrentava nesta época problemas de enchentes e inundações, o índice de áreas verdes por habitante era menos de 1m², e o transporte público era precário. Para reverter esse quadro, repensou-se na cidade como um todo, proporcionando realizações nos setores da circulação, recreação, educação e industrialização. Foi criado o setor histórico e a Rua das Flores, inaugurada em 1972, foi fechada ao trânsito, transformando-se num calçadão. Houve a criação de novos pontos de encontro para as pessoas, investiu-se na implantação de espaços públicos abertos, na criação de parques, praças e áreas verdes adicionais. A preocupação com o meio ambiente pesou bastante, foram pesquisadas, levantadas e desapropriadas áreas de várzeas de rios impróprias para qualquer tipo de construção, perante os riscos permanentes de enchentes. Estas áreas foram destinadas à instalação de parques e bosques. Nesse período, a prefeitura de Curitiba incentivou a plantação de 60.000 mudas de árvores, com o projeto Sombra e Água Fresca.

Essa estratégia era para envolver os habitantes num projeto de co-responsabilidade pelos destinos da cidade, que ia além de uma mera transformação da estrutura urbana. A intenção era mudar a mentalidade da população, transformando a relação desinteressada e despersonalizada que, até então, ela estabelecia com a cidade. Para isso era preciso resgatar a memória histórico-cultural da cidade, incentivando essa população a se inteirar do processo formativo da cidade nos vários aspectos. (MENEZES, 1996, p.95)

Como previsto no Plano Preliminar, iniciou-se a revitalização do Setor Histórico, a reciclagem de espaços antigos abandonados, a reciclagem e a recuperação de praças e da área central da cidade. Procurou-se dar um

formato mais adequado à paisagem, tanto das áreas estruturais quanto das vias estruturais. Foi então que surgiram as áreas verdes inseridas no contexto urbano, destinadas principalmente ao lazer. E a rede de transporte integrada com o objetivo de propiciar o uso integrado das diversas modalidades de ônibus de circulação da cidade.

Em poucos anos se idealizou e materializou as estratégias de intervenção no espaço urbano previsto no Plano Preliminar, o que garantiu de antemão que as reformas futuras fossem irreversíveis, restando pouco a ser feito com relação ao espaço físico da cidade.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – ANOS 90

Curitiba continua a promover revoluções na área de meio ambiente, transporte, habitação, saúde, educação e geração de emprego. A cidade conta 17 parques e 13 bosques (CURITIBA, 2006).

A Rede Integrada de Transporte (RIT) se consolida e começam a circular os ônibus Biarticulados e os Ligeirinhos. A rede de transporte coletivo sofreu algumas adaptações, com elevadores de acesso instalados nos ônibus e nas estações tubos. Para permitir maior acessibilidade aos deficientes físicos, foram instaladas rampas e guias rebaixadas nos principais cruzamentos da cidade. A transformação cultural da cidade passa por um intenso e ininterrupto processo voltado à promoção de uma identidade cultural e de referenciais urbanos para a cidade como um todo.

Em homenagem aos imigrantes responsáveis pela formação da população de Curitiba, foram criados o Bosque do Alemão, Bosque de Portugal, Bosque Ucraniano, o Portal Polonês e o Portal Italiano entre outros.

A administração de Curitiba voltou-se para a busca da qualidade de vida do cidadão. Foram criados vários programas, entre eles o Projeto Linhão do Emprego, Liceu de Ofícios, Linhão Turismo, Programa de Planejamento Familiar, Vigilância Sanitária, Centros de Educação Integral, os Faróis do Saber, Programa de Alfabetização Ecológica, entre outros.

O desenvolvimento urbano da cidade de Curitiba desde o século XIX apresenta alguns dos projetos e soluções urbanísticas que mereceram reconhecimento nacional e internacional, de tal forma que, com o intuito de aperfeiçoar a estrutura da cidade para seus moradores, também se tornaram atrativos e marcos turísticos da cidade.

ATRATIVOS DECORRENTES DO PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA

Curitiba tornou-se objeto de atenção mundial pelo avançado nível de qualidade de vida de seus habitantes. O seu projeto de planejamento urbano serviu de modelo em todo o país, destacando a capital do Paraná como exemplo de gestão urbana sustentável. Segundo MENEZES (2001, p. 147), “o cenário mundial formado por meio de ações locais de cunho sustentabilista passou a contar com Curitiba como um dos pontos de referência”. A cidade possui um dos melhores índices de área verde do país. A ocupação do solo urbano foi feita se integrando ao ambiente natural, que é a maneira mais indicada para a preservação da paisagem e para o controle da poluição visual, que resulta da desconfiguração do meio urbano.

Tudo isto contribuiu para que a cidade se tornasse um marco de referência nacional e internacional, em gestão urbana, planejamento e qualidade de vida.

Segundo a revista *Veja* de 13/02/1991 citado em Sanchez Garcia, (1997, p.114) “Curitiba, confirmada como a Capital Ecológica do País, ganha hoje novos habitantes a maioria executivo que chegam em busca da qualidade de vida. E aqui encontram”.

Na cidade, é possível identificar áreas de grande valor paisagístico, as quais foram ocupadas de forma planejada, aproveitando as características naturais do meio. Houve uma grande preocupação em ordenar o crescimento da cidade e melhorar a qualidade de vida dos moradores da região, ordenar o trânsito e criar áreas destinadas ao lazer das pessoas, à preservação e ao reaproveitamento dos recursos naturais da cidade.

A modernidade urbana estava inserida em Curitiba. A cidade possuía um sistema de transporte moderno, as áreas de fácil degradação e possíveis de ocupações irregulares foram transformadas em parques e bosques como os parques: Barigüi, Pedreiras, Tanguá, Ópera de Arame, Universidade Livre do Meio Ambiente, entre outros, que atualmente tornaram-se grandes atrativos da cidade e evitando assim enchentes e erosões.

É possível perceber que os parques foram criados para evitar problemas de drenagem de áreas inundáveis e saneamento urbano, impedindo o agravamento da situação. Os bosques e parques também foram criados para despertar entre os moradores a preocupação com o meio ambiente e as áreas nativas. Tanto os parques como os bosques tornaram-se áreas de lazer, destinadas à população.

Muitas obras criadas para a melhoria da cidade tornaram-se atrativos que além de atrair os turistas, atraem a própria população, tornando a cidade foco de um dos investimentos que mais crescem atualmente que é a indústria do turismo.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi feita uma análise da importância urbana e turística, considerando o questionário de pesquisa de campo, para identificar os principais atrativos da cidade. Além disso, foram realizadas investigações qualitativas nos órgãos públicos responsáveis pelo turismo como a Paraná Turismo e o Instituto de Turismo do Município. A partir das informações obtidas foram selecionados: o Jardim Botânico, a Ópera de Arame, o Parque Barigüi, a Universidade Livre do Meio Ambiente ou Bosque Zaninelli e a Rua das Flores, os quais foram oriundos de ações integradas entre o urbanismo e seu uso turístico.

O Jardim Botânico foi criado com o objetivo de resolver o problema das ocupações irregulares na região e dotar a cidade de um jardim botânico. Atualmente é um dos mais bonitos cartões postais da cidade de Curitiba, que com o seu aspecto paisagístico passou a ser um dos pontos mais visitados na cidade.

A Ópera de Arame foi criada juntamente com o Parque das Pedreiras com o objetivo de aproveitar a área abandonada de uma antiga pedreira na cidade. É uma das principais atrações da cidade, junto com o Parque das Pedreiras, conhecido como Espaço Cultural Paulo Leminski, que é um espaço criado para a realização de *shows*, possui uma excelente acústica proporcionada pelo paredão de rocha maciça com mais de 30m de altura que o cerca.

O Parque Barigui, criado em 1972, é um dos principais pontos de encontro da cidade e um dos mais freqüentados.

O parque foi criado para evitar as enchentes anuais do rio Barigüi e proteger o entorno do lago que foi construído para este fim. O Parque Barigüi, assim como os demais parques da cidade, faz parte de uma política municipal de preservação de fundo de vale, cujo principal objetivo é evitar o assoreamento e a poluição dos rios através de monitoramento, proteger a vegetação, bem como impedir a ocupação irregular das suas margens, tornando estas áreas abertas à população na forma de parques e proporcionando lazer às pessoas.

A universidade livre do meio ambiente (Unilivre), ou Bosque Zaninelli, foi criada a partir de uma área verde regenerada naturalmente após ter sido utilizada desde 1947 para exploração de granito, o que originou um grande paredão de pedra e o lago. A Unilivre foi aberta como uma unidade da prefeitura destinada a disseminar práticas, conhecimentos e experiências, relacionadas às questões ambientais, principalmente os problemas e soluções relacionados ao crescimento desordenado das cidades e banco de dados para referência de profissionais que lidam com o meio ambiente.

A Rua das Flores ou XV de Novembro está situada no centro de Curitiba, Paraná, entre a Praça Osório e a Praça Santos Andrade. No começo de sua existência, a Rua das Flores era apenas uma rua normal com quadras cercadas de arame transformando a rua em potreiro para o transporte de animais. Mais tarde, em 1972, a rua foi fechada e transformada em um calçadão, que hoje abriga várias lojas e é espaço pra a manifestação de artistas locais.

IDENTIFICAÇÃO DA ATRATIVIDADE TURÍSTICA DOS ELEMENTOS DO PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizadas técnicas padronizadas de coleta de dados, com a aplicação de questionários estruturados.

Na pesquisa realizada para este projeto, foram estudadas informações e as opiniões de uma amostra de 100 entrevistados, entre moradores de Curitiba e visitantes, com o objetivo de identificar se o planejamento urbano da cidade é reconhecido como atrativo turístico.

Foi aplicado um questionário contendo sete perguntas a respeito dos principais atrativos da cidade que surgiram decorrentes do planejamento urbano (OLIVEIRA, 2006). O período de aplicação para coleta dos dados foi do dia 19 a 28 de fevereiro de 2006. A análise dos dados foi realizada em gráficos, e interpretados considerando os objetivos já elencados.

Conforme se pôde comprovar através da pesquisa de campo, foram observados que os atrativos citados como mais representativos de Curitiba são provenientes do planejamento urbano. O gráfico a seguir representa os principais atrativos que representam soluções urbanísticas e que foram revelados pela pesquisa.

PRINCIPAIS ATRATIVOS DE CURITIBA

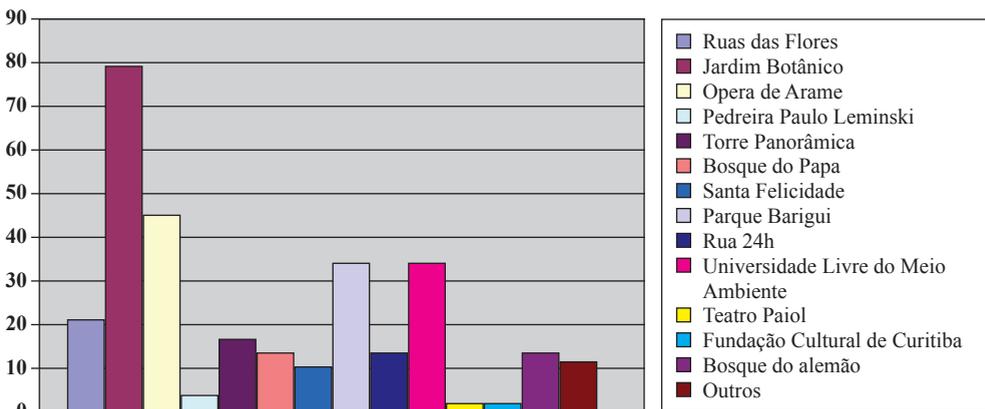


GRÁFICO 01 - Principais atrativos da cidade. Fonte: Oliveira, 2006.

Esse planejamento foi considerado um referencial da cidade, pois procurou amenizar os problemas urbanos e ao mesmo tempo torná-la uma cidade moderna e bem estruturada para seus habitantes. Em todos esses processos, predominou a convicção de que a cidade deveria ser feita para o cidadão. A partir deste objetivo houve a criação de um leque de oportunidades de cultura e lazer utilizando uma política de preservação do patrimônio histórico, a manutenção e a conservação do meio natural em que se procurou dar um novo formato à paisagem da cidade, constituindo-a num fator de atratividade turística.

CONCLUSÃO

Curitiba passou por um processo contínuo de transformações, no qual procurou desenvolver a melhor forma de ordenar o seu espaço, facilitar a vida de seus moradores e ampliar o índice de qualidade de vida dos mesmos. O planejamento urbano de Curitiba procurou harmonizar o desenvolvimento econômico e a questão ambiental, buscando tornar a cidade moderna e atrativa aos visitantes.

Nesse contexto, procurou-se nesta pesquisa investigar a linha histórica do planejamento urbano de Curitiba; identificar os principais atrativos decorrentes desse planejamento; verificar com a demanda turística se há a identificação do planejamento urbano como atrativo turístico da cidade.

Segundo a primeira hipótese do trabalho, a qual afirmava que os atrativos turísticos são decorrentes do planejamento urbano, está correta, pois hoje a maioria das soluções encontradas para melhorar a cidade fazem parte dos cartões- postais da mesma. Pode-se tomar como exemplo o Jardim Botânico e a Ópera de Arame, que foram os atrativos mais citados na pesquisa de campo e também citados por órgãos públicos.

Quanto à segunda hipótese, a qual afirmava que a demanda turística identifica como atrativo o planejamento urbano, pode-se comprovar através da pesquisa de campo que realmente a maioria dos moradores e visitantes da

cidade reconhecem o planejamento urbano como um atrativo de Curitiba ao elencarem ícones da cidade como identidades turísticas.

Portanto, através da pesquisa realizada, notou-se que a maioria dos entrevistados reconhece o processo de planejamento da cidade e o identifica como um diferencial.

REFERÊNCIAS

CURITIBA. Prefeitura Municipal de Curitiba. **Parques e Bosques**. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br>> Acesso em 12 jan 2006.

CURITIBA. Prefeitura Municipal de Curitiba. **Urbs**. Disponível em: <http://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/PORTAL/empresa/index.php?pagina=missao>> Acesso em 15 dez 2005.

IPPUC. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. **Gestão Urbana e Cidadania**. Curitiba. Ippuc, 1997.

MENEZES, Claudino Luiz. **Desenvolvimento urbano e meio ambiente: a experiência de Curitiba**. Campinas: Papirus, 1996.

OLIVEIRA, Fabiane de C. de. **Planejamento Urbano como Atrativo Turístico de Curitiba**. Curitiba, 2006. Monografia Setor de Ciências Jurídicas e Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. 53p.

SANCHEZ GARCIA, Fernanda Ester. **Cidade Espetáculo**. Curitiba: Editora Palavra Ltda., 1997.

REDES NEURAIS ARTIFICIAIS NA PREVISÃO DO TEMPO DE DURAÇÃO DE AUDIÊNCIAS TRABALHISTAS

Alessandra Memari Pavanelli¹

Cap QCO Genival Pavanelli²

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo prever o tempo de duração de audiências trabalhistas, otimizando dessa maneira, o agendamento dos horários dos juízes do Fórum Trabalhista de São José dos Pinhais (SJP), Paraná. A metodologia proposta neste trabalho consiste em comparar duas ferramentas: Rede Neural Artificial (RNA) e Regressão Linear Múltipla. Para tanto, utilizou-se os dados dos processos do Fórum Trabalhista de SJP. Foram treinadas diversas RNAs com várias topologias e, em alguns casos, utilizando a Análise de Componentes Principais, buscando melhorar ainda mais os resultados obtidos. Na Regressão Linear Múltipla os testes foram realizados com os mesmos conjuntos de dados utilizados nas RNAs a fim de comparar as duas técnicas. As ferramentas utilizadas mostraram-se bem eficientes, sendo que para o problema abordado, o desempenho das RNAs, com a utilização de Análise de Componentes Principais, foi superior ao resultado apresentado pela técnica de Regressão Linear Múltipla.

Palavras-chave: Audiências Trabalhistas; Rede Neural Artificial; Regressão Linear Múltipla.

1 - Professora de Física no Colégio Militar de Curitiba
Mestre em Métodos Numéricos em Engenharia – PPGMNE – UFPR
E-mail: alessandracmc@bol.com.br

2 - Professor de Física no Colégio Militar de Curitiba
Mestre em Métodos Numéricos em Engenharia – PPGMNE – UFPR
E-mail: pavanelllicmc@bol.com.br

INTRODUÇÃO

Atualmente, muitos países possuem legislação trabalhista, mas nem sempre foi assim. No Brasil, a Justiça do Trabalho e a legislação trabalhista surgiram somente depois do século XIX, após várias lutas e reivindicações provenientes das classes operárias. Somente a partir da Revolução de 1930 é que foi criado o Ministério do Trabalho, e a Justiça do Trabalho foi prevista pela Constituição de 1934. Atualmente a Justiça do Trabalho está estruturada em três graus de jurisdição:

- Primeiro Grau: Varas do Trabalho;
- Segundo Grau: Tribunais Regionais do Trabalho;
- Terceiro Grau: Tribunal Superior do Trabalho.

De acordo com o Tribunal Superior do Trabalho (TST), existem em todo o Brasil 24 Tribunais Regionais do Trabalho (TRT) e cerca de 270 novas Varas do Trabalho foram criadas, a partir de 2003, com o objetivo de acelerar os trâmites legais dos processos trabalhistas (TST, 2007). Só no estado do Paraná, no TRT da 9ª Região, existem 28 desembargadores distribuídos em todo o estado (TRT, 2007). Das 77 Varas do Trabalho do estado do Paraná, São José dos Pinhais (SJP) ocupa o 2º lugar em número de ações trabalhistas. No ano de 2006, o Fórum Trabalhista de SJP passou a contar com a 2ª Vara do Trabalho. Em virtude do aumento do número de processos trabalhistas, como consequência da industrialização maciça no município, faz-se necessária a expansão e a agilidade nos serviços da justiça. Com isso, a necessidade do uso de ferramentas matemáticas para o agendamento inteligente das audiências é de fundamental importância para essa agilidade na justiça.

O objetivo deste trabalho é estimar o tempo aproximado de cada audiência do Fórum Trabalhista de SJP, a fim de obter um agendamento “inteligente” dessas audiências. Para tanto, utilizar-se-á de dois métodos: um na área de inteligência artificial, Redes Neurais Artificiais e outro estatístico, Regressão Linear Múltipla. O objetivo de utilizar os dois métodos é o de se fazer uma comparação entre os resultados finais obtidos e, com isso, verificar qual fornece o melhor resultado.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: na Seção 2 está a descrição do problema, levantamento e tratamento dos dados. Na Seção 3 está a metodologia do trabalho, momento em que são apresentados conceitos que envolvem as técnicas de RNAs, Análise de Componentes Principais e Regressão Linear Múltipla. A Seção 4 descreve a implementação computacional das técnicas utilizadas e a análise dos resultados. Finalizando, na Seção 5 são apresentadas as conclusões obtidas através da análise dos resultados da seção anterior.

DESCRIÇÃO DO PROBLEMA, LEVANTAMENTO E TRATAMENTO DE DADOS

Os dados utilizados neste trabalho foram obtidos junto ao Fórum Trabalhista de SJP, que hoje conta com a 1ª e 2ª Varas, trabalhando em ritmo acelerado e, em virtude dessa grande demanda de processos trabalhistas, está prestes a inaugurar a 3ª Vara. Somente no ano de 2006, o Fórum Trabalhista recebeu cerca de seis mil processos, número este que vem aumentando ano após ano.

Com o propósito pré-estabelecido de treinar uma RNA e também a aplicação da técnica da Regressão Linear Múltipla, a fim de obter a previsão da duração de uma audiência trabalhista, foram realizadas várias reuniões com o juiz titular do Fórum Trabalhista de SJP, com o objetivo de determinar quais dados seriam relevantes. Tais dados, também chamados de atributos da RNA, são citados a seguir.

- a. Rito: pode ser rito trabalhista (RT) ou procedimento sumaríssimo (PS);
- b. Tempo de Serviço: é dado em meses pela diferença entre a data de dispensa e data de admissão;
- c. Salário do Reclamante: último salário recebido;
- d. Profissão: função exercida pelo reclamante. Dividiu-se este atributo em duas partes: setor, que se subdivide em comércio, indústria e serviço; e cargo, que se subdivide em direção e execução;

- e. Objeto do Processo: corresponde às solicitações feitas pelo reclamante. São elas: falta de registro em carteira profissional, diferenças salariais, verbas rescisórias, multa do Art. 477, multa do Art. 467, horas extras e reflexos, fundo de garantia por tempo de serviço, indenização por danos morais, seguro desemprego, vale-transporte, adicional de insalubridade, adicional noturno e plano de saúde;
- f. Juiz: a 1ª Vara do Trabalho conta com mais dois juízes substitutos além do juiz titular;
- g. Depoimentos: quantidade de depoimentos em cada audiência;
- h. Acordo: quando ocorre o acordo entre as partes;
- i. Tempo da Audiência: é dado em minutos pela diferença entre o término e o início da audiência.

Os processos analisados foram ajuizados no ano de 2006, na 1ª Vara do Trabalho do Fórum de SJP. Foram coletados dados de 108 processos através de uma Ficha de Dados. Os atributos listados anteriormente serviram como dados para criar a matriz destinada ao treinamento e ao teste da RNA bem como para aplicação da técnica de Regressão Linear Múltipla.

A maioria dos dados foi tratada de forma a corresponder a uma ou mais coordenadas binárias (LU et al, 1996), (BAESENS et al, 2003) do vetor de entrada para as técnicas utilizadas, conforme comentado a seguir:

- quando o atributo “Rito” for do tipo “RT”, apresentará entrada com valor “1”; quando for do tipo “PS”, apresentará valor “0”, caracterizando-a como uma variável nominal;
- o atributo “Tempo de Serviço” foi dividido em faixas, mantendo-se a mesma cardinalidade dentro de cada uma delas. Devido ao fato de ser uma variável ordinal, as coordenadas binárias que a representam foram designadas conforme a Tabela 1 a seguir, apresentando assim três coordenadas no vetor de entrada.

TABELA 1 – Codificação do Atributo “Tempo de Serviço”

Faixa	Duração	Entrada
1	≥ 1 e < 15 meses	0 0 0
2	≥ 15 e < 35 meses	0 0 1
3	≥ 35 e < 85 meses	0 1 1
4	≥ 85	1 1 1

- o atributo “Salário”, da mesma maneira que o atributo “Tempo de Serviço”, foi dividido em faixas procurando manter a mesma cardinalidade dentro de cada uma delas. Conforme mostra a Tabela 2, a seguir, este atributo fornece quatro coordenadas para o vetor de entrada;

TABELA 2 – Codificação do atributo “Salário do Reclamante”

Faixa	ÚLTIMO SALÁRIO	Entrada
1	≥ 330 e < 450	0 0 0 0
2	≥ 450 e < 620	0 0 0 1
3	≥ 620 e < 800	0 0 1 1
4	≥ 800 e < 1340	0 1 1 1
5	≥ 1340	1 1 1 1

- o atributo “profissão”, classificado como variável nominal, foi dividido em “setor” e “cargo”, conforme citado anteriormente. De acordo com a Tabela 3, a seguir, este atributo apresentará quatro coordenadas no vetor de entrada;

TABELA 3 – Codificação do atributo “Profissão”

Setor	Cargo	Coordenadas		Entrada
		Do Setor	Do Cargo	
Comércio	Direção	0 0 1	1	0 0 1 1
	Execução	0 0 1	0	0 0 1 0
Indústria	Direção	0 1 0	1	0 1 0 1
	Execução	0 1 0	0	0 1 0 0
Serviço	Direção	1 0 0	1	1 0 0 1
	Execução	1 0 0	0	1 0 0 0

- o atributo “Objeto do Processo” possui 13 coordenadas binárias no vetor de entrada. Cada uma das coordenadas corresponde a uma das solicitações do autor do processo, conforme já mencionado. Apresentará valor “1”, se for solicitada; valor “0”, em caso de não solicitação;

- como foram analisados processos de três juizes diferentes, e por se tratar de um atributo nominal, cada um deles foi codificado conforme a Tabela 4, a seguir;

TABELA 4 – CODIFICAÇÃO DO ATRIBUTO “JUIZ”

Juiz	Entrada
1	1 0 0
2	0 1 0
3	0 0 1

- como o número de depoimentos em cada audiência não era superior a quatro, manteve-se este atributo com o seu valor original;
- quando houver “Acordo” entre as partes antes do julgamento, este atributo apresentará o valor “1”, caso contrário apresentará o valor “0”.

Sendo assim, o vetor de entrada dos dados possui 30 coordenadas, que são os atributos codificados do processo conforme especificado anteriormente. A matriz de entrada de dados possui então 108 linhas e 30 colunas, considerando-se que os dados foram retirados dos 108 processos (padrões).

Podem-se citar algumas publicações relacionadas a este trabalho: o trabalho de PAVANELLI (2007) tem como objetivo fornecer uma previsão do tempo de duração de um processo trabalhista. Os dados também foram obtidos junto à 1ª Vara do Trabalho de SJP. Foram analisados 100 processos, dos quais 75 serviram para o treinamento da RNA e os outros 25 serviram de testes. A técnica utilizada foi RNA com o algoritmo back-propagation e função de ativação sigmoidal, que fornece saídas contidas num intervalo entre “0” e “1” para entradas contidas num intervalo de $(-\infty, \infty)$. Foi realizado o treinamento supervisionado, e diversos “testes”, com o grupo de treinamento variando o número de neurônios na camada escondida, bem como o número de iterações, de forma a obter o melhor resultado com o menor erro global no grupo de testes. Em alguns “testes”, utilizou-se a Análise de Componentes Principais, buscando melhorar ainda mais os resultados obtidos. A ferramenta utilizada apresentou-se bem eficiente e forneceu bons resultados, com uma margem de erro dentro do esperado.

BAPTISTELLA et al (2006) procuram técnicas alternativas com o objetivo de determinar valores venais para imóveis de Guarapuava – PR, pois é sabido que não existe nenhuma técnica para calcular o valor de um imóvel, apenas a experiência. O método utilizado é a comparação de técnicas matemáticas, no caso, é utilizado RNA com múltiplas camadas com diversas topologias e Análise de Regressão Linear Múltipla. Os dados foram obtidos de um Cadastro Imobiliário da cidade, fornecido pelo Setor de Planejamento da Prefeitura Municipal. As duas técnicas se mostraram eficientes, porém a RNA forneceu um resultado superior.

ADAMOWICZ (2000) utiliza técnicas de reconhecimento de padrões tais como RNA e Análise Discriminante Linear de Fisher, com o objetivo de classificar empresas como solventes ou insolventes. Os dados foram fornecidos pelo Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), Regional de Curitiba. As duas técnicas se apresentaram eficientes na discriminação das empresas, porém o desempenho da RNA se apresentou um pouco melhor que a Análise Discriminante Linear de Fisher.

AMBROSIO (2002) apresenta um trabalho que tem como objetivo desenvolver um sistema computacional para auxiliar médicos radiologistas na confirmação de diagnósticos das chamadas lesões intersticiais pulmonares. Os dados foram obtidos junto ao Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (HCFMRP) por meio de protocolos gerados por especialistas. O sistema foi desenvolvido através de RNA do tipo perceptron multicamadas, que funcionou como um classificador de padrões. O algoritmo de treinamento foi o back-propagation, e a função de ativação foi do tipo sigmoidal. Vários testes foram realizados para diferentes configurações de redes. Ficou claro que o uso desta ferramenta é viável, já que uma vez a rede treinada e seus pesos fixados, não é preciso mais acessar o banco de dados. Isso torna o sistema mais rápido e computacionalmente mais leve. A pesquisa conclui que a RNA cumpre bem seu papel como classificador de padrões.

SOUSA et al (2003) utilizam técnicas de RNA com três camadas de neurônios com o algoritmo back-propagation. O objetivo é fazer a previsão

do teor de carne mecanicamente separada (CMS) em produtos cárneos a partir do teor de minerais contidos nas salsichas formuladas com diferentes teores de carne de frango. A técnica utilizada mostrou-se bem eficiente durante a fase de treinamento e testes, no entanto, a aplicação da RNA às amostras comerciais foi inadequada devido à diferença de ingredientes das salsichas usadas no treinamento e os ingredientes das amostras comerciais.

BIONDI NETO et al (2007) mostram em seu trabalho que, atualmente, a determinação do tipo de solo é obtida através de ábacos; o objetivo dessa pesquisa é aplicar um método computacional para classificar o solo. A técnica utilizada é RNA com método Levenberg–Marquardt, que apresenta como resultado a classificação do solo para cada incremento de profundidade. Todos os dados foram obtidos de situações reais. O tempo de convergência foi rápido, o que facilitou a realização de vários testes. Os resultados apresentaram um acerto de 95% na classificação dos solos.

METODOLOGIA DO TRABALHO

A metodologia aplicada neste trabalho buscou, por meio da utilização das RNAs e da Regressão Linear Múltipla, reconhecer padrões dentro de um processo trabalhista, a fim de fazer uma estimativa do tempo de duração de cada audiência trabalhista. Pode-se, de maneira sucinta, mostrar o desenvolvimento das RNAs nos últimos 60 anos, como se segue (STEINER, 1995) e também um breve histórico da Regressão linear Múltipla (LIMA,2002):

Data de 1943, com McCulloch e Pitts, o primeiro modelo de neurônio artificial cuja coleção era capaz de calcular algumas funções lógicas. Em 1949, Hebb desenvolveu uma regra de aprendizagem básica. Em 1959, Rosenblatt criou o Perceptron, primeiro modelo de rede neural. Em 1962, Widrow desenvolveu o Adaline, um processador que possuía uma poderosa estratégia de aprendizado. Em 1969, o estudo das RNAs foi praticamente abandonado devido à repercussão do trabalho de Minsky e Papert, que expunha as limitações do Perceptron. Em 1974, Werbos lançou as bases do algoritmo back-propagation, que apresentava grande capacidade de aprendizado. A

partir de meados da década de 80, consagrou-se a técnica de treinamento por retro-propagação, fato que gerou uma explosão de interesse pelas RNAs na comunidade internacional (HAYKIN, 2001).

Apresenta-se a seguir, na Figura 1, um modelo de RNA.

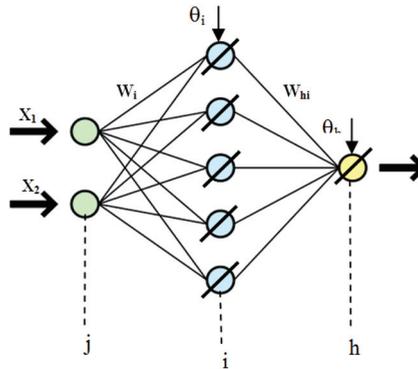


FIGURA 1. Exemplo de RNA com duas Camadas.

A RNA implementada neste trabalho é classificada como Rede de Múltiplas Camadas ou Rede feed-forward (alimentada para frente) e foi treinada através do algoritmo back-propagation, utilizando a função de transferência sigmoideal, que gera saídas entre “0” e “1” para entradas entre $-\infty$ e $+\infty$.

Para verificar a performance da rede foi utilizado o MSE (erro médio quadrático).

$$MSE = \frac{\sum_{i=1}^n (d_i^p - a_i^p)^2}{2n}$$

onde n = número de padrões, d_i^p é a saída desejada (valor real) para o padrão p e a_i^p é a saída obtida para o padrão p (pela rede).

Apresenta-se na Figura 2, um esquema do algoritmo implementado quando $h = 1$, ou seja, quando a rede apresenta um único neurônio na saída.

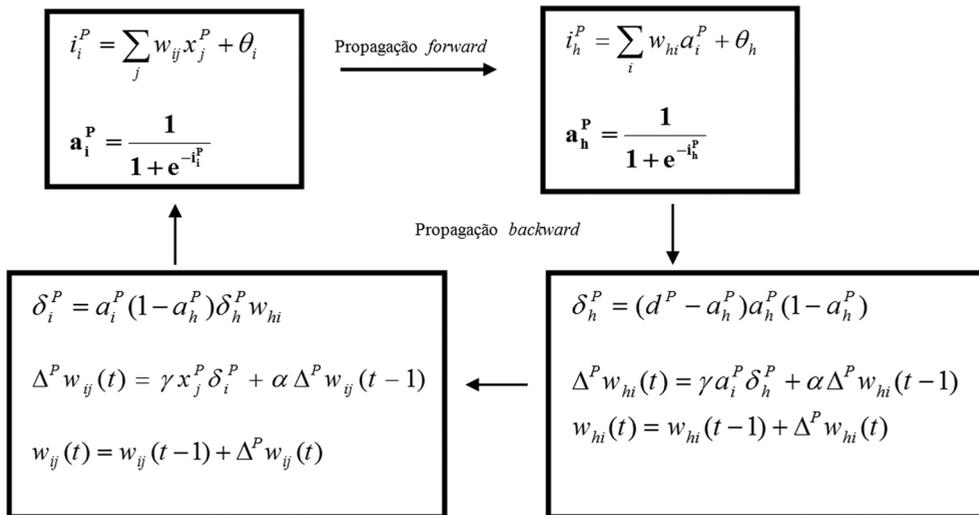


FIGURA 2. Ilustração das propagações *forward* (para frente) e *backward* (para trás) do algoritmo *back-propagation*:

Nesta Figura 2, tem-se:

p = padrão; t = iteração; γ = taxa de aprendizagem; α = taxa de momento;

w_{ij} e w_{hi} = pesos entre as camadas de entrada-oculta e oculta-saída, respectivamente;

i^p = potencial interno do processador; x_j^p = *input* para o padrão p ; a^p = *output* para o padrão p ; d^p = valor desejado para o padrão p .

O segundo método utilizado neste trabalho tem como principal objetivo descrever a relação entre uma variável resposta e uma ou mais variáveis explicativas. Os tipos de regressão mais utilizados são: Logística e Linear, muito utilizados em diversas áreas do conhecimento.

Em 1845, surgiu a técnica Regressão Logística com o objetivo de resolver problemas de crescimento demográfico. Essa técnica passou também a ser empregada na área da biologia na década de 30. Já sua aplicação em problemas

econômicos e sociais aparece somente nos anos 60. Recentemente essa metodologia tornou-se referência obrigatória em muitos manuais de econometria. A Regressão Logística é uma técnica estatística muito usada em análise de dados com respostas binárias (dicotômicas), ou seja, respostas “0” ou “1”.

Já a Regressão Linear é muito utilizada em diversas áreas da pesquisa, sendo um tipo de técnica que pode produzir valores de resposta estimada fora do intervalo $[0, 1]$. É considerado um modelo clássico de regressão. É uma técnica utilizada para estudar a relação entre uma variável dependente e várias variáveis independentes. O objetivo pode ser explicativo, ou seja, demonstrar uma relação matemática que pode indicar, mas não provar, uma relação causa e efeito, ou preditivo, quer dizer, obter uma relação que permita, perante futuras observações das variáveis X_p , prever o correspondente valor de y .

Suponha que está se querendo construir um modelo que relacione a variável resposta y com p fatores x_1, x_2, \dots, x_p . Esse modelo sempre incluirá uma parcela de erro.

Tem-se então:

$$y_i = \beta_0 + \beta_1 x_{i1} + \beta_2 x_{i2} + \dots + \beta_p x_{ip} + \varepsilon$$

para $i = 1, 2, \dots, n$; onde n é o número de observações; p o número de variáveis.

Usando notação matricial:

$$y = X\beta + \varepsilon$$

onde y é a variável resposta; X matriz do modelo; β é o vetor de parâmetros a serem estimados; ε vetor de erros aleatórios.

$$Y = \begin{bmatrix} \bar{Y}_1 \\ \bar{Y}_2 \\ \vdots \\ \bar{Y}_n \end{bmatrix} \quad X = \begin{pmatrix} 1 & x_{12} & \cdots & x_{1p} \\ 1 & x_{21} & \cdots & x_{2p} \\ \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ 1 & x_{n1} & \cdots & x_{np} \end{pmatrix} \quad \beta = \begin{bmatrix} \bar{\beta}_0 \\ \bar{\beta}_1 \\ \vdots \\ \bar{\beta}_p \end{bmatrix} \quad \varepsilon = \begin{bmatrix} \bar{\varepsilon}_1 \\ \bar{\varepsilon}_2 \\ \vdots \\ \bar{\varepsilon}_n \end{bmatrix}$$

IMPLEMENTAÇÃO COMPUTACIONAL E OBTENÇÃO DE RESULTADOS

Conforme descrito na Seção 2, os métodos propostos neste trabalho foram aplicados após a coleta e o tratamento dos dados dos 108 processos analisados, que foram ajuizados no ano de 2006, junto ao Fórum Trabalhista de SJP. Todos os dados obtidos de cada um dos processos trabalhistas serviram para compor a matriz de entrada. O treinamento da RNA implementado neste trabalho é do tipo supervisionado, ou seja, para cada vetor de entrada de dados já se conhece a saída (HAYKIN, 2001). Dessa forma, a fim de executar o treinamento e testes da RNA foi implementado um programa utilizando o Software Visual Basic 6.0.

Para a realização do treinamento da RNA foi utilizado o algoritmo supervisionado back-propagation e a função de ativação, em todos os neurônios, foi a sigmoideal, como já mencionado, que fornece saídas entre (0, 1) para entradas no intervalo $(-\infty, \infty)$. Devido a essas condições da função de ativação, foi necessário enquadrar as saídas, ou seja, os tempos de duração de cada audiência, que variam de 1 a 93 minutos, foram divididos por 93 enquadrando-os ao intervalo de abrangência da função.

Do conjunto de 108 processos cadastrados, 75% foram utilizados para o treinamento da rede e os 25% restantes foram utilizados no teste. Foram utilizados, em todos os testes, quatro conjuntos de pesos iniciais.

Foram realizados três tipos de testes. No primeiro a maioria das entradas foi codificada, conforme mencionado na Seção 2. No segundo teste, além das entradas serem codificadas, também foi realizada a Análise de Componentes Principais. No terceiro as variáveis ordinais, ou seja, os atributos salário, tempo de serviço e número de audiências, não foram codificados e a matriz de dados foi submetida ao processo de Análise de Componentes Principais a fim de avaliar a importância relativa das variáveis que a compõem.

Em todos os testes realizados com RNAs, primeiro variou-se o número de neurônios da camada oculta de 1 até 15, mantendo-se fixo o número de 50 iterações para cada uma das topologias, a fim de verificar qual menor MSE no grupo de teste. A melhor arquitetura obtida voltou a ser treinada, agora variando-se o número de iterações, sempre buscando o menor erro no grupo de teste.

Foi escolhida uma nomenclatura para cada topologia a fim de representar na seqüência as seguintes características: quantidade de entradas, número de neurônios na camada escondida e número de iterações. Por exemplo, a rede E32N1I40 é uma rede com 32 entradas, 1 neurônio na camada escondida e foi treinada com 40 iterações.

Dentre os testes realizados o que apresentou melhor resultado, ou seja, aquele que apresentou menor erro foi o Teste 2 onde os dados foram codificados conforme descrito na Seção 2, em seguida a matriz de entrada foi submetida à Análise de Componentes Principais. A Tabela 5. a seguir mostra a variação do número de neurônios da RNA deste teste.

TABELA 5 – RESULTADOS DAS SIMULAÇÕES COM VARIAÇÃO DO NÚMERO DE NEURÔNIOS

Simulação	TOPOLOGIA	MSE Tr	MSE Tes	Simulação	TOPOLOGIA	MSE Tr	MSE Tes
1	E30N1I50	0,00368	0,01845	9	E30N9I50	0,00066	0,01376
2	E30N2I50	0,00244	0,02811	10	E30N10I50	0,00046	0,00562
3	E30N3I50	0,00095	0,03154	11	E30N11I50	0,00050	0,02122
4	E30N4I50	0,00082	0,07066	12	E30N12I50	0,00062	0,02392
5	E30N5I50	0,00072	0,03289	13	E30N13I50	0,00051	0,02115
6	E30N6I50	0,00052	0,01832	14	E30N14I50	0,00056	0,03212
7	E30N7I50	0,00051	0,07542	15	E30N15I50	0,00041	0,02349
8	E30N8I50	0,00065	0,05511				

Verifica-se a partir da Tabela 5 que a melhor topologia foi a E30N10I50, ou seja, a RNA com 30 neurônios na camada de entrada, 10 neurônios na

camada escondida e foi treinada com 50 iterações. O MSE foi igual a 0,00046 para o grupo de treinamento e 0,00562 para o grupo de teste.

A RNA voltou a ser treinada, só que desta vez, fazendo-se variar o número de iterações, buscando diminuir ainda mais o erro no conjunto de teste. Os resultados relevantes são apresentados na Tabela 6 a seguir.

TABELA 6 – RESULTADOS DAS SIMULAÇÕES COM VARIAÇÃO DO NÚMERO DE ITERAÇÕES

Simulação	TOPOLOGIA	MSE Tr	MSE Tes	Simulação	TOPOLOGIA	MSE Tr	MSE Tes
1	E30N10I10	0,00869	0,00694	9	E30N10I90	0,00026	0,00580
2	E30N10I20	0,00167	0,00563	10	E30N10I100	0,00024	0,00581
3	E30N10I30	0,00090	0,00544	11	E30N10I200	0,00014	0,00581
4	E30N10I40	0,00061	0,00556	12	E30N10I300	0,00009	0,00635
5	E30N10I50	0,00046	0,00562	13	E30N10I400	0,00006	0,00714
6	E30N10I60	0,00037	0,00568	14	E30N10I500	0,00004	0,00762
7	E30N10I70	0,00032	0,00573	15	E30N10I1000	0,00001	0,00857
8	E30N10I80	0,00028	0,00577				

O melhor resultado, conforme se pode verificar na Tabela 6 é obtido na terceira simulação, cuja topologia é E30N10I30 onde se tem 30 iterações e MSE igual a 0,00544 no grupo de teste.

Na aplicação da técnica de Regressão Linear utilizou-se o mesmo conjunto de dados das RNAs. As tabelas de dados foram construídas no Software Excel, e para a validação dos resultados do método de Regressão Linear Múltipla foi utilizado o STATIGRAPHICS Plus 5.1.

Assim como nas RNAs, esta ferramenta foi aplicada nos três tipos de testes com o objetivo de comparar os resultados obtidos. No primeiro teste, as entradas foram codificadas sem a ACP. No segundo teste as entradas foram codificadas e foi realizado ACP, e no terceiro os dados não foram codificados e foi aplicado a ACP.

O melhor resultado obtido neste método foi também o Teste 2 em que os dados foram codificados conforme descrito na Seção 2, em seguida, a matriz de entrada foi submetida à ACP. A equação de Regressão Linear Múltipla que descreve a relação entre a variável resposta (tempo de audiência) e as variáveis independentes nesse teste é descrita a seguir:

$$\begin{aligned} \text{Tempo de audiência} = & 0,220922 - 0,0294401*\text{Col}_1 + \\ & 0,151429*\text{Col}_2 - 0,0265103*\text{Col}_3 + 0,134604*\text{Col}_4 - 0,0273278*\text{Col}_5 \\ & - 0,170564*\text{Col}_6 - 0,0816318*\text{Col}_7 + 0,11438*\text{Col}_8 - 0,065881*\text{Col}_9 \\ & - 0,0339234*\text{Col}_{10} - 0,00485417*\text{Col}_{11} + 0,117835*\text{Col}_{12} + \\ & 0,189141*\text{Col}_{13} - 0,0111986*\text{Col}_{14} - 0,065423*\text{Col}_{15} - 0,164584*\text{Col}_{16} \\ & - 0,186351*\text{Col}_{17} + 0,112364*\text{Col}_{18} + 0,0637656*\text{Col}_{19} - \\ & 0,312607*\text{Col}_{20} - 0,163999*\text{Col}_{21} - 0,132798*\text{Col}_{22} + 0,173492*\text{Col}_{23} \\ & + 0,116546*\text{Col}_{24} + 0,133817*\text{Col}_{25} - 0,0963288*\text{Col}_{26} \\ & + 0,817548*\text{Col}_{27} + 0,127331*\text{Col}_{28} - 0,0334636*\text{Col}_{29} - \\ & 7,25014\text{E}14*\text{Col}_{30} \end{aligned}$$

Ao aplicar a equação acima nos 108 processos, obtém-se um erro quadrático médio igual a 0,011215.

CONCLUSÕES

O Fórum Trabalhista de SJP vem aumentando de maneira considerável o número de processos trabalhistas. Diante desse aumento, faz-se necessária a utilização de ferramentas matemáticas que permitam uma previsão de duração do tempo de audiências trabalhistas.

O presente trabalho teve como objetivo comparar as técnicas de RNAs e Regressão Linear Múltipla, para encontrar a melhor previsão de duração do tempo das audiências trabalhistas.

Utilizando os dados obtidos de processos do Fórum Trabalhista de SJP, que são as entradas para ambas as técnicas, as mesmas foram treinadas buscando obter de forma automática uma previsão de duração das audiências.

As RNAs foram treinadas através do algoritmo back-propagation, por meio da elaboração de um programa utilizando o Software Visual Basic 6.0, fazendo-se variar a codificação dos atributos de entrada, o número de neurônios na camada escondida, o conjunto de pesos iniciais e o número de iterações, fornecendo como resposta (saída da RNA), a duração do tempo das audiências de cada um dos processos trabalhistas.

A Regressão Linear Múltipla foi realizada através do Software STATIGRAPHICS Plus 5.1. Nos testes com esta ferramenta, os conjuntos de dados utilizados foram os mesmos das RNAs, a fim de obter parâmetros de comparação entre as duas ferramentas matemáticas.

Na comparação das duas técnicas, embora ambas tenham apresentado resultados satisfatórios, as RNAs apresentaram um desempenho superior quando comparado ao método estatístico. O menor erro para a RNA tem o valor de 0,00544 e o da Regressão Linear Múltipla igual a 0,011215, ou seja, apesar de ambos serem muito pequenos, o erro encontrado na RNA é praticamente a metade do valor do erro encontrado com a técnica de Regressão Linear Múltipla.

Assim, a melhor maneira de prever a duração do tempo de audiências trabalhistas é utilizar-se da RNA com pesos gerados no Teste 2, utilizando-se todas as componentes principais. Assim, dado um novo processo trabalhista para o qual se deseja fazer o agendamento “inteligente”, pode-se, utilizando os pesos do referido Teste 2, obter-se o número de minutos necessários para o mesmo obtendo-se, assim, um maior dinamismo do sistema judiciário. Vale salientar que, de tempos em tempos, o treinamento da RNA, com a Análise das Componentes Principais, deve ser refeito, atualizando-se com isso as informações da rede com dados recentes.

REFERÊNCIAS

ADAMOWICZ, E. C. **Reconhecimento de Padrões na Análise Econômico-Financeira de Empresas**. Curitiba, 2000. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Métodos Numéricos em Engenharia, Universidade Federal do Paraná.

AMBRÓSIO, P. E. **Redes Neurais Artificiais no Apoio ao Diagnóstico Diferencial de Lesões Intersticiais Pulmonares**. Ribeirão Preto, 2002. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo.

BAESENS, B.; SETIONO, R.; MUES, C. & VANTHIENEN, J. (2003), **Using Neural Network Rule Extraction and Decision Tables for Credit-Risk Evaluation**. *Management Science Informs*, vol. 49, n° 3, p. 312-329.

BAPTISTELA, M.; STEINER, M. T. A.; CHAVES NETO, A. (2006), **O Uso de Redes Neurais e Regressão Linear Múltipla na Engenharia de Avaliações**: Determinação dos Valores Venais de Imóveis Urbanos, Atas do XXXVIII SBPO.

BIONDI NETO, L.; SIEIRA, A. C. C. F.; DANZIGER, B. R.; SILVA, J. G. S.(2007), **Classificação de Solos Usando-se Redes Neurais Artificiais**, Atas do XXXIX SBPO.

HAYKIN, S., **Redes Neurais: Princípios e Prática**, Bookman, 2001.

LIMA, J. D., **Análise Econômico-Financeira de Empresa Sob a Ótica da Estatística Multivariada**. Curitiba, 2002. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Métodos Numéricos em Engenharia, Universidade Federal do Paraná.

LU, H.; SETIONO, R. & LIU, H., (1996). **Effective Data Mining Using Neural Networks**. *IEE Transactions on Knowledge and Data Engineering*, vol. 8, n° 6, p.957-961.

PAVANELLI, G., **Análise do Tempo de Duração de Processos Trabalhistas Utilizando Redes Neurais Artificiais Como Apoio à Tomada de Decisões**. Curitiba, 2007. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Métodos Numéricos em Engenharia, Universidade Federal do Paraná.

SOUSA, E. A.; TEIXEIRA, L. C. V.; MELLO, M. R. P. A.; TORRES, E. A. F. S.; MOITA NETO, J. M. **Aplicação de Redes Neurais para Avaliação do Teor de Carne Mecanicamente Separada em Salsicha de Frango**. *Ciência e Tecnologia de Alimentos*, vol.23 no.3 Campinas Sept./Dec. 2003.

STEINER, M. T. A. Uma Metodologia Para o Reconhecimento de Padrões Multivariados com Resposta Dicotômica. Florianópolis, 1995. Tese de Doutorado – Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

TRT - Tribunal Regional do Trabalho. Regimento Interno. Disponível em: <<http://www.trt9.gov.br/>> Acesso em 07 outubro 2007.

TST - Tribunal Superior do Trabalho. Atribuições. Disponível em: <<http://www.tst.gov.br/>> Acesso em 16 fevereiro 2007.

CORRELAÇÃO ENTRE FORÇA MUSCULAR DINÂMICA E ISOMÉTRICA DE ISQUIOTIBIAIS

Anna Raquel Silveira Gomes¹

Paulo Henrique Foppa de Almeida²

1º Ten OTT Raphael Fabrício de Souza³

RESUMO: É comum a realização de testes isométricos para avaliação da força muscular, mesmo que esteja sendo desenvolvida por ações dinâmicas. No entanto, os ganhos de força parecem ser específicos ao tipo de treinamento adotado. Objetivo: Mensurar as variáveis de força dinâmica e isométrica, de forma a avaliar se estas estão correlacionadas a sujeitos destreinados e verificar a confiança do teste-reteste destas medidas de força. Métodos: Foram selecionados 35 recrutas militares ($18,5 \pm 0,41$ anos) destreinados em força. Foi utilizado o teste de 1RM para aferir a força muscular dinâmica e a célula de carga para medir a força isométrica, nos músculos isquiotibiais do membro inferior dominante. A análise estatística foi realizada pelo coeficiente de correlação intraclasse entre a força dinâmica e isométrica dos sujeitos. O teste t de Student não pareado foi então aplicado para verificar diferenças entre os tipos de força, com significância $p \leq 0,05$. Resultados: Ocorreu baixo coeficiente de correlação intraclasse ($r=0,25$) entre a Força Máxima Concêntrica (1RM) e a Força de Contração Isométrica Voluntária Máxima (célula de carga). Contudo, não houve diferenças significativas entre os dois tipos de força apresentados ($p=0,14$), com valores médios \pm desvios-padrão de $50,3 \pm 8,9$ kg para a força dinâmica e $47,4 \pm 12,9$ kg para a força isométrica. Conclusões: Os resultados indicam baixa correlação entre a força dinâmica e isométrica, apesar de estatisticamente semelhantes. Pode-se sugerir o teste de 1RM para avaliação da força em estudos que utilizem a força dinâmica dos sujeitos, tanto pela especificidade do teste, quanto pela fidedignidade do mesmo.

Palavras-chave: força muscular, contração isotônica, contração isométrica.

1 - Fisioterapeuta Doutora em Ciências Fisiológicas pela Universidade Federal de São Carlos Professora da Universidade Federal do Paraná. e-mail: annaraquelsg@gmail.com

2 - Educador Físico Mestre em Educação Física – Fisiologia da Performance (UFPR) Professor do SESC e-mail: paulofoppa@hotmail.com

3 - Educador Físico Mestrando em Educação Física – Fisiologia da Performance (UFPR), Professor do Colégio Militar de Curitiba e-mail: raphaelctba20@hotmail.com

ABSTRACT: It is common to use isometric tests for evaluation of the muscular force, even if it has being developed for dynamic actions. However, the force gains seem to be specific to the type of training developed. Objective: Evaluate dynamic and isometric force in order to assess their correlation in untrained people and to verify the test-retest reliability of these measures of force. Methods: It was selected 35 military recruits ($18,5 \pm 0,41$ years) whose were untrained. The 1RM test was used to examine the dynamic muscular force and the load cell to measure the isometric force of hamstring muscles. Statistical analysis was performed by the intraclass correlation coefficient between dynamic and isometric force. The Students' t Test unpaired was applied to verify differences between the types of force, significance set at $p \leq 0,05$. Results: It was found low correlation ($r=0,25$) between the Concentric Maximum Force (1RM) and the Maximum Voluntary Isometric Contraction Force (load cell). However, it did not have significant differences between the two types of force presented ($p=0,14$), with average values \pm standard deviations of $50,3 \pm 8,9\text{kg}$ for dynamic force and $47,4 \pm 12,9\text{kg}$ for the isometric force. Conclusions: The results indicated that dynamic and isometric force are not correlated instead they are similar. It could be suggested dynamic force evaluation of the citizens, because the specificity and reliability of the test.

Keywords: muscular force, isotonic contraction, isometric contraction.

INTRODUÇÃO

O treinamento de força muscular é largamente utilizado em academias, clubes, clínicas de fisioterapia e seus efeitos estão amplamente descritos na literatura (ACSM, 2002; DIAS *et al*, 2005; KRAEMER e RATAMESS, 2004; LEE *et al*, 2007; LIMA *et al*, 2006). Os ganhos de força obtidos com tal treinamento têm sido atribuídos, nas primeiras quatro a oito semanas de treinamento, como decorrentes de adaptações neurais, que são fundamentais para o desenvolvimento da coordenação intra e intermusculares (BARROSO *et al*, 2005; CAROLAN e CAFARELLI, 1992; ENOKA, 1997). Ainda, o treinamento de força pode causar aumento imediato (algumas horas após) na expressão gênica e na síntese protéica (ACSM, 2002; KOSTEK *et al*, 2007). Além disso, recentemente, foi observada hipertrofia muscular com apenas três semanas, caracterizada pelo aumento da área de secção transversa das fibras musculares (SEYNNES *et al*, 2007).

Quando a força produzida pelo músculo vence a resistência imposta externamente, gerando movimento articular, é denominada Força Muscular Dinâmica. Neste caso, os músculos não se contraem com tensão constante ao longo do curso do movimento da articulação em virtude das modificações na mecânica articular em cada ângulo do movimento (GUEDES, 2006). Ocorrem também alterações fisiológicas com a mudança do ângulo, pois o músculo desenvolve tensão máxima quando os sarcômeros de suas fibras musculares encontram-se em comprimento próximo àquele em situação de repouso (2.0 – 2.25 μm) (KOSTEK *et al*, 2007). Nessa posição, há sobreposição ótima entre os filamentos de actina e miosina (GORDON *et al*, 1966). A Força Muscular Isométrica ocorre quando a força produzida pelo músculo é menor do que a resistência imposta externamente, não gerando movimento articular (GUEDES, 2006). Nessa situação, há tensão muscular num determinado ângulo articular.

Com o treinamento de força, o aumento desta em um músculo pode ser evidente em uma tarefa (contração dinâmica), mas não em outra (contração isométrica) (ENOKA, 1997). Os ganhos de força em treinamento isométrico

são específicos aos ângulos treinados (MOURA *et al*, 2004), sendo que estes podem ser até 50% superiores aos ganhos obtidos nos demais ângulos articulares não treinados (SIMÃO, 2004). É possível que fatores neurais como a aprendizagem do movimento específico que ocorre com o treinamento dinâmico (concêntrico e excêntrico), contribuam para um maior aumento na força de 1RM em comparação aos ganhos na força isométrica (FOLLAND e WILLIAMS, 2007; GUILHEM *et al*, 2010). Tais fatos sugerem que o ganho de força bem como as adaptações fisiológicas, moleculares, do sistema nervoso central e periférico, são específicas ao tipo de treinamento realizado (KOSTEK *et al*, 2007; GUILHEM *et al*, 2010).

No entanto é comum a realização de testes isométricos para avaliação da força muscular, mesmo em sujeitos que estejam desenvolvendo treinamentos dinâmicos. Dessa forma, o objetivo deste estudo foi avaliar a correlação entre força dinâmica e isométrica em sujeitos destreinados.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram recrutados 35 voluntários ($18,5 \pm 0,41$ anos) recém incorporados para cumprir o serviço militar obrigatório. Como critério de inclusão, os sujeitos não poderiam estar envolvidos em atividades que envolvessem sobrecargas ou exercícios de alongamento. Logo, a amostra pode ser considerada como “destreinada”. Não foram encontradas diferenças na idade ($p=0.998$), estatura ($p=0.754$) e massa corporal ($p=0.355$) dos participantes. Antes do início do estudo, os sujeitos receberam informações sobre os requerimentos para participar da pesquisa e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido de participação. Todos os procedimentos foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná nº 2119.0.000.091-09.

Os sujeitos foram então submetidos a testes de força dinâmica e isométrica, para viabilizar a correlação entre os tipos de força.

MENSURAÇÃO DA FORÇA DINÂMICA

A Força Máxima Concêntrica foi aferida por meio do teste de 1RM, seguindo o protocolo utilizado por FATOUROS et al (2006), em que foi realizado um aquecimento de 10 repetições com carga moderada, antes de iniciar as tentativas de alcançar a maior carga possível em uma única repetição máxima (1RM). O intervalo de recuperação entre cada tentativa foi de três minutos. Foram avaliados os músculos flexores do joelho (isquiotibiais: bíceps femoral, semitendinoso e semimembranoso), que são biarticulares e estão localizados posteriormente na coxa. O teste foi realizado unilateralmente no membro dominante em decúbito ventral (figura 1) em um equipamento específico (Fisiomaq, modelo Nexus Leg Cur



FIGURA 1 – Teste de força dinâmica – a força máxima concêntrica foi aferida por meio do teste de 1RM, seguindo o protocolo utilizado por FATOUROS *et al* (2006), em que foi realizado um aquecimento de 10 repetições com carga moderada, antes de iniciar as tentativas de alcançar a maior carga possível em uma única repetição máxima (1RM). O intervalo de recuperação entre cada tentativa foi de três minutos. Foram avaliados os músculos flexores do joelho dominante em decúbito ventral.

MENSURAÇÃO DA FORÇA ISOMÉTRICA

A Força de Contração Isométrica Voluntária Máxima (FCIVM) dos indivíduos foi medida por meio de uma célula de carga (Kratos, modelo CZC500) que se constitui de componentes sensíveis aos esforços de tração, um conjunto de correias de fixação, uma placa conversora A/D (National Instruments, modelo NI USB 6218) e um amplificador (Kratos, modelo IK-

1C), conectados a um computador. O valor da FCIVM foi definido como sendo o pico máximo de força, que foi determinado visualmente no visor do amplificador em kilogramas (Kg).

Foi medida a FCIVM dos flexores do joelho do membro dominante. Para valores fidedignos, a célula de carga foi disposta perpendicularmente (ângulo reto), tanto entre a barra de ferro como ao eixo longitudinal da tíbia dos sujeitos de modo a resistir à flexão da articulação do joelho fixada em 90 graus (figura 2). O teste foi realizado com os sujeitos deitados em decúbito ventral. A célula de carga foi fixada na articulação do tornozelo no sentido contrário ao movimento. Em virtude da homogeneidade da estatura dos sujeitos, o comprimento da perna dos mesmos para o cálculo do torque foi desprezado. Foram realizadas 3 contrações isométricas voluntárias máximas com intervalos de recuperação de 3 minutos entre as mesmas (SILVA e GONÇALVES, 2003). Foi dada a instrução aos participantes de que eles deveriam realizar um “movimento” o mais rápido e forte possível. Para o estudo, foi considerada a contração de melhor performance na FCIVM.

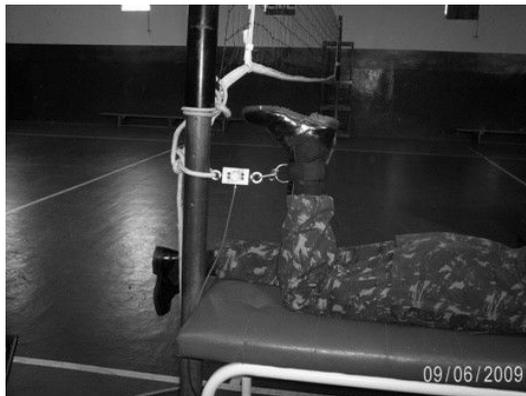


FIGURA 2 – Teste de força isométrica - a célula de carga (#) foi disposta perpendicularmente (ângulo reto) tanto entre a barra de ferro como ao eixo longitudinal da tíbia dos sujeitos de modo a resistir à flexão da articulação do joelho fixada em 90 graus. A célula de carga foi fixada na articulação do tornozelo no sentido contrário ao movimento. Foram realizadas 3 contrações isométricas voluntárias máximas com intervalos de recuperação de 3 minutos entre as mesmas (SILVA e GONÇALVES, 2003). Para o estudo foi considerada a contração de melhor performance.

ANÁLISE ESTATÍSTICA

Os resultados foram analisados por meio do programa estatístico

STATISTICA (versão 7). O coeficiente de correlação intraclasse entre a força dinâmica e isométrica dos sujeitos foi realizada por meio do teste de correlação de Pearson, que expressa o grau em que os sujeitos mantêm suas posições na distribuição da amostra após medidas repetidas. O teste t de Student não pareado foi então aplicado para verificar diferenças entre os tipos de força, com significância $p \leq 0,05$.

RESULTADOS

CORELAÇÃO ENTRE FORÇA DINÂMICA E FORÇA ISOMÉTRICA

Ocorreu um baixo coeficiente de correlação intraclasse ($r=0,25$) entre a Força Máxima Concêntrica (1RM) e a Força de Contração Isométrica Voluntária Máxima (célula de carga) dos 37 sujeitos do estudo. Contudo não houve diferenças significativas entre os dois tipos de força apresentados ($p=0,14$), com valores médios \pm desvios-padrões de $50,3 \pm 8,9$ kg para a força dinâmica e $47,4 \pm 12,9$ kg para a força isométrica.

CONFIANÇA DO TESTE-RETESTE DAS MEDIDAS DE FORÇA

A correlação encontrada em dois testes iguais subsequentes foi de $r=0,61$ para o teste de força isométrica na célula de carga ($47,4 \pm 12,9$ kg vs $48,5 \pm 12,2$ kg) e de $r=0,92$ para o teste de força dinâmica de 1RM ($50,3 \pm 8,9$ kg vs $50,6 \pm 9,2$ kg) com valores médios \pm desvios-padrões respectivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora não tenham sido encontradas diferenças significativas entre a força dinâmica (1RM) e a força isométrica (célula de carga), ocorreu baixa correlação ($r=0,25$) entre estas duas variáveis da força, indicando desproporcionalidade entre os tipos de força. Este resultado demonstra que a capacidade de gerar força de um músculo pode ser diferente em tipos

específicos de contrações musculares (ENOKA, 1997) e esta diferença é individual. Enquanto a força isométrica foi medida a específicos 90° de flexão do joelho, a força dinâmica foi considerada quando realizado o movimento completo de 0° a 90° de flexão do joelho.

Está bem estabelecido na literatura que o desenvolvimento da força em treinamento isométrico é específica aos ângulos treinados (MOURA *et al*, 2004), sendo que estes podem ser até 50% superiores aos ganhos obtidos nos demais ângulos articulares não treinados (SIMÃO, 2004). Verifica-se ainda, em estudo com isocinético, que o torque produzido varia tanto pelos ângulos articulares como pela velocidade em que o movimento é realizado (MATHUR *et al*, 2004). É possível que fatores neurais como a aprendizagem do movimento específico, que ocorreria em treinamento dinâmico, contribuam para um maior aumento na força de 1RM em comparação aos ganhos de força isométrica (FOLLAND e WILLIAMS, 2007). Assim, os mecanismos que contribuem para o ganho de força dinâmica são diferentes daqueles da força isométrica. Em estudo de BAKER (*et al*, 1994), após os sujeitos serem submetidos a treinamento de força dinâmico, foram encontrados ganhos de força dinâmica maior que de força isométrica, não correlacionados ($r=0,15$). Este estudo levanta a questão da validade da utilização de teste isométrico para aferir ganhos de força obtidos com o treinamento dinâmico.

Outro dado interessante da presente pesquisa, verificado na bateria de testes de 1RM e célula de carga, foi a correlação entre dois testes iguais subsequentes (confiança teste-reteste), tanto de 1RM quanto na célula de carga. Quando considerados os 37 sujeitos da amostra, a correlação encontrada foi de $r=0,61$ para o teste de força isométrica na célula de carga e de $r=0,92$ para o teste de força dinâmica de 1RM. Este resultado apresenta o teste de 1RM como mais fidedigno em comparação ao teste de força na célula de carga, visto que não houve familiarização prévia com nenhum dos testes. Em outro estudo, onde foi verificada a confiança teste-reteste do torque isométrico e isocinético em equipamento isocinético, foi verificado coeficiente de correlação intraclasse de 0,82 para o torque isométrico e 0,96 para o isocinético (MATHUR *et al*, 2004).

Pode-se sugerir o teste de 1RM para avaliação da força em estudos que avaliam os efeitos do treinamento dinâmico dos sujeitos, tanto pela especificidade do teste, quanto pela fidedignidade do mesmo

Os resultados do presente estudo permitem concluir que o teste de 1RM é mais indicado para estudos que manipulem a força dinâmica dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE. **Position stand:** Progression models in resistance training for healthy adults. *Med Sci Sports Exerc* 2002; 34:364-80.

BAKER D, WILSON G, CARLYON B. **Generality versus specificity:** a comparison of dynamic and isometric measures of strength and speed-strength. *Eur J Appl Physiol* 1994; 68:350-55.

BARROSO R, TRICOLI V, UGRINOWITSCH C. **Adaptações neurais e morfológicas ao treinamento de força com ações excêntricas.** *Rev Bras Ciênc Mov* 2005; 13:111-22.

CAROLANB, CAFARELLIE. **Adaptations in co-activation after isometric resistance training.** *J Appl Physiol* 1992; 73:911-7.

COUTINHO EL, GOMES ARS, FRANÇA CN, OISHI J, SALVINI TF. **Effect of a passive stretching on the immobilized soleus muscle fiber morphology.** *Braz J Med Biol Res* 2004; 37: 1853-61.

DIAS RMR, CYRINO ES, SALVADOR EP, NAKAMURA FY, PINA FLC, OLIVEIRA AR. **Impacto de oito semanas de treinamento com pesos sobre a força muscular de homens e mulheres.** *Rev Bras Med Esporte* 2005; 11:224-8.

ENOKA RM. **Neural adaptations with chronic physical activity.** *Journal of Biomechanics* 1997; 30:447-55.

FATOUROSS IG, KAMBAS A, KATRABASAS I, LEONTSINI D, CHATZINIKOLAOU A, JAMURTAS AZ, DOUROUDOS I, AGGELOUSIS N, TAXILDARIS K. **Resistance training and detraining effects on flexibility performance in the elderly are intensity-dependent.** J Strength Cond Res 2006; 20: 634-42.

FOLLAND JP, WILLIAMS AG. **The adaptations to strength training:** morphological and neurological contributions to increased strength. Sports Med 2007; 37(2):145-68.

GORDON AM, HUXLEY AF, JULIAN FJ. **The variation in isometric tension with sarcomere length in vertebrate muscle fibers.** J. Physiol. (Lond), 1966; 184: 170-192.

GUEDES DP. **Manual prático para avaliação em educação física.** São Paulo: Manole, 2006.

GUIHEM G, CORNU C, GUEVEL A. **Neuromuscular and muscle-tendon system adaptations to isometric and isokinetic eccentric exercise.** Rehab 2010; article in press.

KOSTEK MC, CHEN YW, CUTHBERTSON DJ, SHI R, FEDELE MJ, ESSER KA, RENNIE MJ. **Gene expression responses over 24 h to lengthening and shortening contractions in human muscle:** major changes in CSRP3, MUSTN1, SIX1, and FBXO32. Physiol Genomics 31: 42–52, 2007.

KRAEMER WJ, RATAMESS NA. **Fundamentals of resistance training: progression and exercise prescription.** Med Sci Sports Exerc 2004; 36: 674-88.

LEE M, CARROLL TJ. **Cross Education:** Possible Mechanisms for the Contralateral Effects of Unilateral Resistance Training. Sports Medicine 2007; 37:1-14.

LIMA FV, CHAGAS MH, CORRADI EFF, SILVA GF, SOUZA BB, MOREIRA JUNIOR LA. **Análise de dois treinamentos com diferentes durações de pausas entre séries baseadas em normativas previstas para a hipertrofia muscular em indivíduos treinados.** Rev Bras Med Esporte 2006; 12: 175-8.

MATHUR S, MAKRIDES L, HERNANDEZ P. **Test-retest reliability of isometric and isokinetic torque in patients with chronic obstructive pulmonary disease.** Physiother Can 2004; 56: 94-101.

MELONI VHM. **O papel da hiperplasia na hipertrofia do músculo esquelético.** Rev Bras Cine Des Hum 2005; 07(01): 59-63.

MOURA JAR, BORHER T, PRESTES MT, ZINN JL. **Influência de diferentes ângulos articulares obtidos na posição inicial do exercício pressão de pernas e final do exercício puxada frontal sobre os valores de 1RM.** Rev Bras Med Esporte 2004; 10(4):269-74.

SECCHI KV, MORAIS CP, CIMATTI PF, TOKARS E, GOMES ARS. **Efeito de alongamento e do exercício contra-resistido no músculo esquelético de rato.** Rev Bras Fisioter 2008; 12: 228-4.

SEYNNES OR, DE BOER M, NARICI MV. **Early skeletal muscle hypertrophy and architectural changes in response to high-intensity resistance training.** J Appl Physiol 2007; 102:368–73.

SIMÃO R. **Fisiologia e prescrição de exercícios para grupos especiais.** São Paulo: Phorte, 2004.

REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES INTERMIDIÁTICAS EM HITCHCOCK BLONDE, DE TERRY JOHNSON

Anna Stegh Camati¹

Braz Pinto Junior²

RESUMO: A peça *Hitchcock Blonde* (2003), do dramaturgo britânico Terry Johnson, se fundamenta na permutação de linguagens: o frutífero diálogo com as técnicas cinematográficas da montagem, colagem, enquadramento e cortes é parte integrante não somente da construção textual da obra, mas também de sua concretização cênica. O texto incorpora, representa e tematiza o cinema por meio de constantes alusões à filmografia de Hitchcock, principalmente *Janela Indiscreta*, *Vertigem*, *Psicose* e *Marnie*, e insere uma personagem chamada Hitch às voltas com uma loira, dublê de corpo de Janet Leigh para a cena do chuveiro em *Psicose*. Johnson segue a tendência do *theatremovie* que consiste na operacionalização dos recursos fílmicos acima mencionados, acrescidos de *soundtracks*, *video-clips* e *fade overs*, além do contínuo jogo de citações e clichês. As inúmeras referências intermidiais resultam em um complexo jogo de espelhos que flagra as fronteiras fluidas e reversíveis das dicotomias em revista: arte/vida, real/virtual e original/simulacro.

Palavras-chave: Desconstrução. Intermidialidade. Paródia. Pastiche. *Voyeurismo*. Misoginia.

ABSTRACT: Terry Johnson's play, *Hitchcock Blonde* (2003), is based on language hybridation involving different media: the effective dialogue with filmic devices such as montage, collage, framing and cutting is an integral part not only of the textual construction of the play, but also of its realization in performance. The play incorporates, represents and thematizes the cinema through constant allusions to Hitchcock's movies, mainly *Rear Window*, *Vertigo*, *Psycho* and *Marnie*, and inserts a character named Hitch, who gets involved with a blonde woman, Janet Leigh's body double for the shower scene in *Psycho*. Johnson follows the tendency of the *theatremovie* which consists of the practice of operating the filmic resources already mentioned, with the addition of soundtracks, video-clips and fade overs, besides the continuous

1 - Doutora em Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana pela USP. Pós-Doutorado pela UFSC. Professora Titular do Mestrado em Teoria Literária na UNIANDRADE – PR.

2 - Mestre em Teoria Literária pela UNIANDRADE – PR.

interplay of quotes and clichés. The multiple intermedial references result in a complex game which mirrors the fluid and reversible frontiers of the dichotomies examined: art/life, real/virtual and original/simulacrum.

Keywords: Deconstruction. Intermediality. Parody. Pastiche. *Voyeurism*. Misogyny.

Somente a arte nos permite atingir a perfeição – somente a arte nos oferece proteção contra os terríveis riscos da vida.

Oscar Wilde O crítico como artista

Devido ao seu potencial de agregar todos os outros meios, o teatro, desde a sua inepção na antiga Grécia, pode ser visto sob uma perspectiva intermidial. Sabe-se, por exemplo, que os componentes do coro cantavam e dançavam, proporcionando, além de comentários à ação, um belo espetáculo visual. Com o advento da fotografia e do cinema ocorreram alterações profundas na maneira de ver e representar o mundo e, conseqüentemente, o texto dramático e a encenação teatral também sofreram sensíveis transformações decorrentes da prática de apropriação de elementos das diversas linguagens visuais.

Walter Benjamin foi um dos primeiros pensadores a compreender o alcance do impacto da imagem sobre todas as outras artes. Considerou a invenção do celulóide como um fenômeno que modificou a relação do homem com a produção artística e com a própria natureza. Asseverou que a disseminação das técnicas de reprodução da obra de arte resultou em um crescente “declínio da aura”, ou seja, a superação do sentido da unicidade da obra artística (BENJAMIN, 1994, p. 170).

Segundo Décio Torres Cruz, a criação artística contemporânea, concebida dentro de um novo universo de significações, é percebida como “um jogo, textual, intertextual e extratextual, através da relação escritor-escritura-leitor-leitura”. E como vivemos em uma época que privilegia a imagem visual icônica, a hegemonia da palavra como linguagem única foi desestabilizada, sendo que

A literatura busca a sua própria sobrevivência e abarca para si outros signos, reformulando a noção de literariedade. Com isso, desconstrói-se também a concepção de estética e cria-se uma antiestética que, por sua vez, se torna uma nova estética fora dos pressupostos de valor da estética tradicional. (CRUZ, 2003, p. 14-15)

A contemporaneidade, que assumiu o esgotamento das formas artísticas em geral, resultado do desgaste das formas convencionais, antes consideradas autênticas, se empenha em uma solução revolucionária de renovação através do processo de hibridização e da crescente valorização do simulacro (BAUDRILLARD, 1991) e do clichê como alternativas válidas. Como uma exigência do próprio tempo, a arte reafirma sua resiliência e encontra meios de subsistir absorvendo as novas formas de relacionamento e a fragilidade das instituições, assumindo-se liquefeita, provisória e ordinária, sem, com isso, perder seu caráter crítico fundamental ou tornar-se superficial. A recontextualização paródica e a hibridização como os principais mecanismos da organização estética da contemporaneidade refletem essas transformações sofridas pela arte, oferecendo novas possibilidades, estendendo o alcance da crítica e multiplicando leituras.

A produção cultural atual, pródiga na estratégia de apropriação de elementos midiáticos, não poderia deixar de influenciar as formas artísticas contemporâneas. Muitos artistas, por exemplo, trabalham as artes em combinação com as novas tecnologias, não só do cinema e televisão, mas também da escritura hipertextual do ciberespaço. O conceito de tradução intersemiótica e/ou cultural expandido e desmembrado em diferentes nuances, tais como transcrição, transmutação ou transsubstanciação, amplamente teorizado por diversos críticos (HOEK, 1995; CLÜVER, 1997; PLAZA, 2003), revolucionou os estudos interartes. Claus Clüver (2001, p. 340) refere-se a diversos tipos de relação entre textos³: a intersemiótica ou intermidial que se concretiza quando um texto “recorre a dois ou mais sistemas de signos e/ou mídias de uma forma tal que os aspectos visuais e/ou musicais, verbais, cinéticos e performativos dos seus signos se tornam inseparáveis”; a multimidial que pressupõe “combinações de textos separáveis e separadamente coerentes, compostos em mídias diferentes”; e a *mixed-media* que mistura mídias, abarcando “signos complexos em mídias diferentes que não alcançariam coerência ou auto-suficiência fora daquele contexto”.

3 - Todas as artes (música, pintura, escultura, fotografia, desenho, cinema, literatura, etc) podem ser pensadas em termos de textos passíveis de serem lidos (CLÜVER, 2001, p. 351).

Segundo os pressupostos de Júlio Plaza (2003, p. 206-207), as artes “se interpenetram (intermídia), se justapõem (multimídia) e se traduzem (tradução intersemiótica)”, nos obrigando a repensar as inter-relações entre linguagens. Esse encontro, entre dois ou mais meios, além de gerar uma forma nova através da síntese criativa, vai permitir o diálogo entre esses meios. “A combinação de dois ou mais canais a partir de uma matriz de invenção, ou a montagem de vários meios pode fazer surgir um outro, que é a soma qualitativa daqueles que o constituem. Neste caso, a hibridização produz um dado inusitado que é a criação de um meio novo antes inexistente”. Na nossa sociedade tecnológica, observa-se cada vez mais a tendência do uso “de processos transcodificadores e tradutores de informação entre diferentes linguagens e meios” (PLAZA, 2003, p. 65).

Em um artigo intitulado “Os novos desafios da imagem e som para o ator. Em direção a um super ator?”, publicado na revista *Folhetim* e traduzido por Fátima Saadi, a pesquisadora francesa Béatrice Picon-Vallin reflete sobre as dificuldades do ator se movimentando entre as imagens e sons no palco que, no entanto, poderão constituir prolongamentos de seu corpo, se ele conseguir integrá-los em sua atuação:

Multiplicado, fragmentado, visto de todos os lados, contracenando com as imagens – na imagem, com parceiros-imagens, com as imagens-atrizes –, o ator se vê, portanto, confrontado com a tarefa de ampliar os recursos expressivos de seu próprio corpo, de atuar com o espectador de forma diferente e de manter relações diferentes com os membros do coletivo de criação, que passa a integrar *videomakers*, infografistas, etc. [...] Hoje, a cena é o lugar único onde colocar o espectador e o ator diante das múltiplas imagens-representações que os cercam na vida quotidiana, diante da paleta completa de seus duplos tecnológicos, fotográficos, fílmicos, videográficos, clones virtuais ou marionetes eletrônicas. (PICON-VALLIN, 2005, p. 21)

Este artigo pretende investigar as relações teatro-cinema na peça *Hitchcock Blonde* (2003), do dramaturgo britânico Terry Johnson⁴, que ao

4 - Terry Johnson é um dos mais renomados dramaturgos e diretores do teatro britânico da contemporaneidade. Costuma dirigir suas próprias peças. Seu trabalho se alterna entre sucessos do West End e a escritura de textos para o Royal Court Theatre, tradicional espaço

contar uma história de sedução e rejeição constrói uma metanarrativa que se fundamenta na complexa permutação de linguagens entre as duas artes: o frutífero diálogo com as técnicas cinematográficas da montagem, colagem, enquadramento e cortes é parte integrante não somente da construção textual da obra, mas também de sua concretização cênica, constituindo-se em um complexo jogo de interação artística.

O texto incorpora, representa e tematiza o cinema de Hitchcock por meio de constantes alusões às temáticas recorrentes de sua filmografia, e as indicações das feições cinematográficas, tais como *soundtracks*, *video-clips* e *fade overs* já se encontram inscritas tanto nos diálogos como nas rubricas do texto de Johnson. Trata-se de uma imbricação inteligente entre teatro e cinema: são projetadas em uma tela não somente as diferentes ambientações em constante alternância que se fundem com o cenário real, mas também uma série de imagens que correspondem ao nível narrativo da diegese de uma obra sumida de Hitchcock. Evidentemente, a história da obra perdida e reencontrada é totalmente fictícia, uma invenção engenhosa de Johnson.

O título dessa obra fictícia também foi cunhado por Johnson: *The Uninvited Guest (O Hóspede Intruso)* tem como base uma série de referências intermidiais. Remete ao filme gótico de Lewis Allen intitulado *The Uninvited (O Intruso)* de 1944 que incorpora diversos empréstimos de *Rebecca* (1940) de Hitchcock. Ambientado na costa de Cornwall e Devon, esse filme de Allen, por sua vez, antecipa *Vertigem (Um Corpo que Cai)* de 1958. Inclui a possessão por um ancestral suicida de origem espanhola (Carmel, ao invés de Carlotta), e há referências paródicas à ária *Liebestod* da ópera *Tristão e Isolda* e ao mar como um símbolo de vida, morte e eternidade. O elemento que

de novas dramaturgias. Suas peças incluem: *Cleo*, *Camping*, *Emanuelle and Dick*, *Dead Funny*, *Hysteria*, *Imagine Drowning*, *Insignificance* (encontro fictício entre Marilyn Monroe e Einstein), *Unsuitable for Adults*, além da adaptação para o palco do romance e filme *The Graduate* e a reescritura de uma peça da época da Restauração intitulada *The London Cuckolds*, de Edward Ravenscroft. Hitchcock *Blonde* estreou em 2003 em Londres, no Royal Court Theatre e, devido ao sucesso de público e crítica, teve a sua temporada estendida no Lyric Theatre no West End. A première estadunidense ocorreu em fevereiro de 2006, no South Coast Repertory em Costa Mesa.

mais se aproxima da narrativa de *Vertigem* é a atormentada heroína que, num impulso suicida, se desvencilha de seu suposto protetor, correndo até a beira do precipício, com a clara intenção de cometer suicídio no exato lugar onde a sua mãe havia se jogado para encontrar a morte. O local ostenta uma única árvore, encarquilhada, idêntica àquela que vemos no filme de Hitchcock, quando Madeleine se liberta de Scottie e corre até a margem do precipício.

Hitchcock costumava dizer que “um livro pode ter a semente de uma idéia para um filme” (GOTTLIEB, 1998, p. 48). Em seus escritos, onde descreve seus métodos⁵, revelou que sempre elabora suas tramas antes de ter acabado de ler o livro, aproveitando apenas o roteiro básico em linhas gerais e algumas características das personagens. A partir daí, ignora o livro e desenvolve uma nova história tendo em vista a tela.

Terry Johnson se apropria dessa estratégia de Hitchcock ao inverso. Para ele, um ou mais filmes podem conter a semente ou impulso gerador para uma peça de teatro. Assim, toma de empréstimo a obra do grande mestre para inspirar sua nova criação. A peça, visceralmente ligada à linguagem fílmica, não somente tematiza o cinema de Hitchcock, mas também insiste em usá-lo como elemento temático estruturador. Percebe-se que o seu sucesso repousa na memória coletiva da filmografia de Hitchcock, uma vez que o dramaturgo britânico procura reproduzir a atmosfera gótica e o romantismo doentio do universo do filme *noir*, além de se apropriar de diversas perspectivas diretrizes e da *mise-en-scène* do cineasta. Por meio destes elementos o mestre manipulava os medos, fantasias e pesadelos da platéia.

Esse princípio da utilização de uma obra literária ou artística como “gatilho” de uma nova criação, estabelece uma relação de ressignificação, um diálogo intertextual e/ou intermidial, em que a criatividade de um autor é submetida à intuição de outro mais recente. Atribui-se ao hipertexto toda uma nova rede de significados, capaz de suscitar inclusive novas leituras do hipotexto, atualizando-o, tornando-o mais acessível ao público e destituindo-o

5 - Hitchcock fala sobre sua prática de adaptação e reescritura em “Memórias da tela”, uma série em cinco partes, que foi publicada no *Film Weekly*.

da “aura” da qual estaria revestido. Johnson utiliza-se dessa técnica para criar o universo de *Hitchcock Blonde*. Compõe uma crítica bem humorada à cultura pós-moderna que ao mesmo tempo se constitui em uma autocrítica, uma vez que tanto ele quanto Hitchcock fazem parte desse universo e de suas referências estabelecidas em valores quase sempre contraditórios, como superficialidade, consumismo, fetichismo, relativismo e reprodutivismo.

A temática da peça oscila entre dois pólos: a busca incessante e quase patológica da originalidade – representada no texto pela tentativa de Alex de reconstituir a película “original” de Hitchcock – e uma aceitação apática do *fake* (simulacro) – que na peça se materializa na negação de Alex e de Hitch de viverem relações reais e sua preferência pelo *voyeurismo*. Nesse sentido, a suposta fixação de Hitch (e de seu duplo, o quarentão Alex) por loiras quer significar tanto a necessidade de detectar o puro, o original, em uma espécie de associação com o padrão de beleza clássico e os mitos arianos quanto a deteriorização desses mesmos padrões e sua substituição por “cópias” modificadas.

A partir do título da peça, uma relação paratextual (GENETTE, 2005, p. 10) se estabelece com o cinema de Hitchcock, uma vez que *Hitchcock Blonde*, de imediato, nos remete à fixação do cineasta pela etérea figura da mulher loira na condição do “eterno feminino”⁶. Este estereótipo da dama loira, sedutora e enigmática, personificado por diversas atrizes tais como Grace Kelly, Kim Novak, Janet Leigh, Eva Marie Saint, Joan Fontaine, Madeleine Carroll e Tippi Hedren, é recorrente em quase todos os filmes do cineasta britânico, que desenvolve uma série de motivos em torno da culpa feminina: o *voyeurismo*, a fetichização, a paranóia, a fascinação, a repulsa, a loucura, os jogos de sexo e poder, etc. A maioria de suas narrativas fílmicas inclui mulheres comprometidas que, por causa do seu desejo por outros homens, causam conflitos, são postas em risco, e terminam seus dias em banhos de

6 - Segundo CIRLOT (1976, pp. 375-6), o arquétipo do “eterno feminino” (*das ewig weibliche*) remete a Eva e Helena, aos aspectos instintivos e emocionais da mulher, cujos atributos principais são a dissimulação, inconsistência, fraqueza, instabilidade e frivolidade. A mulher é vista como símbolo da tentação que arrasta o homem para a perdição.

sangue. Aliás, o motivo da atração sexual e morte, presente em vários filmes de Hitchcock, entra em diálogo com o enredo da peça de Johnson.

Na base da técnica cinematográfica da segmentação e alternância temporal está a concepção bergsoniana do tempo como duração, que acentua como dado essencial a simultaneidade dos conteúdos, englobando presente, passado e futuro num *continuum* fluído e ininterrupto, imitando os mecanismos da consciência, sendo que o tempo pode avançar, retroceder, parar, inverter-se ou repetir-se. O texto de Johnson é engenhosamente construído segundo a dinâmica desses mecanismos: a narrativa dramática é não linear e multi-sequencial, com referências cruzadas, alternância e justaposição de vários tempos e espaços.

A peça é estruturada em torno de três planos temporais principais, cujo entrecruzamento resulta em um complexo jogo de espelhos que flagra as fronteiras fluídas e reversíveis das dicotomias arte/vida, real/virtual e original/simulacro em revista. Observamos a alternância de três temporalidades distintas, 1919, 1959 e 1999. Em 1999, um professor de cinema de meia-idade e cinéfilo apaixonado chamado Alex convida, com segundas intenções, uma de suas jovens alunas para passar o verão com ele em sua mansão em Kalithia, uma ilha grega. Nicola se mostra desinteressada no início até o momento em que Alex revela seu propósito de examinar, catalogar e recuperar algumas caixas de rolos em estado de decomposição, contendo, de acordo com a prodigiosa imaginação de Terry Johnson, uma série de fotogramas de um exercício filmico rodado por Hitchcock em 1919. Esta preciosidade, redescoberta juntamente com outras produções dos Estúdios Gainsbury em uma ilha grega, chegara às mãos de Alex através de um colecionador, que havia arrematado o lote inteiro. O *expert* em cinema acredita que por meio do processo de desconstrução e reconstrução do conteúdo dos fragmentos será possível descobrir a chave das neuroses do cineasta, uma vez que espera encontrar nesses vestígios, em estado embrionário, os principais temas e obsessões do grande mestre. E, em 1959, entrelaçando fato e ficção, Johnson imagina um encontro entre a personagem Hitch e uma aspirante a atriz e dublê de corpo de Janet Leigh para a cena do chuveiro em *Psicose*, uma loira

que busca através do cineasta a realização de seu grande sonho de estrelato.

Em tese, cada um desses planos apresentados na peça pode ser associado a uma experiência estética: cumpre lembrar que os quarenta anos que separam 1919 de 1959, também separam o que se convencionou chamar de estética moderna da pós-moderna. Da mesma forma, os outros quarenta anos separam Hitchcock de 1999 (ou de nossos dias). A partir disso, constroem-se três paradigmas: moderno, pós-moderno e contemporâneo, cada um deles associado a um conceito estético fundamental. Se a modernidade, em sua fase romântica, foi responsável pela noção de originalidade (*Ur*) e a pós-modernidade curvou-se ao simulacro (*fake*), a arte contemporânea esforça-se para sobreviver oscilando entre esses dois extremos, estabelecendo uma forma híbrida de compreensão estética, estruturada na relação *Ur-fake*.

Em *Hitchcock Blonde*, essa relação é magistralmente explorada, tornando *fake* até mesmo a própria idéia de originalidade suscitada pela inquietação de Alex, que já no início da peça manifesta sua obsessão com a pergunta “Algo original?” (HB, p. 4)⁷, idéia fixa que se intensifica metaforicamente com o questionamento de Hitch: “Você é uma loira natural?” (HB, p. 11), culminando com um exercício de especulação arqueológica em que, por exemplo, a fragmentada *Ur-cena do chuveiro* (*Ur-shower scene*) de *Psicose* se sujeita a uma reconstituição irresponsável, cujas versões ou subprodutos nem sempre são coerentes. Tal inconveniente da cultura pós-moderna, nosso *uninvited guest*, a imitação ou simulacro, puro e simples, também pode ser representado pela fixação na figura da loira – nem sempre natural – dos filmes de Hitchcock. O que seria, então, “a mais importante descoberta na história da semiótica desde o Eisenstein perdido” (HB, p. 9-10) acaba sendo neutralizado, como parece prever Nicola, para quem a película descoberta num primeiro olhar não passa de um amontoado de poeira e celulóide em meio a alguns recortes de jornais velhos.

7 - A edição de *Hitchcock Blonde* mencionada na bibliografia será a fonte de todas as referências e citações inseridas no corpo do ensaio (traduzidas pelos autores), assinaladas pelas letras HB, seguidas pelo número das páginas.

Johnson usa as técnicas da montagem e colagem e sucessivos cortes inesperados para transitar livremente entre 1959 e 1999, além de interpolar referências a 1919, data em que os fotogramas descobertos teriam sido filmados. O dramaturgo constrói sua narrativa dramática não linear e descentralizada com uma série de referências e alusões a vários filmes de Hitchcock, principalmente *Janela Indiscreta* (1954), *Vertigem* (1958), *Psicose* (1960) e *Marnie* (1964). Sua recriação de estratégias, temas e motivos, emprestados desses textos-fonte, constitui-se em um complexo jogo de interatividade artística. A cena do chuveiro de *Psicose*, que se celebrou por apresentar pela primeira vez a morte como espetáculo, constitui o centro que desencadeia o fio da meada da narrativa dramática como um todo. Logo na primeira cena, Nicola faz uma detalhada descrição de todas as tomadas que compõem a célebre sequência do assassinato, ao realizar a leitura de seu ensaio para Alex, seu professor, que imediatamente reconhece o texto como sendo seu, desmascarando sua aluna:

Tomada de abertura, primeiro ângulo: suas costas, a faca, vinte e um fotogramas. Segunda tomada: um *close-up* da mãe, vinte e sete fotogramas. Terceira tomada: versão mais apurada do primeiro ângulo, indício de visualização dos seios, indício não concretizado; doze fotogramas. Quarta tomada, terceiro ângulo, tomada superior; quatorze fotogramas; tempo suficiente para registrar não o bico do seio, mas a faca que o obscurece. Quinta tomada: *close-up* de seu rosto. Quarenta e nove fotogramas [...] (HB, p. 03)

Em entrevista com François Truffaut, Hitchcock revelou as estratégias que tornaram célebre esta cena em *Psicose*, inclusive sua decisão de utilizar uma dublê de corpo para Janet Leigh: “A filmagem durou sete dias e houve setenta posições de câmera para 45 segundos de filme. Para essa cena me fabricaram um torso falso com o sangue que devia jorrar sob a faca, mas não o utilizei. Prefiri usar uma moça, uma modelo, nua, que foi a dublê de Janet Leigh. De Janet só vemos as mãos, os ombros e a cabeça. Todo resto é com a modelo. Naturalmente a faca jamais encosta no corpo, tudo é feito na montagem, nunca se vê uma parte tabu do corpo da mulher, pois filmaram certos planos em câmera lenta, para evitar os seios na imagem. Os planos

filmados em câmera lenta não foram acelerados depois, e sua inserção na montagem dá a impressão de velocidade normal” (TRUFFAUT, 2004, p. 281).

As revelações de Hitchcock a respeito do *making of* desta cena nos fornecem importantes pistas sobre os mecanismos de percepção e apreensão da realidade, teorizados por Henri Bergson em diversas de suas obras. O filósofo francês explicita que nós não conseguimos apreender o verdadeiro real devido ao caráter utilitário que rege a nossa percepção, sendo o caráter pragmático do intelecto responsável pelo fato de percebermos apenas o que queremos ver. Por isso somos cegos em relação aos dados empíricos que se descortinam diante de nossos olhos. Estas colocações lançam uma luz extremamente fecunda não somente sobre a manipulação do olhar discutido por Hitchcock, mas também sobre a problemática das relações humanas inscritas na peça de Terry Johnson, como a impossibilidade de entendimento e de convívio harmonioso entre o homem e a mulher. Diversas construções culturais constituem objeto de reflexão, dentre elas o mito do “eterno feminino”, já referido anteriormente, e o conseqüente medo, principalmente por parte do homem, de assumir uma relação de cumplicidade com o sexo oposto.

Alex havia levado Nicola, uma jovem loira com a metade de sua idade, para a ilha paradisíaca, não para que ela partilhasse de seus sonhos de notoriedade (a façanha de recuperar um ensaio filmico de Hitchcock dado como perdido), mas para seduzi-la:

Alex: Você é a encarnação...do meu desejo mais ardente. Por você eu sou capaz de desafiar todos os meus medos e desapontamentos, tudo, por você existir. Alheia ao poder que você exerce. Você faz meu coração parar de bater, trava minha língua. Eu poderia descrever todas as peças de suas vestimentas íntimas em palavras similares às que Proust usou ao relatar a sensação de comer uma *madeleine*.

Nicola: Você vai desejar não ter dito isso.

Alex: Eu seria capaz de renunciar a todas as horas de meu futuro insípido por um momento de intimidade com você. Com os olhos abertos, em entrega total. Suas coxas se rendendo. Explorar a totalidade de seu ser em um momento

de êxtase significaria abraçar um futuro de cumplicidade, encontrar temporariamente a paz, uma justificativa para continuar trilhando esse infindável caminho exaustivo que é a vida. (HB, p. 40)

Como seu discurso amoroso cuidadosamente elaborado não surte o efeito desejado, ele decide persuadi-la através de uma chantagem – deixa uma mensagem mentirosa no computador com a revelação de que ele estaria com câncer em estágio terminal. Esta revelação põe fim à resistência de Nicola, que decide acreditar em sua sinceridade, cedendo aos seus desejos. Ao perceber que a jovem está prestes a se render ao seu jogo de sedução, Alex se entrega a suas fantasias de antecipação do evento. Em uma estonteante sequência holográfica, ele inclusive imagina a jovem mulher loira tomando um banho de chuveiro ao ar livre, que remete à famosa cena do chuveiro em *Psicose*.

O crítico britânico Lee Wilson⁸ faz um relato da intrincada fusão do real com a imagem, que caracterizou a montagem apresentada no Royal Court Theatre em Londres: uma piscina enorme concretamente instalada no palco se funde com as imagens panorâmicas projetadas para constituir o cenário grego e, na cena na qual Alex, um *voyeur* convicto à maneira de Hitchcock, em estado de transe vê materializado o objeto de seu desejo – uma loira espectral tomando banho de chuveiro – vemos uma projeção tridimensional de uma figura feminina nua que se confunde com uma mulher de carne e osso enquadrada no chuveiro real montado no palco. Seria ela Nicola, Janet Leigh ou a própria Vênus induzindo-o ao ritual da sedução? A imagem é tão perfeita que parece ser real, tanto para o espectador quanto para o personagem Alex que, ao tentar agarrá-la, se frustra, porque nesse momento ela se desmaterializa. O dramaturgo fornece indicações precisas para a concretização cênica desse episódio em uma das rubricas do texto:

Alex apanha a facção que está a seu lado. Utiliza-o para cortar um limão numa árvore próxima. Depois, senta-se nas escadarias que levam ao pátio, corta uma fatia de limão e coloca-a em sua bebida. Suavemente, o chuveiro perto da

8 - Disponível em: www.broadwayworld.com/viewcolumn.cfm?colid=15 Acesso em: 15.08.2006.

piscina é acionado. Nicola aparece e entra no chuveiro, com seu brilho costumeiro, nua. Sem se aperceber da presença de Alex, ela toma banho de chuveiro. Alex se levanta e caminha em sua direção. Coincidentemente, ele continua segurando o facão em sua mão. Ao se dar conta disso, larga o facão. Ela se vira ao vê-lo aproximar-se. Abre seus braços para ele. Ele entra no chuveiro e, ao fazê-lo, ela se dissolve, desaparece. Ele fica imóvel no chuveiro até ficar totalmente encharcado. Nicola aparece, vestida como antes de deixar a cena, caminhando em direção a ele. (HB, p. 64)

Nesta cena, em que Alex se aproxima furtivamente do chuveiro com o facão na mão, temos uma paródia da estética do suspense e da metafísica da angústia, criadas por Hitchcock, que gostava de mexer com os nervos do espectador. Trabalhava com a noção freudiana do prazer pelo estranho, sinistro e horripilante. Em um ensaio intitulado “O Prazer do Medo”, o mestre revela suas táticas de criar suspense. Assevera que “o terror se obtém com a surpresa; o suspense pelo aviso antecipado” (GOTTLIEB, 1998, p. 147). A paródia da cena do chuveiro tem a função de fornecer à platéia um aviso antecipado da morte, no sentido metafórico, de uma mulher loira chamada Nicola, vítima sacrificial das obsessões eróticas de Alex.

Depois da noite de amor “real”, que se concretiza na esteira da experiência imaginária de Alex no chuveiro, Nicola se envolve emocionalmente com o professor, mas muito cedo descobre que foi apenas o objeto de seu desejo que, depois de satisfeito, não representa mais nada. Também descobre que Alex não sofre de câncer terminal, uma vez que este se denuncia (esbanjando saúde) quando não consegue esconder seu entusiasmo pela fantástica descoberta dos fotogramas, atribuídos a Hitchcock, e começa a fazer grandes planos para o futuro, que naturalmente não incluem Nicola. Depois de satisfazer suas “loiras” fantasias sexuais, ele perde completamente o interesse por ela como mulher e volta a concentrar toda a sua atenção na recuperação dos fotogramas do ensaio fílmico. A maneira como Nicola expressa sua indignação e revolta remete ao motivo da vitimização das loiras de Hitchcock: seu gesto extremamente melodramático ao desnudar seus seios para revelar dois cortes abaixo deles para Alex, vertendo tênues fios de

sangue, contrasta com o cinismo de sua fala, o que caracteriza o teor paródico da cena; ela diz que foi estupidez de sua parte, pergunta onde está a caixa de *band-aid* e garante que os cortes são extremamente superficiais.

Aqui, mais uma vez a crítica de Johnson recai sobre o *fake*, mas dessa vez como uma alusão a certa superficialidade que dele emana, sobretudo quando tal conceito visa apenas a substituir o conceito de *Ur* inalcançável. Os cortes abaixo dos seios simbolicamente aludem a operações de implante de próteses de silicone, revelando um simulacro, nem loira, nem mulher, nem real: o objeto de amor de nossa época (pós-Hitchcock), representado pelo padrão das loiras dos filmes do mestre, ou suas dublês de corpo, com o qual Alex sonha e ao qual Nicola evidentemente não consegue se ajustar.

A estética do *Ur-fake*, portanto, estendida às relações humanas, desvela outras superficialidades, sobretudo amorosas, fazendo de Nicola a verdadeira protagonista da peça, já que é a única personagem a criticar abertamente a estética hitchcockiana e tudo que a ela está relacionado: talvez a última defensora das relações reais, baseadas no toque. Trata-se de uma inversão paródica das obras de Hitchcock, que não apresentam mulheres protagonistas, mais um sinal de nosso tempo.

O diálogo da cena seguinte bem define o fenômeno que o sociólogo Zygmunt Bauman chama de “amor líquido” ou descartável. Trata-se da fragilidade dos vínculos entre o homem e a mulher na contemporaneidade, dos “relacionamentos virtuais” que parecem ter sido feitos sob medida para o líquido cenário da vida moderna, fáceis de entrar e de sair, uma vez que sempre se pode apertar a tecla de deletar (BAUMAN, 2004, pp. 22-3). Nesta conversa, Nicola dá a entender que agora tem plena consciência do fascínio de Alex pelo imaginário, que dentro da cabeça dele é tão ou mais real que a vida:

Nicola: Confesse Alex, você não tinha a intenção de me tocar de novo. Porque nós nos tornamos reais através do toque, não é mesmo? Quando você me toca, você acorda de seu sonho de estar tocando em alguém outro que você gostaria de tocar.

Alex: Eu não preciso disso.

Nicola: Uma forma infalível de tratamento para aquilo que não tem cura.

Alex: Se você está a fim de me humilhar, saiba que eu não preciso disso. Chega de humilhação. Já fui muito humilhado antes de tudo isso começar. Se eu não conhecesse a humilhação, eu não seria o homem que fez isso com você.

Nicola: Não tive a intenção de fazer você sentir-se culpado. Eu tenho um monte de pequenas cicatrizes. Pensei que você fosse se aperceber delas ao tocá-las. Pensei que você fosse querer saber.

Alex: Minha única defesa vale para todos nós; nós só nos submetemos àquilo que necessitamos para curar nossas feridas. (HB, p. 90)

Uma sensação de medo de amar e de desconfiança em relação às mulheres perpassa o discurso de Alex, o qual à maneira e semelhança de seu mestre, também trata as mulheres com pouca simpatia.⁹ Foi precisamente esse olhar preconceituoso sobre o feminino que criou a reputação de misógino de Hitchcock. Nas cenas que ostentam Hitchcock como personagem, o cineasta britânico aparece como um *voyeur* impotente, cínico e misógino, para quem o cinema, de acordo com o imaginário popular, constitui um veículo para executar sua vingança contra as mulheres odiadas por não se renderem aos seus poucos dotes físicos. Obviamente a personagem chamada Hitch não é Hitchcock, porém a figura do diretor transformado em mito da mídia: Johnson brinca com o “eu” do diretor, travestido e transmutado em entidade mítica e, portanto, fictícia, tornando-se concomitantemente imagem inventada e imagem reproduzida.

A narrativa dramática, como um todo, é tecida com maestria através do tema da morte aparente à la *Vertigo*: o professor finge estar condenado a

9 - A concepção de Hitchcock sobre as mulheres e seu relacionamento com elas, na tela e no set de filmagem, pode ser devidamente avaliada em alguns de seus pronunciamentos públicos, entre eles “Como escolho minhas heroínas”, “Precisamos de estrelas?”, “As mulheres são um estorvo”, entre outros (GOTTLIEB, 1998, pp. 93-124).

morrer de câncer para tocar o coração de Nicola e torná-la, assim, vulnerável ao processo de sedução que ele havia iniciado sem sucesso; o marido abusivo e abusado da loira, dublê de corpo de Janet Leigh, que é esfaqueado e golpeado na cabeça por ela, obstinadamente se recusa a ficar caído no chão; e até a loira do filme de 1919 parece ter assassinado seu suposto amante, segundo a leitura que Alex e Nicola fazem após examinar a série de fotogramas.

A cena do malogrado assassinato do marido pode ser lida como uma fantasia surrealista da loira que vê nessa forma de violência uma espécie de terapia para descarregar suas angústias e frustrações. Ela mata para se vingar da opressão do marido de quem apanha de cinta, quando ela o provoca com seus relatos sobre os orgasmos que sente nas cenas de nudez que grava no estúdio, sob o atento olhar do mestre e de seus assistentes, sublinhando a fama de Hitchcock como *voyeur*. Percebe-se que o tratamento que ela dispensa ao seu marido é uma inversão paródica do que acontece com as loiras nos filmes de Hitchcock.

Em uma outra cena da peça, a loira, aspirante à atriz, conta a Hitch o episódio dos golpes desferidos contra seu marido, asseverando acreditar ter acabado com a vida dele. Revela também como resolveu se livrar do corpo, escondendo-o no caminhão frigorífico de propriedade do suposto falecido. Imediatamente, Hitch detecta vários erros técnicos em seus procedimentos assassinos de principiante, comprovados mais tarde pela “ressurreição” do marido, que volta para continuar assombrando a vida dela, assim como voltam vários personagens de Hitchcock que, aparentemente, haviam morrido. Dentre eles, destaca-se a Madeleine de *Vertigem* que, na realidade, não é Madeleine, mas uma sócia que causa perplexidade em Scottie, o protagonista ingênuo que havia sido envolvido em uma trama idealizada pelo marido e executada com a ajuda de uma mulher enigmática. Na peça de Terry Johnson, novamente temos uma inversão paródica, uma vez que uma mulher, Nicola, faz o papel da protagonista ingênua envolvida numa trama arquitetada e executada através da argúcia de Alex, um homem dissimulado e enigmático. Através do procedimento chamado de paródia respeitosa (HUTCHEON, 1989, p. 49), Terry Johnson presta uma homenagem a Hitchcock – o cineasta escolhido

em 1995 como o melhor diretor de todos os tempos por sessenta dos cem cineastas da comissão julgadora por ocasião das comemorações do centenário de cinema, uma iniciativa da revista *Time Out* (MERTEN, 2005, p. 115).

O tema principal da peça de Johnson é o hiato existente entre as fantasias eróticas do celulóide e a realidade. O professor de midialidades, Alex, assim como o Duque Orsino em *Noite de Reis* de Shakespeare, é um narcisista que ama o seu próprio reflexo e que está apaixonado pela idéia de estar apaixonado. Cria uma imagem ideal do objeto de seu desejo de acordo com as idéias fixas que desenvolveu influenciado pelas temáticas das narrativas dos filmes de Hitchcock. Através da tessitura de referências hitchcockianas vislumbra-se que Alex é obcecado pelo virtual e se encontra o tempo todo imerso no imaginário da representação cinematográfica. Procura viver na vida real as virtualidades do celulóide e se empenha em regular suas vivências e fantasias com a exatidão de um *storyboard*, ficando extremamente contrariado quando seu enredo cuidadosamente elaborado não se concretiza, como demonstra o seguinte diálogo que se trava entre ele e Nicola logo após a chegada na ilha paradisíaca, quando adentram na luxuosa mansão:

- Alex: Alguém teve a ousadia de construir a droga daquela mansão.
Nicola: E daí?
Alex: Um coisa horrível, cor de rosa.
Nicola: Não estava aí desde sempre?
Alex: Posso lhe garantir que não.
Nicola: A cor é fantástica.
Alex: É cor de rosa.
Nicola: Eu adoro cor de rosa.
Alex: Estou a fim de contemplar os bosques de oliveiras, não os traseiros de ingleses fritando ao sol.
Nicola: É uma piscina legal.
Alex: Isso não vem ao caso. Eu tinha uma vista espetacular dos bosques de oliveiras.
Nicola: Há outros do outro lado. Tem oliveiras por toda parte.
Alex: Eu devia ter comprado os dois terrenos.
Nicola: Isso não tem nenhuma importância.
Alex: Que droga!

- Nicola: Não viemos aqui para contemplar a paisagem.
- Alex: Eu gostaria de saber por que os desgraçados dos ingleses presumem ter o direito de invadir todo e qualquer esplendoroso metro quadrado que fica a três malditas horas do aeroporto de Luton?
- Nicola: Porque isso aqui é o paraíso.
- Alex: Parasitas.
- Nicola: Olhe na direção oposta.
- Alex: Santo Deus, lá está outra em construção. Pelas fundações parecem ser duas [...]
- Nicola: Alex, nada é perfeito.
- Alex: Droga, esse lugar era para ser.
- Nicola: Isto aqui é o céu; porém outras pessoas também tem o direito de desfrutar.
- Alex: É uma contradição de termos.
- Nicola: Para você pode ser. Posso abrir a champagne?
- Alex: Agora não. É pra depois. (HB, p.18-9)

Alex, à maneira de um roteirista, quer sempre ter o controle total da situação. Para ele o universo da tela com seu jogo de ilusões é muito mais emocionante que a realidade circundante. Pelo diálogo acima podemos inferir a tendência de Alex de fuga da realidade, e desde suas primeiras falas fica evidente seu fascínio pelas sensações provocadas pela indústria cultural do celulóide. Quando mostra a sua pupila uma caixa contendo um rolo com a provável preciosidade de um ensaio filmico de Hitchcock, Nicola se mostra ansiosa para abri-la, mas ele retruca o seguinte: “Eu sempre deixei minha mãe quase louca ao insistir em abrir os presentes de Natal depois do dia cinco de janeiro. Eu sempre preferi a sensação de antecipação ao evento real” (HB, p. 09).

O final da peça é uma narrativa hitchcockiana reelaborada e adaptada: o tema da ilusão do amor que descamba no *voyeurismo* e romantismo doentio é reiterado em dose dupla. Quando a loira, aspirante a atriz, avança em demasia e decide desnudar seus seios para o deleite particular de Hitch, com a finalidade de conseguir o papel de estrela em uma de suas películas, este se retrai horrorizado. E, quando Nicola decide levar a sério o relacionamento que ela tanto relutou em iniciar, Alex, o *expert* em

cinema, também recua completamente entediado. Para ele, somente o cinema preenche suas necessidades mais escuras e recônditas. A justaposição das cenas aparentemente desconexas constitui um complexo jogo de espelhos que ilumina os diversos relacionamentos inseridos na peça.

As várias indicações cênicas, que o dramaturgo inscreve no texto através das rubricas, também evidenciam as intersecções entre teatro e cinema. Durante a concretização cênica da peça, na medida em que os fotogramas do ensaio filmico de Hitchcock vão sendo recuperados e restaurados, as imagens correspondentes vão sendo projetadas em preto e branco, numa superfície branca. Na hora em que Alex e Nicola conseguem visualizar a loira, a rubrica diz o seguinte: “As luzes se extinguem enquanto aparece uma projeção evanescente em uma das paredes da mansão, a imagem granulada e ao mesmo tempo hipnótica do rosto de uma mulher, um tanto perturbado, com uma sobrancelha levemente arcada. Um momento mágico, porém inegavelmente real na duração temporal” (HB, p. 26).

Fica evidente que a peça literalmente transpõe o espectador para dentro do universo filmico de Hitchcock, mas somente aqueles espectadores que tem conhecimento da filmografia do cineasta britânico é que irão detectar as relações intertextuais e intermidiais, seja em forma de citação, alusão ou paródia. Como assevera Claus CLÜVER (1977, p. 45), o termo adaptação “veio a adquirir o sentido de ‘reelaboração livre’, transformação, desvio deliberado da fonte a fim de produzir algo novo”, sendo que o texto-alvo deve sempre ser tomado como uma criação independente, a partir da qual os textos fonte devem ser considerados e estudados. Nesse sentido, ao recombinar e fundir códigos de dois sistemas semióticos ou mídias diferentes em *Hitchcock Blonde*, Terry Johnson constrói uma poética intermidial: ele empresta motivos, temas, personagens e fragmentos de enredo de diversos filmes de Hitchcock para retrabalhá-los livremente em um texto teatral imensamente criativo, além de apropriar-se da imagem midiática de Hitchcock e de suas principais técnicas narrativas.

O teatro sempre foi, é e sempre será um hipermeio, aberto à incorporação, representação e tematização de outros meios. O complexo intercâmbio que as

relações literatura/ cinema mobilizam nos dias de hoje surgiu da necessidade de cada meio de ter de reinventar-se continuamente numa época em que transgressões e rupturas tornaram-se a regra ao invés da exceção. Terry Johnson, de maneira muito explícita e com grande perspicácia, promove um diálogo intermidial em sua peça *Hitchcock Blonde*, contribuindo de maneira expressiva para a renovação e revitalização do teatro contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 165-96.

CIRLOT, J.E. **A Dictionary of Symbols**. London: Routledge, 1976.

CLÜVER, Claus. Estudos Interartes: conceitos, termos objetivos. In: **Literatura e Sociedade 2**: Revista de teoria literária e literatura comparada. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997. p. 37-55.

_____. Estudos Interartes: introdução crítica. Trad. do inglês de Yung Jung Im e Claus Clüver. In: BUESCU, Helena Carvalhão; DUARTE, João Ferreira; Gusmão, Manuel (orgs.). **Floresta encantada**: novos caminhos da literatura comparada. Lisboa: Dom Quixote, 2001. p. 333-62.

CRUZ, Décio Torres. **O Pop**: literatura, mídia e outras artes. Salvador: Quarteto, 2003.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Extratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães & Maria Antônia Ramos Coutinho. **Cadernos do Departamento de Letra Vernáculas**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Letras, 2005. 99 p. Extratos dos capítulos 1, 2, 7, 40, 41, 45, 80.

GOTTLIEB, Sidney. **Hitchcock por Hitchcock**: coletânea de textos e entrevistas. Trad. Vera Lúcia Sodré. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

HOEK, Leo H. La transposition inters miotique por une classification pragmatique. In: HOEK, Leo H. & MEERHOFF, Kees (eds.). **Rh torique e Image**: texts en homage    . Kib di Varga. Amsterdam – Atlanta, GA: Rodopi, 1995. p. 65-80.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**: ensinamentos das formas de arte do século XX. Trad. Tereza Louro Pérez. Lisboa: Edi es 70, 1989.

JOHNSON, Terry. **Hitchcock Blonde**. London: Methuen, 2003.

MERTEN, Luiz Carlos. **Cinema**: entre a realidade e o artifício. Porto Alegre: Artes e Ofício, 2005.

PICON-VALLIN, Béatrice. Os novos desafios da imagem e do som para o ator. Em dire o a um super-ator? Trad. Fátima Saadi. **Folhetim**, n  21, Jan./Jun. 2005. p. 07-23.

PLAZA, Julio. **Tradu o Intersemi tica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

TRUFFAUT, François. **Hitchcock, Truffaut**: entrevistas. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

1º Ten QCO Clebsem Lelis Pereira¹

RESUMO: O presente artigo aborda a possibilidade de leitura de uma das principais obras do escritor Lima Barreto, sua ligação com o contexto histórico e social do Brasil no início do século XX e a visão perspicaz do autor com relação à literatura e à crítica social.

Palavras-chave: Crítica social, romance de chave, literatura e sociedade.

ABSTRACT: This study approaches a possible reading of one of Brazilian writer Lima Barreto's main works, its linking with the Brazilian historical and social background in the beginning of the twentieth century and the author's astute point of view about literature and social criticism.

Keywords: Social criticism, romance, literature and society.

1 - Professor do Colégio Militar de Curitiba, Mestre em Estudos Literários pela UFPR e Especialista na área de Pedagogia pela UFRJ. lelis3@pop.com.br.

INTRODUÇÃO

Recordações do escrívão Isaías Caminha, romance de Afonso Henriques de Lima Barreto é, sem dúvida, como toda grande obra literária, celeiro de múltiplas interpretações, que podem nos levar para caminhos seguros, veredas tranquilas, mas também podem, traiçoeiramente, guiar o observador mais atento para uma armadilha que o signo proporciona.

Embora o presente trabalho não almeje vôos a alturas elevadas, pontuamos algumas questões de análise que são propostas de leitura baseadas na fortuna crítica produzida por estudiosos que se debruçaram sobre a obra desse escritor carioca que soube, como poucos, falar sobre a realidade do Rio de Janeiro e do Brasil. Na esteira das discussões a respeito da obra de Lima Barreto, procuraremos enfocar pontos que partem da leitura do romance e que nos proporcionam o diálogo com o momento da produção ficcional e a história social, cujo escopo tem sido discutido nas últimas décadas, apresentando-se esta última (a história social) mais como um constructo discursivo do que propriamente como ciência.

Publicada em 1909, esta obra ainda representa um desafio para quem deseja aprofundar-se em sua leitura, e a caminhada torna-se mais fácil ou mais difícil à medida que vamos encontrando, ou não, as chaves para abrir as portas certas.

UMA CHAVE

Recordações do escrívão Isaías Caminha narra a história de um jovem mulato pobre, porém inteligente e morador de um município do interior. Nascido de um pai branco (um padre) e de mãe negra, sua empregada, o menino cresce e, com o concurso de toda a família, após a morte do pai, consegue concluir o que hoje podemos chamar de Ensino Médio. O rapaz tem pretensões de prosseguir os estudos no Rio de Janeiro e de se tornar doutor. Recebe uma recomendação de um político local, o qual possui ligações de “apadrinhamento” com um deputado federal na capital, para ser “colocado”

em um emprego. Chegando ao Rio, é enganado pelo deputado e conhece a fome e a miséria, esquecendo-se dos estudos. Transforma-se em contínuo de um jornal e mais tarde, repórter. Abandona sua carreira quando era protegido do dono do diário. Deixa o Rio e vai se instalar em Caxambi, no interior do Espírito Santo, no cargo de escrivão de coletoria. Ali resolve escrever suas recordações.

Como já observamos, o romance foi publicado em 1909, mas os primeiros capítulos já haviam aparecido dois anos antes na revista *Floreal* e receberam uma nota positiva do crítico José Veríssimo, muito respeitado na época. Porém a obra não teve a receptividade que Lima Barreto esperava. O romance foi acusado de ser um *roman a cléf* (romance de chave), que satirizava as autoridades e as figuras da imprensa da época. O registro que marcou sua estréia foi o do personalismo². Por trazer como protagonista um mulato, dotado de certa sensibilidade e talento, com um possível futuro promissor, e que, em contato com um sistema social exclusivista, sofre consequências que o empurram ao fracasso e à mediocridade³ a crítica literária da época “reforça a idéia de que o autor, um ressentido, teria sido dominado por um profundo ‘complexo de cor’, como se dizia então, levando-o a destilar amarguras pessoais nas suas obras”⁴. Isso deixava a obra, segundo seus censores, com certo déficit de excelência, embora fosse “de alguma qualidade.”

O jornal no qual Isaías trabalhava era chamado *O Globo*, figura ficcional do poderoso *Correio da Manhã*, que, conforme as matérias de seus jornalistas e agregados, podia determinar o futuro político de ministros ou até iniciar um motim.⁵ Isso vai levar Isaías a dizer que tomou contato com o quarto poder fora da Constituição. Porém, se Lima Barreto pintou quadros muito próximos

2 - Vide a correspondência de José Veríssimo a Lima Barreto comentando sua percepção: “Há nele, porém, um defeito grave, julgo-o ao menos, e para o qual chamo a sua atenção, o seu excessivo personalismo. É pessoalíssimo, e, o que é pior, sente-se demais que o é.”

3 - e que por isso, em suas recordações, denunciará o mecanismo desse sistema “apoiado” pela imprensa oficial, onde trabalhava grande parte da crítica literária.

4 - HOSSNE, Andréa Saad. A forma da angústia. In Revista Cult. Jul 2002, p. 52.

5 - Vide o levante da população no caso da obrigatoriedade do uso dos sapatos na cidade, que foi explorada pelo jornal e que, direta ou indiretamente, auxiliou para que os distúrbios se deflurassem.

aos dos acontecimentos ou de figuras públicas de seu tempo, carregando nas cores ou simplesmente satirizando, como queriam seus detratores, foi “para escandalizar e provocar a atenção para a minha brochura,”⁶ por isso não tinha a intenção documental do padrão autobiográfico. A forma como faz a caricatura do mundo jornalístico e de seus personagens acaba por deformá-los⁷ e essa era a sua tática para furar o bloqueio feito ao escritor principiante;⁸ porém era arriscada a sua cartada, sob pena do público leitor ver na narrativa pouco mais que cópias arruinadas do mundo real. Todavia, “a associação dos personagens com figuras da vida real, sim, pode provocar deformações na análise; o retrato caricatural dos ‘mandarins literários’ – expressão do próprio Lima Barreto – parece vir a propósito, representando a própria caricatura de intelectuais que eram.”⁹

Acreditando que o registro de Lima Barreto era satírico demais com relação a um elemento da realidade como a imprensa, seus contemporâneos, analisando obliquamente *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, sem perceber suas inovações e sua perspectiva, vão estabelecer a tradição da crítica do mulato ressentido e projetar o romance para o rol dos *roman a cléf*.

Lima Barreto, suspeitando que seu romance poderia não ser bem compreendido, antes de sua publicação escrevia para Corinto da Fonseca:

Aí vão as páginas do *Isaías*, que recebi de Lisboa. Peço-te que não mas perca, pois só recebi estas. Mando-te também o prefácio, que lhe pus à testa, quando o comecei a publicar. Tirei-o do livro. Tenho ojeriza pelos prefácios, mas ele te pode servir bem para compreenderes o livro. Estou certo que a tua inteligência há de ver nele mais do que um ataque ao jornal. Há de ver nele um caso de “desmoralização”, de enfraquecimento do indivíduo pela sociedade, de apavoramento diante dos seus prejuízos.¹⁰

6 - BARBOSA, Francisco de Assis. “Prefácio” In: BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1968, p. 12.

7 - Cf. Lúcia Miguel-Pereira. *Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p. 301.

8 - Cf Fantinati, ib. p.54.

9 - RODRIGUES, Fábio Della Paschoa. O virtuose e o marginal. <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/v00001.html>.

10 - LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras completas*. Org. Francisco de Assis

Bem, se Lima Barreto, como diz na carta, pretendia que se visse em sua obra mais “do que um ataque ao jornal,” por que retirou da publicação justamente o prefácio que “serve bem para compreendê-la? Será que é pelo mero desgosto de prefácios? Qual sua intenção àquela época, já que na segunda edição, de 1917, ele reintegra o duplo prefácio, assinado o primeiro pelo amigo e editor, Lima Barreto e o segundo pelo autor, Isaías Caminha? Acredita-se então que essa possa ser a chave para a sua leitura, que parte da sublimação na fusão entre a instância pessoal e a histórica. É este imbricamento que Andrea Hossne observa como o ponto de ebulição de toda a qualidade de *Isaías Caminha*: a transformação de uma experiência que é “ao mesmo tempo singular e histórica”¹¹ em literatura, vesada por uma verve crítica, ácida até, mas filtrada, do excluído reconhecido no “outro”. Não surpreende então que a intenção de Lima Barreto era mostrar que “um rapaz nas condições de Isaías, com todas as disposições, pode falhar, não em virtude de suas qualidades intrínsecas, mas batido, esmagado, prensado pelo preconceito.”¹²

Para evitar o equívoco da primeira, em sua segunda edição, de prefácio duplo, vem intitulada como “Breve notícia”. O primeiro prefácio, de Barreto, explica como se deu a publicação da obra por seu intermédio, com a preocupação de desculpar a supressão do prefácio da primeira edição, que tem “tanta coisa interessante que muito concorre para a boa compreensão do livro”, talvez vá aí a resposta à crítica de Veríssimo sobre o personalismo no romance¹³, tentando desfazer o engano, já que ele alude ao elogio feito pelo crítico quando da publicação dos primeiros três capítulos na Floreal. O segundo prefácio é de Isaías, explicando os motivos que o levaram a escrever suas recordações. Há no final uma nota do editor, na qual não só comenta o que foi colocado pelo “autor” Isaías como dá notícias deste decorridos dez anos da composição do livro. Comentando o fato de nossos leitores atropelarem o prefácio para irem direto à narrativa, Hossne lembra que talvez por causa disso Mário de Andrade chama de “Interessantíssimo” seu prefácio em *Paulicéia*

Barbosa et alii. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 189-190.

11 - HOSSNE, loc. cit., op.cit.

12 - BARBOSA, ib., p. 12.

13 - Vide a carta de Veríssimo a Lima Barreto, de 1910.

desvairada. No caso de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, o livro (ou a narrativa) começa realmente no prefácio. “O fim, portanto, da trajetória de Isaías não está na última página do romance, como termo de suas memórias, mas logo no início, na voz do editor.”¹⁴

Aceitando o que nos dizem os prefácios, encara-se portanto Isaías como personagem narrador, mas também como autor da obra cujo editor é Lima Barreto. “Assim, as dificuldades que cercam um escritor, entre elas a solidão, o questionamento sobre o valor e função do que escreve são personificados pelo protagonista do romance e constituem uma metáfora para o escritor moderno da Literatura Brasileira”¹⁵ em que, conforme expõe Carmem Figueiredo,¹⁶ não há o traço utópico do primeiro narrador destas terras, o escrivão Pero Vaz de Caminha, mas acredito que há muito do anúncio e da pregação do profeta Isaías.¹⁷

O prefácio assinado por Isaías nos dá a gênese e as motivações de suas recordações. Leu um artigo em uma revista nacional que afirmava a inferioridade intelectual dos homens de origem negra e mais que isso, argumentava que esses, quando jovens, possuíam uma grau de inteligência promissor, o qual não se confirmava quando adultos. Para contrapor às afirmações do artigo, resolve narrar sua vida. Seu objetivo seria mostrar que não estava na questão racial, o motivo do insucesso dos negros na maturidade, mas na estrutura da sociedade, excludente e marginalizadora.

Ao discurso determinista do artigo, Isaías vai revelando, ao narrar seus descaminhos pela capital, as engrenagens sociais, a “estrutura do favor” que

14 - HOSSNE, loc. cit. op. cit.

15 - FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo. Lima Barreto e as ruínas do imaginário. <http://nuevomundo.revues.org/document2936.html>

16 - Id., ib.

17 - Foi-lhe dado (a Jesus) o livro do profeta Isaías. Quando desenrolou o livro, encontrou o lugar onde estava escrito: “o Espírito do Senhor” (repousou) sobre mim; pelo que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a sarar os contritos do coração, a anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a recuperação da vista, a por em liberdade os oprimidos e a pregar o ano favorável do Senhor. (evangelho de São Lucas 3-14 a 19). BIBLIA SAGRADA. Trad. Pe. Matos Soares. São Paulo: Paulinas, p. 1125. Podemos notar a força da onomástica de Lima Barreto: a escolha do nome do protagonista, refundindo significativamente sua ação.

já vigia no Império, mas que aprofunda suas raízes na República, agora não mais usando como símbolo de poder o título nobiliárquico, mas, entre outras coisas, o anel de bacharel e o pergaminho na parede.¹⁸

Hossne vai observar que esse recurso da narração, a “recusa da voz autoral” de Lima Barreto com a “afirmação da existência empírica de Caminha”, pois Lima Barreto é apenas o amigo que lhe edita a obra e que também dá as notícias recentes do escrivão, é um modo interessante de contrapor à verdade científica, publicada em artigo de revista de circulação nacional, a “força do testemunho” fundado na narração da “realidade vivida”¹⁹. O que nos leva a reafirmação do projeto de Lima Barreto em que “ a literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes as qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos separam uns dos outros.”²⁰

Assim, encontramos um Isaías que possuía sonhos de “influir no processo de evolução da sociedade mediante a realização de um projeto redentor”²¹ e que, em conflito com o mundo, representado pela cidade do Rio de Janeiro, sente-se sem forças para lutar e sucumbi ao sistema capitalista e preconceituoso, mecanismo de controle que o advento da República viria exacerbar.²² Irenísia de Oliveira observa que ante a expectativa produzida no início da narrativa a liquidação social e psicológica de Isaías se dá rápido demais, ficando no leitor a sensação de que o personagem deveria insistir em seus ideais, superando os primeiros obstáculos e a imobilidade, evitando a apatia e a cooptação que o levaram à mediocridade²³: “E notei essa ruína dos meus primeiros estudos cheio de indiferença, sem desgosto, lembrando-me daquilo tudo como impressões de uma festa a que fora e a que não devia

18 - HOSSNE, *ib.*, p.54.

19 - *Op. cit. loc. cit.*

20 - LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. Impressões de leitura. *Revista Sousa Cruz*, Rio de Janeiro, ns. 58-59, p. 56, out./nov. 1921.

21 - FANTINATI, *ib.* p. 68.

22 - Sobre o assunto, verificar como José Murilo de Carvalho faz um painel da sociedade nos primeiros tempos da República em *Os bestializados (op.cit)*.

23 - OLIVEIRA, Irenísia Torres de. Uma palha na cidade. *Revista Letras*. Curitiba, n. 64, p.78, set./dez. 2004.

voltar mais. Nada me afastava da delícia de almoçar e jantar por sessenta mil-réis mensais.”²⁴ Já Lima Barreto, o escritor, fez da literatura sua vida, e defendeu seu projeto até o seu fim, conforme pode se ver por suas obras, sacrificando a saúde, o lazer e até o amor de outra pessoa por aquilo em que acreditava.

ISAÍAS E O OUTRO

Meu Deus, eu ando
com o sapato furado
tenho a mania
de andar engravatado
e minha cama
é um pedaço de esteira
e é uma lata velha
que me serve de cadeira.

Meu Deus, meu Deus...

Minha camisa
foi encontrada na praia
e a gravata foi achada
na ilha de Sapucaia
meu terno branco
parece casca de alho
foi a deixa de um cadáver
do acidente no trabalho.

Meu Deus, meu Deus.
O meu chapéu

foi de um pobre surdo e mudo
a botina foi de um velho
da revolta de Canudos.
Quando eu saio a passeio
as damas ficam falando
- trabalhei tanto na vida
pro malandro estar gozando.

Meu Deus, meu Deus...

A refeição
é que é interessante
na tendinha do Tinoco
no pedir eu sou constante
e o português
meu amigo sem orgulho
me sacode o caldo grosso
carregado no entulho.

Cabide de molambo, de João da Baiana
(1887- 1974), datado de 1917

As letras de samba sempre foram uma espécie de crônica de época. Muitos compositores, de forma irreverente, procuravam mostrar uma realidade que era vivida pelo povo pobre, como a composição de João da Baiana da epígrafe. Lima Barreto, em *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, vai fazer um painel da sociedade do Rio de Janeiro, com um carinho todo especial por essa gente, em sua maioria negra ou mulata e que, por viver à margem, na

24 - LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*., p. 57, [http:// www.dominiopublico.org.br](http://www.dominiopublico.org.br).

periferia, apenas frequentando o centro da cidade para conseguir seu sustento, acha-se excluída e sem uma voz que lhes defenda.

A história que é narrada por Isaías se passa no período da “Regeneração”. Nicolau Sevcenko nos mostra que havia uma série de políticas para alçar o Brasil (e o Rio de Janeiro como capital) a um posto de igualdade com os países europeus. Uma delas era a sistemática censura a hábitos e costumes que tinham origem na sociedade colonial. Outra era a população andar calçada. Vide em *Isaías Caminha* a voz de Floc, representando a visão do *establishment*, ao saber que os operários não iriam acatar a lei que obrigava o uso dos sapatos: “- Causa má impressão ver essa gente descalça... Isso só nos países atrasados! Eu nunca vi isso na Europa...”²⁵ Houve também a depreciação de qualquer forma de manifestação da cultura popular, a fim de que fosse valorizada a cultura dos “povos civilizados”. Outro ponto era a expulsão dos populares do centro da cidade, que passará a ser ocupado pelas novas camadas sociais. As grandes inovações na cidade sob a gestão do prefeito Pereira Passos deram origem à destruição dos cortiços para que se fossem abertos boulevares, como a avenida Central. Por fim, e mais importante, a instituição de “uma maneira de se comportar inspirada no estilo de vida parisiense”. Nestes princípios estão as concepções do momento histórico, “caracterizado por violentas marginalizações e exclusões, não apenas econômicas, mas principalmente culturais e étnicas.” O samba em epígrafe demonstra bem o padrão ao qual o povo tinha de se submeter.²⁶ “Com essa seleção, ficarão de lado tradições e recriações culturais consideradas atrasadas ou remanescentes de uma mescla cultural, não afinada com padrões importados do Velho Continente, em favor do que passa a valer como ‘moderno’ ou ‘civilizado’”²⁷.

Após essa contextualização, que é significativa para o entendimento do enredo, passamos ao romance. Isaías sai de casa na esperança de se tornar

25 - LIMA BARRETO, *ib.*, p.72.

26 - É claro que também houve momentos em que o povo se rebelou. Veja o caso da reação ao uso obrigatório dos sapatos, tão bem apresentado por Lima Barreto em *Isaías Caminha*, ou mesmo a Revolta da Vacina, de 1904.

27 - SEVCENKO apud NASCIMENTO, *ib.*

Doutor, ostentando o título que, mais do que lhe dar uma profissão, seria a chave para sua mudança de condição: “Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor...Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente.”²⁸ Sua esperança era seu excelente rendimento (com distinção) na escola, influência talvez de sua admiração pela erudição do pai, branco, padre da pequena cidade, que, obviamente não podia assumi-lo publicamente. Interessante também

notar que nessa caminhada em busca do saber, Isaías tem a proteção da professora (que também é branca), que lhe dá de presente um livro chamado *Poder da vontade*, o qual será seu orientador espiritual durante algum tempo. Essas figuras que acompanham Isaías, especialmente a do pai, tem como contraponto a mãe, ignorante, pobre e negra, portanto, marginalizada. O pai morre, Isaías termina seus estudos com o apoio de um tio, também humilde, e tem de deixar a escola. O futuro que lhe resta está representado na figura da mãe, que lhe acolhe, mas não pode mudar sua sorte.

Com muita esperança Isaías parte para o Rio de Janeiro, onde se frustra e gradativamente vai tomando contato com a população excluída, tornando-se um excluído também, em uma cidade que passava por diversas mudanças estruturais, expulsando os despossuídos para os subúrbios. É Isaías que nos mostra, através de suas sensações, como viver na capital da República. Um dos primeiros conselhos que recebe do Dr Michaelowsky é o de “pendurar, quando se entra, a sobrecasaca de cavalheiro no Pão de Açúcar.”²⁹ Como o aspirante a doutor estava chegando e ainda não havia sido “infectado” por aquela visão de mundo, pode observar um desfile de militares que chamou sua atenção:

Os oficiais muito cheios de si, arrogantes, apurando a sua elegância militar; e as praças bambas, moles, e trôpegas (...), tendo as carabinas mortíferas com as baionetas

28 - LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Recordações do escrivão Isaías Caminha.*, p. 4 [http:// www.dominiopublico.org.br](http://www.dominiopublico.org.br).

29 - Id., ib., p. 14.

caladas, sobre os ombros, como um instrumento de castigo. Os oficiais pareceram-me de um país e as praças de outro. Era como se fosse um batalhão de sipaios ou atiradores senegaleses.³⁰

Ora, conhecendo a estrutura do Exército, sabe-se que proporcionalmente ao número de praças, o número de oficiais é pequeno, mas são eles que têm o comando da tropa. Não é difícil então ler esse trecho, que em princípio é relativamente gratuito, como uma alegoria do que se passava no momento da incipiente República: uma elite de políticos, ricos comerciantes, donos de jornal, comandando a grande massa de “sipaios” pobres e mestiços, representando o povo. Veja-se a percepção desse instante (inclusive cromática) de Isaías em contraste com a ironia do trecho a seguir, fechando a frase com reticências: “O batalhão passou de todo; e até a própria bandeira que passara, me deixou perfeitamente indiferente...” Ou mesmo a frase de Leiva, rapaz da mesma condição de Isaías: “O senhor não vê que a Pátria não é mais do que a exploração de uma minoria, ligada entre si, estreitamente ligada, em virtude dessa mesma exploração, e que domina fazendo crer à massa que trabalha para a felicidade dela?”³¹

Usando como gancho a passagem do batalhão, observemos o que faz Lima Barreto em relação aos “símbolos de autoridade” comparando com a “competência da autoridade”. Vejamos o que Figueiredo nos diz:

É interessante observar a quantidade de personagens, na obra de Lima Barreto, que transitam, convenientemente, entre o que dizem as convenções, seus reflexos projetados no dia a dia e aquilo que, de fato, é possível ser. (...) O sentido correspondente é outro, e é a este deslocamento de sentido que se precisa estar atento ou apto a compreender como norma, regra e não exceção.³²

Por essa chave interpretativa, podemos entender o suicídio de Floc, o

30 - Id., ib., p. 15.

31 - Id., ib., p. 35, 36.

32 - FIGUEIREDO, ib.

jornalista d'O Globo, bem trajado e vaidoso, que frequentava os salões da alta sociedade e participava das solenidades para ir transpondo os acontecimentos em sua coluna. A questão é que seu texto sempre vinha cheio de chavões e “firulas” literárias, tão ao gosto dos literatos da época e do público em geral. Acresce que Floc também era o crítico de literatura do jornal. Chegando uma noite de um baile no palácio que realmente o impressionou e tentando colocar no papel a experiência que teve, pressionado pelo técnico da máquina de impressão e pela consciência que queria transmitir esteticamente o que havia sido aquele momento e que necessariamente merecia algo diferente em relação ao padrão da sua crítica, sente-se inepto para tal e se suicida.

É interessante também verificar como Lima Barreto vai valorizar o conhecimento, a sabedoria e a criatividade popular em *Isaiás Caminha*. Exemplo está no seguinte trecho:

Acabado o chá, eu ainda ouvia histórias da tia Benedita, uma preta velha, antiga escrava de meu reverendo pai. Eram cândidas histórias da Europa, causas delicadas de paixões de príncipes e pastoras formosas que a sua imaginação selvagem transformava ou enxertava com combates de gênios maus, com malefícios de feiticeiras, toda uma ronda de forças poderosas e inimigas da vida feliz dos homens.³³

Uma tradição que vinha da letrada Europa, com “delicadas” paixões de príncipes e pastoras, cândidas histórias, era transformada pela escrava analfabeta, mas de “imaginação selvagem”, em estórias que encantavam o menino Isaiás, a ponto de virem a sua lembrança anos depois. Observe o uso dos adjetivos *delicadas* e *cândidas* em oposição à riqueza da selvagem imaginação. A velha escrava deglute as importadas estórias sem cor, com personagens que não faziam parte do mundo nacional e as transforma em vivo combate de forças poderosas, tão ao gosto do menino do interior. Alguma semelhança com o que mais tarde será defendido pelo movimento antropofágico dos modernistas? Quem sabe. E pensamos ser proverbiais as

33 - LIMA BARRETO, *ib.*, p. 18.

palavras de Figueiredo, quando faz um remate da obra e diz, fazendo coro com o autor³⁴, que ela é “‘desigual’ porque substancialmente coerente na expressão de uma cultura em que, das páginas escritas de textos literários, ficaram ruínas para orientar, excluir ou alimentar sonhos, no cotidiano de muitos analfabetos.”³⁵

Quando vai para a casa do Rio Comprido, no subúrbio, espécie de antigo palacete que havia se transformado em cortiço, Isaías observa os moradores, de uma maneira um tanto própria, pois não se inclui entre os humildes, mas se identifica com eles em suas reflexões:

Admirava-me que essa gente pudesse viver, lutando contra a fome, contra a moléstia e contra a civilização; que tivesse energia para viver cercada de tantos males, de tantas privações e dificuldades. Não sei que estranha tenacidade a leva a viver e por que essa tenacidade é tanto mais forte quanto mais humilde e miserável. Vivía na casa uma rapariga preta que suportava dias inteiros de fome, mal vivendo do que lhe dava uma miserável prostituição; entretanto à menor dor de dentes chorava, temendo que a morte estivesse próxima.³⁶

É o relato de desabafo do jovem Isaías, solidário a essa gente, que é tão forte para resistir e ao mesmo tempo tão necessitada, abandonada a própria sorte. Seu texto se aproxima ao de João do Rio, cronista e grande observador da sociedade do Rio de Janeiro, contemporâneo de Lima Barreto. Na crônica *As mulheres mendigas*, João do Rio começa a discorrer sobre todos os tipos de golpes que as falsas mendigas da cidade, que conhecidas pelo nome, davam aos transeuntes. Mas aos poucos ele vai se tornando triste e dolorido, quando passa a narrar a realidade das mulheres pobres:

Do fundo desse emaranhado de vício, de malandragem, de gatunice, as mulheres realmente miseráveis são em muito

34 - Em carta ao crítico Gonzaga Duque, Lima Barreto chamou seu livro de “desigual, propositadamente mal feito, brutal.” BARBOSA, Francisco de Assis. Prefácio a Recordações do escrivão Isaías Caminha. Obras de Lima Barreto. São Paulo: Brasiliense, 1956, p 13.

35 - FIGUEIREDO, ib.

36 - LIMA BARRETO, ib., p.64.

maior número do que se pensa, criaturas que rolaram por todas as infâmias e já não sentem, já não pensam, despidas da graça e do pudor. Para estas basta um pão enlameado e um níquel; basta um copo de álcool para as ver taramelar, recordando a existência passada.³⁷

As mendigas de João do Rio não são muito diferentes das mulheres pobres de Lima Barreto em Isaiás Caminha, que brigam pelos ovos de uma galinha³⁸ ou pedem esmolas com tanta sofreguidão que a uma, mesmo sem muito dinheiro, o jovem acabou dando-lhe sua maior nota. São vítimas por sofrerem na pele todos os preconceitos: da condição social, de sexo e de cor.

O VENENO DE NÉSSUS

Após deambular pelas ruas, conhecer a fome e o desespero, Isaiás encontrará no emprego do jornal sua possibilidade de salvação financeira e vai chegar à função de repórter. Esqueceu-se dos seus objetivos iniciais de se tornar doutor, e pôde ver a sociedade através de suas entranhas. Parece que, com toda a experiência, sua vida deveria seguir um caminho de marasmo e tranquilidade pois como o próprio personagem nos diz: “Tinha atravessado um grande braço de mar, agarrava-me a um ilhéu e não tinha coragem de nadar de novo para a terra firme que barrava o horizonte a algumas centenas de metros. Os mariscos bastavam-me e os insetos já se me tinham feito grossa a pele.”³⁹ Segundo Alfredo Bosi, era o social que estava recobrando a carne “com as escaras deixadas pela luta cotidiana.”⁴⁰

Surpreendendo todas as expectativas, mas recuperando a consciência do homem que havia se transformado com a vida mundana que levava, Isaiás retorna para o interior, em Caxambi, Espírito Santo, para ser escrivão de coletoria. É lá, como sabemos, que ele resolve escrever suas memórias e seria

37 - RIO, João do (Paulo Barreto). *As mulheres mendigas. A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura. P. 128, 1995.

38 - Vide o caso das mulheres que vão parar na delegacia porque a galinha que pertencia a uma delas havia posto ovos na casa da outra.

39 - LIMA BARRETO, *ib.* p. 64.

40 - BOSI, Alfredo. O exílio na pele. *Folha de São Paulo*, 13 Mai 1988.

lá que deveria ficar até o final de sua vida, com esposa e filho. O leitor aqui é surpreendido mais uma vez quando seu editor, em nota, dá as novas: Isaías é deputado em seu estado, com pretensões de se tornar deputado federal, é visto regularmente no Rio de Janeiro a desfilar com belas fatiotas, enviuvou e não tem filhos e está rico. Essa sensação de estar num barco jogado pelas ondas, subindo e descendo é a sensação da falta de esclarecimentos por parte do editor Lima Barreto, coroada com um “basta!” É ele (o editor) que ainda se pergunta: “Será mesmo isso ou será de lamentar que a felicidade vulgar tenha afogado, asfixiado um espírito tão singular? Quem sabe lá?” Sobre essa possível involução Figueiredo, questionando o fracasso dos ideais de Isaías, diz-nos que se por um lado o sonho do equilíbrio entre as aptidões pessoais e as relações sociais parecem ter se anulado, por outro, pode ser que seja que o “autoritarismo familiar de tradição patriarcal e o paternalismo conservador que abrem suas portas, marcadas pelo favor, cooptação e obediência ao protagonista. Enredado por essas teias, o escrivão Isaías vê dissolverem-se os seus ideais para, contraditoriamente, projetar-se socialmente.”⁴¹ Particularmente, prefiro acreditar que ele não esteja se envenenando, como Hércules, com a bela túnica de Néssus. “Esperemos mais.”

CONCLUSÃO

Pagando um tributo ao seu projeto de vida, Lima Barreto queimou seus navios e deixou tudo para se dedicar as coisas de letras.⁴² Construiu uma obra representativa e produziu seus romances para que fossem lidos e compreendidos (!) quase um século depois. Muito já se falou de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e ainda virão novos e surpreendentes estudos, assim como nova, atual e surpreendente é sua narrativa. Desfazer alguns equívocos provocados pela recepção do romance, apontando, baseado nos estudos de profissionais experimentados, alguns pontos que podem contribuir para uma chave de leitura de *Isaías Caminha*, foi o objetivo que traçamos.

41 - FIGUEIREDO, ib.

42 - LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. Esta minha letra. In *Feiras e Mafuás*. São Paulo: Brasiliense, p. 294, 1956.

Muitos outros pontos de análise podem ser levantados, porém acreditamos que a discussão apresentada já aponta algumas questões que podem ser mais bem desenvolvidas em um trabalho de maior fôlego. Por ora, o material presente procurou cumprir seu objetivo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Francisco de Assis. “Prefácio” In: BARRETO, Lima. **Recordações do escrívão Isaías Caminha**. São Paulo: Brasiliense, 1968, p. 12.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. Pe. Matos Soares. São Paulo: Paulinas, p. 1125.

BORBA, Osório. **A comédia literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.

BOSI, Alfredo. O exílio na pele. **Folha de São Paulo**, 13 Mai 1988.

CÂNDIDO, Antônio. Os olhos, a barca e o espelho. **A educação pela noite**. São Paulo: Ática.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

FANTINATI, Carlos E. **O profeta e o escrívão**. Estudo sobre Lima Barreto. Assis, Instituto de Letras, História e Psicologia; São Paulo: Hucitec, 1978.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo. **Lima Barreto e as ruínas do imaginário**. <http://nuevomundo.revues.org/document2936.html>

HOLANDA, Sérgio Buarque de. [Prefácio de] **Clara dos Anjos**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

HOSSNE, Andréa Saad. A forma da angústia. In: **Revista Cult**. Jul 2002, p. 52.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Amplius**. Histórias e sonhos. Rio de Janeiro:

_____. Esta minha letra. In **Feiras e Mafuás**. São Paulo: Brasiliense, p. 294, 1956.

_____. Impressões de leitura. **Revista Sousa Cruz**, Rio de Janeiro, ns. 58-59, p. 56, out./nov. 1921.

_____. **Obras completas**. Org. Francisco de Assis Barbosa et alii. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. **Recordações do escrivão Isaías Caminha.**, p. 4, [http:// www.dominiopublico.org.br](http://www.dominiopublico.org.br).

LIMA, M. Oliveira. Policarpo Quaresma. In LIMA BARRETO, A. H. de. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976, (Coleção Ensaios, 20).

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Prosa de ficção (de 1870 a 1920)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

NASCIMENTO, Maria Ercília do. **Linguagem literária e o Rio de Janeiro fin-de-siècle**: Trajetos da cidade, trajetos da exclusão. [http:// www.dasafio.ufba.br/gt4-005.html](http://www.dasafio.ufba.br/gt4-005.html).

OLIVEIRA, Irenísia Torres de. Uma palha na cidade. **Revista Letras**. Curitiba, n. 64, p.78, set./dez. 2004.

PRADO, Antônio Arnoni. **Lima Barreto**: o crítico e a crise. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1989.

PROENÇA, M. Cavalcanti. **Augusto dos Anjos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

RIO, João do (Paulo Barreto). **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

RODRIGUES, Fábio Della Paschoa. **O virtuose e o marginal**. <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/v00001.html>.

RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA: ENTRELAÇAMENTO DE AUTOBIOGRAFIA E MEMÓRIA NA OBRA FICCIONAL DE LIMA BARRETO

Renilda Mara Florencio¹

RESUMO: Este trabalho faz uma leitura de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto como romance autobiográfico, em que as lembranças do narrador–personagem estabelecem paralelos com a biografia do autor. Simultaneamente, o narrador traça um instigante painel cultural e político do Rio de Janeiro, do início do século XX. À luz dos conceitos desenvolvidos por Philippe Lejeune, em *O pacto autobiográfico*, sobre a escrita do “eu”, e Wander Melo Miranda, em *Corpos escritos*, sobre a delicada relação entre memória e autobiografia, ressalta-se o caráter memorialístico do romance. Examina-se também a crítica veemente que Lima Barreto faz dos vícios de uma sociedade hipócrita e preconceituosa, como alguém que sofrera visceralmente a dor da miséria, da doença, da solidão e do preconceito.

Palavras-chave: Lima Barreto. Ficção autobiográfica. Crítica social e política.

ABSTRACT: This work analyzes Lima Barreto’s novel *Recordações do escrivão Isaías Caminha* as an example of autobiographical fiction, in which the recollections of the character-narrator establish parallels with the author’s biography. Simultaneously, the narrator depicts an arresting cultural and political panorama of Rio de Janeiro at the beginning of the XX century. With the support of Philippe Lejeune’s concepts of autobiography and related genres in “The autobiographical pact” and Wander Melo Miranda’s studies about the permeable borders between memoir and autobiography, in *Corpos escritos*, the novel’s characteristics of memoir are emphasized. It examines further Lima Barreto’s vehement indictment of a hypocritical and biased society, from the standpoint of someone who had personally experienced the suffering of poverty, illness, solitude and prejudice.

Keywords: Lima Barreto. Autobiographical fiction. Social and political criticism.

1 - Professora de Língua Portuguesa no Colégio Militar de Curitiba, Mestre em Teoria Literária pelo Centro Uni versitário Campos de Andrade. Trabalho orientado pela professora Mail Marques de Azevedo. renilda.florencio@gmail.com

INTRODUÇÃO

“Sonhei-me um Capitão Nemo, fora da humanidade... sem ligação sentimental alguma no planeta, vivendo no meu sonho, no mundo estranho que não me compreendia.”
(Lima Barreto, *Diário do hospício*)

Sob a alcunha de “romancista da primeira república”, Lima Barreto foi um crítico veemente da vida carioca de seu tempo. Em seus textos, não se limitou a denunciar a mediocridade arrogante da burguesia recém-nascida, mas recriou o panorama social da existência miserável dos subúrbios, demonstrando a árdua luta pela sobrevivência daqueles que ficavam à margem de uma sociedade, cujos valores se baseavam no dinheiro e na aparência. Esteticamente, prevaleceu em sua obra o realismo crítico de cunho popular, não se submetendo o autor aos padrões impostos pela elite literária.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1881. Mulato, de família muito pobre, ficou órfão de mãe aos sete anos. Estudou no Colégio Paula Freitas, onde também se preparou para a Escola Politécnica na qual ingressou em 1896. O escritor abandonou, porém, o curso de engenharia em 1903, um ano depois de seu pai ser recolhido a um asilo de alienados. Assumiu, então, a responsabilidade da família, empregando-se como amanuense na Secretaria de Guerra.

O escritor enfrentou muitas dificuldades para publicar sua obra, redigida num estilo brasileiro e impregnada de tipicidades do linguajar carioca. Seu primeiro livro, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, objeto de análise deste trabalho, foi publicado apenas em 1909, depois que um amigo do autor, Antônio Noronha Santos, levou os manuscritos para Lisboa. O próprio Lima Barreto relata, em um de seus diários, o tempo de angústia e indecisão que antecedeu a publicação do *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.

16 / 07 / 1908

“Tenho um livro (trezentas páginas manuscritas), de que falta escrever dous ou três capítulos. Não tenho ânimo de acabá-lo. Sinto-o bêster, imbecil, fraco, hesito em publicá-lo, hesito em acabá-lo.” (LIMA BARRETO, 1956, p. 136)

Alcoólatra, Lima Barreto fora internado por duas vezes no Hospital Nacional para tratamento psiquiátrico. Parte dessa cruel experiência está relatada em seu *Diário do Hospício*, no qual expõe a fragilidade de um homem marcado em sua condição de negro, pobre e doente, estigmas estes impressos em toda sua produção literária ficcional, que deixa entrever forte tom autobiográfico. Lima Barreto morreu aos 41 anos, minado pela doença que o arrastara à miséria e ao descaso social. Este trabalho pretende apresentar uma leitura do romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, especificamente da trajetória do narrador–personagem que, ao relatar recordações dos anos de juventude passados no Rio de Janeiro do início do século XX, traça um instigante painel cultural e político daquela época.

O tom autobiográfico da obra se evidencia, à medida em que o leitor reconhece na história de vida do narrador a biografia do autor. Autobiografia disfarçada de romance, nele Lima Barreto faz uma crítica veemente da mediocridade e da hipocrisia de uma sociedade conservadora e preconceituosa, cujo desprezo sofreu na própria pele, o que confere à obra um caráter memorialístico. O autor escreve de maneira clara, como quem presta um depoimento com um único objetivo: a denúncia de um tempo repleto de atribulações. Sua postura não é de mero espectador, mas de alguém que sentira na própria carne a dor da solidão, do preconceito e da miséria humana que perpassa a narrativa.

DESCONSTRUINDO A NARRATIVA: OS ELEMENTOS DO TEXTO

Buscando fazer, primeiramente, uma abordagem sistematizada do texto, serão analisados os principais elementos que estruturam a narrativa: enredo, personagens, tempo e espaço. Tal procedimento metodológico conferirá à análise proposta maior aprofundamento teórico das questões que se referem à prosa narrativa.

ENREDO

Isaías Caminha é um menino pobre, mestiço e provinciano, que fora

iniciado nos estudos pelo pai, homem de poucos conhecimentos. Com a morte do pai, a situação financeira da família torna-se ainda mais difícil e, em companhia da mãe, mulher simples e resignada, vai morar na casa dos tios. À medida que o tempo passa, o desejo de partir para o Rio de Janeiro, a capital federal, em busca de uma vida melhor, se intensifica. Recebe, então, o apoio do tio que usa seus contatos políticos na cidade, para lhe conseguir um emprego.

Fortalecido pelo sentimento de esperança em concretizar seus sonhos juvenis, o adolescente parte abençoado pela mãe que, em suas últimas palavras, adverte-o para que não se exponha muito, pois certamente sofrerá preconceito, humilhação e perseguição.

(...) ela deu-me um forte abraço, afastou-se um pouco e olhou-me longamente, com aquele olhar que me lançava sempre, fosse em que circunstância fosse, onde havia mesclados terror, pena, admiração e amor.

- Vai, meu filho, disse-me ela afinal. Adeus! ... E não te mostres muito, porque nós...(LIMA BARRETO, 2002, p. 28)

Os contatos iniciais com a cidade grande se encarregariam de dissipar aos poucos suas ilusões. O encontro com as primeiras pessoas no novo ambiente põe a nu um mundo de aparências, de oportunismos e de indiferença. A situação se agrava quando o suposto protetor de Isaías, doutor Castro, mostrando-se indiferente ao seu pedido, se recusa a ajudá-lo.

A falta de dinheiro, de experiência e de maturidade lançam o personagem à própria sorte. É preso por suspeita de roubo, vende seus livros para pagar as diárias de um cômodo e se alimenta apenas quando não mais suporta a fome.

Graças a um jornalista, Gregoróvitch, a quem é apresentado quando chega ao Rio, é levado para a redação do jornal *O Globo*.

No cargo de contínuo, tem condições de manter a pensão e a comida. Tal circunstância é suficiente para que o narrador deixe os sonhos e ilusões do

passado e se recolha numa atitude subserviente que, no entanto, lhe garante a sobrevivência. A partir de então, será uma espécie de observador passivo do sucesso de seus companheiros de jornal, julgando-se superior ao resto da humanidade por circular entre seres afamados pela inteligência, talento e prestígio social.

Quase sem ser percebido pelos colegas, o mundo de Isaías passa a ser o das notícias e emendas, das tiras, dos elogios encomendados, da projeção de falsos heróis e da bajulação dos poderosos.

Sua condição de contínuo muda quando Isaías surpreende o dono do jornal, Loberant, numa noitada de orgia e este, temendo desmoralizar-se, transforma-o em repórter, posição a que Isaías almejava e julgava ser uma promessa grandiosa de seu brilhante destino.

Ao final da narrativa, o narrador confessa a impossibilidade de realização enquanto ser humano, pois suas fraquezas morais somadas às contingências da vida transformaram-no em um parasita, cujos sonhos e aspirações adormeceram para sempre.

(...) Sentia-me sempre desgostoso por não ter tirado de mim nada de grande, de forte e ter consentido em ser um vulgar assecla e apaniguado de um outro qualquer. Tinha outros desgostos, mas esse era o principal. Por que o tinha sido ? Um pouco devido aos outros e um pouco devido a mim. (...) (LIMA BARRETO, 2002, p. 167)

PERSONAGENS

Os personagens que transitam pela narrativa podem ser divididos em dois grupos distintos, restritos a determinado tempo e espaço ficcionais.

O primeiro grupo é composto pelas figuras do pai, da mãe, dos tios e do coronel que apadrinha o jovem Isaías. Traços físicos e psicológicos desses personagens, que povoam o início da narrativa, são apresentados de maneira superficial na voz do narrador–personagem que se detém somente na

descrição da figura da mãe, recorrente ao longo de toda a narrativa.

Minha mãe ia e vinha de um quarto próximo; removia baús, arcas; cosia, futejava. Eu devaneava e ia-lhe vendo o perfil esquelético, o corpo magro, premido de trabalhos, as faces cavadas com os molares salientes, tendo pela pele parda manchas escuras, como se fossem de fumaça entranhada. De quando em quando, ela lançava-me os seus olhos aveludados, redondos, passivamente bons, onde havia raios de temor ao encarar-me (...) (LIMA BARRETO, 2002, p. 27)

O segundo grupo é formado pelas pessoas que Isaías conhece ao chegar à capital, as quais ilustram uma galeria de tipos sociais medíocres e vazios que estão em posição de poder e têm como motivação exclusiva usufruir os benefícios e as vantagens dessa posição. Os personagens que compõem o ambiente de trabalho freqüentado por Isaías são descritos com bastante precisão. Vejamos alguns deles:

Ivã Gregoróvitch Rostóloff: redator poliglota que se diz formado em línguas orientais e Exegese Bíblica; trabalhou em vários países e é considerado por Isaías a “artilharia de *O Globo*”.

Ricardo Loberant: proprietário de *O Globo*, homem autoritário e exigente com seus funcionários; temido pelos políticos por atacá-los, de acordo com suas conveniências, nas páginas de seu jornal.

Legorace: secretário do jornal, completamente submisso ao proprietário, mas arrogante com seus subordinados; era considerado uma sumidade em literatura e jornalismo, embora não gostasse do que fazia.

Floc: respeitado como grande literato, acaba por suicidar-se para fugir da farsa que era sua vida.

Veiga Filho: colaborador do jornal, é considerado um romancista de precioso vocabulário e de aparência artificial.

Ao focalizar alguns grupos representativos da elite da sociedade carioca da virada do século, jornalistas, políticos e “bacharéis” em geral, o narrador secundariza as questões subjetivas iniciais, imprimindo à obra um caráter memorialista.

TEMPO

Com o intuito de compreender o momento presente, o jornalista Isaías Caminha, já em idade outonal, resgata as lembranças de sua infância e juventude, caracterizando o tempo psicológico da narrativa. As reminiscências, fixadas na memória e reelaboradas na consciência, ganham significado na voz do narrador– protagonista que, ao lançar seu olhar sobre o passado, não esconde a angústia que perpassa sua existência no presente.

Escrevendo estas linhas, com que saudades me não recordo desse heróico anseio dos meus dezoito anos esmagados e pisados! Hoje... É noite. Descanso a pena. No interior da casa, minha mulher acalenta meu filho único. A sua cantiga chega-me aos ouvidos cheia de um grande acento de resignação (...) Volto às minhas reminiscências: vejo o bonde, a gente que o enchia, os sofrimentos que me agitavam, a rua transitada. (LIMA BARRETO, 2002, p 55-56)

O relato é entrecortado por momentos em que o narrador-jornalista expõe ao leitor suas dúvidas e anseios em relação à obra que está nascendo no presente atual do narrador.

Despertei hoje cheio de um mal-estar que não sei donde me veio. (...) Por que não estou satisfeito? Não sei. E quem o poderá saber! (...) Penso não sei por quê – que é este meu livro que me está fazendo mal... E quem sabe se excitar recordações de sofrimentos, avivar as imagens de que nasceram não é fazer com que, obscura e confusamente, me venham as sensações dolorosas já semimortas? Talvez mesmo seja angústia de escritos, porque vivo cheio de dúvidas, e hesito de dia para dia em continuar a escrevê-lo. Não é o seu valor literário que me preocupa; é a sua utilidade para o fim que almejo. (LIMA BARRETO, 2002, p. 64-65)

A busca dum tempo perdido, cujo resgate só lhe seria possível pela renúncia do tempo cronológico, do presente, e de todas as realidades concretas, faz com que o personagem reviva todas as suas mazelas, pois recordar é a suprema e única forma de libertação.

ESPAÇO

Ao relatar sua história, o protagonista Isaías Caminha percorre um espaço geográfico que transmuda do provinciano para o urbano. Empregando a estratégia de começar a narrativa pelo final, o narrador recua ao tempo e espaços de sua infância ao descrever, em traços ligeiros, sua casa, sua cidade e locais de suas primeiras reminiscências: “(...) De noite, no teto da minha sala baixa, pelos portais, pelas paredes, eu via escrito pela luz do lampião de petróleo – Doutor! Doutor!” (2002, p. 27).

Na ânsia pela glória, pelo título de “doutor”, que iria alcançar quando fosse embora, a importância de sua cidade natal era diminuída: “(...) nas proximidades de uma cidade de terceira ordem (...)” (2002, p. 28).

Mas, ao chegar à cidade grande, as decepções e sofrimentos do protagonista renunciavam-se na paisagem. O narrador risca na paisagem a metáfora de seu estado de alma cambiante.

Quando saltei e me pus em plena cidade, na praça para onde dava a estação, tive uma decepção. Aquela praça, inesperadamente feia, fechada em frente por um edifício sem gosto, ofendeu-me como se levasse uma bofetada. Enganaram-me os que me representavam a cidade bela e majestosa (...) (2002, p. 31)

E é nessa cidade, o Rio de Janeiro do início do século XX, que o jovem provinciano Isaías sofrerá a dor da perseguição, da rejeição e do preconceito racial, levando a vida entre o jornal *O Globo*, a boêmia e o subúrbio, sem raiz em qualquer grupo social ou político definido.

O ambiente do jornal é descrito como escola viva de experiência do mundo.

O que observei neles, no tempo em que estive na redação do *O Globo*, foi o bastante para não os amar, os imitar. São em geral de uma lastimável limitação de idéias, cheios de fórmulas, de receitas, só capazes de colher fatos detalhados e impotentes para generalizar, curvados aos fortes e às idéias vencedoras (...) (2002, p. 65)

A condição de mestiço, humilde, interiorano e seus percalços para integrar-se na vida da capital, que se moderniza a passos largos, a rotina do jornal, com toda a sua galeria de tipos beirando a caricaturas, enfim, o clima de fatuidade e subserviência que se respirava na imprensa e nos círculos literários da *belle époque* carioca – tudo são indícios do valor documental que está impresso nesse primeiro romance de Lima Barreto.

AUTOBIOGRAFIA E MEMÓRIA – A FIGURA DESNUDA DO EU

Em “O pacto autobiográfico”, Philippe Lejeune define autobiografia como “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, com ênfase em sua vida individual e, em particular, na história de sua personalidade” (1986, p. 50).

Segundo Lejeune, para que um texto seja considerado autobiográfico, é necessário que a identidade do autor, do narrador e da personagem coincida. No caso de um nome atribuído a uma pessoa fictícia dentro da obra não se trata de autobiografia e sim romance autobiográfico, texto de ficção em que o autor nega ser o personagem. Está assim instaurado o pacto romanesco.

Em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, Lima Barreto, o autor, apresenta um texto introdutório ao romance – “Breve notícia” – anunciando-o como sendo da autoria de seu amigo Isaías Caminha que o escrevera há dez anos. O autor se autodenomina procurador de Isaías. Pode-se afirmar que Isaías Caminha escreve na 1ª pessoa um romance – denúncia. Lima Barreto, por sua vez, é o narrador – onisciente, a 3ª pessoa, que endossa esse depoimento e encarrega-se de publicá-lo. Seriam, assim, dois focos narrativos distintos.

Ao reconhecer na história de vida do protagonista da narrativa dados diversos da biografia do autor, o leitor vê-se diante de um romance de conteúdo autobiográfico que se mescla à mais livre invenção romanesca. No entanto, o caráter memorialístico que impera na obra fica por conta da narrativa de Isaías, o personagem criado pelo autor Lima Barreto para dar voz a sua história pessoal.

Segundo Wander Melo Miranda, memória e autobiografia não ocupam territórios nitidamente demarcados: “O mais comum é a interpenetração dessas duas esferas e, quase sempre, a tentativa de dissociá-las é devido a critérios meramente subjetivos ou, quando muito, serve de recurso metodológico (...)” (MIRANDA s/d, p. 36)

Memorialismo e autobiografia são formas de autoconhecimento através da escrita. No caso da autobiografia, o eu autoral é também objeto da narrativa; para o memorialismo, o objeto da narrativa é aquilo que foi observado pelo eu autoral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DOR E RESIGNAÇÃO EM *ISAÍAS CAMINHA*

Quando da publicação de *Isaías Caminha*, o crítico José Veríssimo apontou algumas “falhas” na obra referindo-se a seu exacerbado caráter personalista, que daria ao texto um valor efêmero; o texto só interessaria aos contemporâneos do autor. No entanto, ao constatar o lugar de destaque conferido a Lima Barreto no panorama da literatura brasileira, pode-se verificar a fragilidade de tal afirmação.

O conjunto de sua produção revela intensas experiências pessoais e sociais que foram transformadas em romances, contos, crônicas, ensaios e memórias, textos marcados por extrema lucidez e profunda mordacidade.

Criticado por padecer de um número demasiado de referências pessoais, que o teriam impedido de ascender ao nível da ficção, o romance permanece

não só por seu valor documental, fonte rica de dados para a história social e cultural do Rio de Janeiro no começo do século XX, como também por conter o desabafo de um homem singular que ousou arrebentar amarras e mostrar as chagas de seus iguais para uma sociedade imersa na indiferença.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. **Diário íntimo**. Editora Brasiliense. São Paulo. 1956

BARRETO, Lima. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

LEJEUNE, Philippe. **El pacto autobiográfico y otros studios**. Trad. Ana Torrent Madrid: Megazul – Endymion, 1986

MIRANDA, Wander Melo. **Corpos escritos**. São Paulo. Edusp, s/d

PRADO, Antônio Arnoni. **Lima Barreto**. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico. 3.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1990.

GlauCIA da Silva Brito¹

Ariana Chagas Gerson Knoll²

Michele Simonian³

RESUMO: Este artigo é fruto da análise de uma experiência bimodal planejada em grupo de estudos inserido no contexto de um grupo de pesquisa chamado GEPETE - Grupo de Estudos Professor Escola e Tecnologias Educacionais- e seu grupo de ingresso chamado GEPETINHO. A temática de estudo centrou-se na tríade professor, escola e tecnologias educacionais. Sendo assim, os dados analisados são advindos da estruturação de um grupo de estudos que se desenvolve ao longo de um ano tornando-se um grupo de pesquisa, cadastrado no CNPq, e que se dedica a pesquisas relativas às necessidades, conflitos e desafios inerentes ao educar na Sociedade da Informação. Tem seu foco na formação continuada de professores, basicamente em três linhas de pesquisa: Educação a Distância, Formação de professores para o uso das TIC e Tecnologia Digital em Música. Buscamos discutir aspectos necessários na proposição de formação continuada do professor considerando o seu desejo em desenvolver-se profissionalmente por meio de formações bimodais e estrutura de grupo de pesquisa. Para a referida discussão e embasamento utilizamos autores como: Aretio (2001), Gadotti (2003), Scherer (2005), Brito (2006), Brito; Purificação (2006) e Behrens (2007). A análise permitiu evidenciar que independente das categorias (habitantes, transeuntes ou visitantes) em que professores orientadores e tutores se encaixem, tanto no GEPETE quanto no GEPETINHO houve a orientação e o amparo aos participantes. As ações e aprendizados foram se construindo de maneira cooperativa e colaborativa, nascidas do desejo e do compromisso profissional de cada um dos participantes em construir uma educação comprometida com seu tempo.

Palavras-chave: *Formação de professores. Bimodal. Tecnologias Educacionais. Grupo de pesquisa.*

* Primeira versão apresentado no IX EDUCERE e o III ESBP realizado no período de 26 a 29 de outubro de 2009, na PUCPR

1 - Professora Doutora do Departamento de Comunicação Social e dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: glauCIA@ufpr.br

2 - Professora Mestre da Prefeitura de Mafra-SC. E-mail: ariana_chagas@hotmail.com

3 - Professora Mestre da Prefeitura de Curitiba-PR. E-mail: simimi@hotmail.com

ABSTRACT: This article is the result of the analysis of a planned bimodal experience in study group inserted in the context of a research group called GEPETE – Study Group Teacher School and Educational Technologies- and its ingression group called GEPETINHO. The theme set of the study has been centered in the triad teacher, school and educational technologies. Thus, the analysed data proceed from the structuration of a study group that develops along a year, becoming a research group, registered in the CNPq, and that dedicates itself to research related to the needs, conflicts and challenges inherent to education in Information Society. It is focused in the continued formation of teachers, basically in three types of research: Education at Distance, Teachers Formation for the use of TIC and Digital Technologies in Music. We sought to discuss the necessary aspects in the proposition of continued formation of teachers, considering their own desire of professional development through bimodal formation and research group structure. For the referred discussion, we used authors such as: Aretio (2001), Gadotti (2003), Scherer (2005), Brito (2006), Brito; Purificação (2006) e Behrens (2007). The analysis permitted us to evince that regardless the categories (inhabitants, passers-by and visitors) in which teachers, guides and tutors are inserted, both in GEPETE or GEPETINHO, the participators were guided and protected. Action and learning were built in cooperative and collaborative manner, born from desire and professional compromise of each one of the participators to build an education committed with his or her time.

Keywords: Formation of teachers. Bimodal. Educational technologies. Research group.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a maioria das licenciaturas possui escassamente, ou não possuem, em sua estrutura curricular disciplinas que abordem o as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). As políticas públicas têm apresentado pouca abrangência sendo baixo o número de parcerias entre universidades e poder público de forma a garantir a formação continuada de professores com o intuito de promover espaços e tempos para reflexão e ação.

Nos corredores e nas salas de aula de nosso país o professor esta exposto a uma “solidão” no que diz respeito ao educar em uma sociedade que articula sua comunicação a partir das tecnologias.

Diante da conjuntura de escassez de formação e reflexão acerca do tema a partir das necessidades reais dos professores nasceu o desejo de acolhimento de professores visando uma formação capaz de discutir tais questões. Desse desejo nasce o Grupo de Pesquisa Escola Professor e Tecnologias Educacionais (GEPETE) no início de 2007.

Ao receber e orientar professores e especialistas de diversas áreas no aprofundamento das reflexões relativas à escola, professores e tecnologias inicia-se um movimento impulsionado por uma professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR). No transcorrer de dois anos são integrados todos os orientandos do programa de pós-graduação em educação dessa professora e outros professores da UFPR, da PUC-PR e da UNERJ-SC, além de professores da educação básica pública e privada. Em 2009, o GEPETE acaba por engendrar um grupo de estudos iniciais em pesquisa (grupo de ingresso) chamado GEPETINHO.

Algumas das descobertas, experiências e práticas que se desenvolveram desde o surgimento do GEPETE até a organização e interação bimodal⁴ do

4 - Segundo SCHERER (2005, p.11) “Bimodal – parte presencial e parte virtual, favorecendo a aprendizagem e a comunicação entre professores (as) e alunos (as) em ambientes educacionais híbridos.”

GEPETINHO é que viemos compartilhar por meio deste artigo.

REFLEXÕES ACERCA DO PROFESSOR E SUA FORMAÇÃO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Se desejamos “tratar da formação do educador acerca das questões de ordem tecnológica” precisamos refletir sobre “a que educação estamos nos referindo e para que tipo de sociedade”(BRITO, 2006, p. 01). Pois ainda, segundo a autora, “é necessário que o professor entenda a tecnologia como um instrumento de intervenção na construção da sociedade democrática contrapondo-se a qualquer tendência que a direcione ao tecnicismo, a coisificação do saber e do ser humano” (BRITO, 2006, p. 16).

Dessa forma, entendemos que a questão da formação de professores é complexa, não temos como analisá-la desconsiderando as premissas estruturais pelas quais a mesma se organiza atualmente, como por exemplo, com o direcionamento autoritário e conservador das políticas públicas de formação docente e a estrutura universitária das licenciaturas.

De acordo com Gadotti (2003), um aspecto que precisamos considerar é o desejo do professor em profissionalizar-se, pois a profissionalização do professor é parte de uma transformação estrutural que não se decreta, é um desejo que se desenrola, principalmente, por meio das opções pessoais dos professores. Sendo assim, a profissionalização não irá desenvolver-se se não for deliberadamente estimulada por projetos e políticas que digam respeito a um processo de formação contínua.

A formação de professores, assim como todos os movimentos acadêmicos, sofre a influencia da ciência, e no nosso tempo foi gerado pelo pensamento cartesiano e estruturado no paradigma conservador de interpretação da realidade e carrega até os dias atuais “as denominações de treino e de capacitação” (BEHRENS, 2007, p.441).

Neste momento a ciência vive um conflito paradigmático no qual

dialogam de um lado, “uma abordagem conservadora baseada na racionalidade newtoniana cartesiana, e de outro, uma abordagem inovadora que atende a uma visão da complexidade, da interconexão e da interdependência” (BEHRENS, 2007, p.441).

Sendo assim, a

educação herda a visão newtoniano-cartesiana e o determinismo mecanicista que se converte numa forma de conhecimento utilitário e funcional. Nesse modelo conservador, a formação de professores foi designada como **treinamento** ou **capacitação**. No paradigma conservador, esses termos têm o sentido de atualização ou de preparo sistemático para determinada tarefa ou atividade (BEHRENS, 2007, p. 442, grifo da autora).

Adentramos a Sociedade da Informação, com a responsabilidade de educar para o domínio e a interpretação da mesma, mas pautados em um paradigma de interpretação da realidade estruturado na conservação e resistência que direcionaram a ciência, a educação, a cultura e a sociedade na qual estamos inseridos desde 1650. O que “é a prova de que o paradigma conservador proposto para o ensino universitário está em crise e cabe aos pesquisadores em educação encontrar possibilidades de ajudar os docentes na transição paradigmática para um paradigma inovador.” (BEHRENS, 2007, p. 590).

Nesse contexto, o professor precisa de apoio e orientação, pois as práticas até então conhecidas de graduação e formação do profissional do professor evidenciam novas demandas as demandas históricas, culturais e sociais do ensinar na Sociedade da Informação. Dada à incerteza do mundo volátil em que vivemos e a necessidade de preparar-se para o trabalho e para “poder ensinar a aprender o professor precisa de formação continuada” (DEMO, 2007, p. 48) em espaços de reflexão, escuta, cooperação e colaboração que levem em conta que professores na e para a Sociedade da Informação precisam de

[...] conhecimentos emergentes e não-lineares, processos auto-organizacionais que requerem novas abordagens fundamentadas em novos paradigmas da ciência, bem como novas práticas pedagógicas que reconheçam o aprendiz em sua multidimensionalidade, ao mesmo tempo em que favorecem a aprendizagem individual e coletiva a partir do balanceamento adequado das dimensões construtiva e informativa dessas ferramentas. Requerem um paradigma educacional que reconheça a natureza viva e transdisciplinar do processo de construção de conhecimento, a interatividade dos processos cognitivos e seja capaz de recuperar a inteireza humana, os valores multiculturais e o respeito às diferentes maneiras de pensar. Onde aprendizagem e vida já não mais se separam. (MORAES, 2000, p. 1).

Porque o “professor, em primeiro lugar, é um ser humano e, como tal, é construtor de si mesmo e da sua história. É criador e criatura ao mesmo tempo: sofre as influências do meio em que vive e com as quais deve autoconstruir-se. [...] o professor é aquele que [...] dá direção ao ensino e à aprendizagem” (BRITO e PURIFICAÇÃO, 2006, p. 37).

E se ele deseja buscar o aprimoramento de suas práticas por meio de processos reflexivos inseridos no contexto cultural em que habitam, as instituições de ensino superior e de pesquisa possuem a condição social de possibilitar estes espaços.

A FORMAÇÃO DO GEPETE

Para o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico⁵ (CNPq) um grupo de pesquisa pode ser definido como:

um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente em torno de uma ou, eventualmente, duas lideranças: cujo fundamento organizador dessa hierarquia é a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico ou tecnológico; no qual existe envolvimento profissional e permanente com a atividade de pesquisa; cujo trabalho

5 - Disponível em: <http://www.cnpq.br> acesso em 02/08/09.

se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa; em algum grau, compartilha instalações e equipamentos. Na quase totalidade desses casos, os grupos se compõem do pesquisador e de seus estudantes. Trata-se de um grupo de pesquisadores, estudantes e pessoal de apoio técnico que está organizado em torno à execução de linhas de pesquisa segundo uma regra hierárquica fundada na experiência e na competência técnico-científica. Esse conjunto de pessoas utiliza, em comum, facilidades e instalações físicas. (CNPq, 2009).

Levando-se em conta esta definição e a grande procura de informações e orientações na área de educação, formação de professores, escola e tecnologias educacionais, a professora responsável pela disciplina que aborda o referido tema na UFPR, no Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação na linha de pesquisa Cultura, Escola e Ensino passou a organizar e estruturar a formação do GEPETE.

O GEPETE teve seu início no ano de 2007 quando cerca de 100 professores de diferentes áreas prestaram a seleção para a uma disciplina isolada, ofertada pelo mestrado em educação da UFPR, com o objetivo de discutir a tríade professor, escola e tecnologias.

Diante da grande demanda evidenciada, a professora da disciplina convidou esses professores a participar de um grupo de estudos focado na mesma tríade. Aceitaram o desafio de participação no grupo de estudos 18 professores, destes 21% estava em início de carreira (1 a 5 anos de experiência) e 79% com mais de 6 anos de experiência profissional.

Com esses dados pode-se definir esses professores como estando em fase de consolidação profissional ou em desenvolvimento profissional

O desenvolvimento profissional é um projecto ao longo da carreira desde a formação inicial, à iniciação⁶, ao

6 - García (1999) descreve o processo de formação de professores em quatro fases: fase de pré-treino - toda a experiência vivida enquanto aluno; formação inicial - fase de preparação formal em instituição específica; fase de iniciação - correspondendo aos primeiros anos de atuação e a fase de formação permanente ou desenvolvimento profissional.

desenvolvimento profissional contínuo através da própria carreira... O desenvolvimento profissional é uma aprendizagem contínua, interactiva, cumulativa, que combina uma variedade de formatos de aprendizagem. (FULLAN⁷, 1987 *apud* GARCÍA, 1999, p. 27).

Ao longo do ano de 2007 foram realizados encontros e estudos na modalidade bimodal, ou seja, momentos presenciais e a distância por meio de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Os encontros para estudos ocorriam semanalmente alternando os momentos presenciais e virtuais. Estes estudos e encontros possuíam sua metodologia, didática e referência teórica pautadas em pesquisadores que se fundamentam na consideração de fatores e variáveis culturais que envolvem as discussões, reflexões e práticas que contextualizem os desafios e as possibilidades de se fazer educação na Sociedade da Informação. São eles: Alava (2002), Brito e Purificação (2006), Castells (2003), e Sancho (2006) principalmente.

Como síntese dos estudos em novembro de 2007 foi realizado um seminário socializador para a comunidade educacional, esta compreendendo a educação básica e também o ensino superior do município de Curitiba e mais dois municípios metropolitanos. Finalizado o seminário houve um grande interesse da referida comunidade em ingressar no grupo de estudos. Diante disso o grupo que em final de 2007 que estava composto por 12 professores decidiu abrir espaço para novos ingressos.

Iniciada as atividades do grupo em 2008 com cerca de 23 integrantes de diferentes atuações (educação básica, educação profissionalizante e ensino superior) e formações (graduados, especialistas, mestres e doutores) o grupo de estudos passa a ser um grupo de pesquisa junto ao CNPq contando com: 14 pesquisadores e 09 estudantes desenvolvendo pesquisas em três diferentes linhas:

7 - FULLAN, M. Staff Development innovation and Institutional Development. In: JOYCE, B. **School culture Through Staff Development**. Virginia: ASCD, 1987.p. 3-25.

- Educação a Distância;
- Formação de Professores para o uso das TIC;
- Tecnologia Digital em Música.

Diante da grande procura por participação nos estudos realizados pelo GEPETE, os participantes decidem socializar as pesquisas realizadas de uma forma diferente da anterior: seminários temáticos.

Ao todo durante o ano de 2008, já como grupo de pesquisa e com o ingresso de mais professores doutores, foram realizados 04 diferentes seminários temáticos:

- tecnologias na Educação: um re-pensar;
- formação de professores e as tecnologias;
- eu, professor/professora, preciso de TIC?;
- internet na Educação.

Com esses seminários o grupo de pesquisa conseguiu atingir uma média de 100 participantes a cada encontro, um número muito considerável já que os professores ali estavam por escolha.

Similarmente a procura no início do processo em 2007 e 2008, no ano de 2009 muitos profissionais da educação em contato por meio do site do grupo e principalmente por e-mail, bem como, candidatos não ingressos no mestrado em educação demonstraram interesse em participar das discussões e reflexões que seriam realizadas no ano que estava iniciando. Essa situação possibilitou ao grupo a discussão das possibilidades de abertura a novos participantes.

A DISSEMINAÇÃO: GEPETINHO

Com o progresso nos estudos e pesquisas realizadas ao longo de dois anos pelos integrantes do GEPETE, considerou-se pertinente uma iniciação

dos estudos para quem estava iniciando, nos mesmos moldes pelos quais haviam passado os primeiros integrantes no início do grupo de pesquisa. Assim o relato detalhado que segue é embasado nas experiências bimodais e os dados recolhidos da experiência dizem respeito ao processo de constituição do GEPETINHO.

O GEPETINHO é o grupo de profissionais da educação que participou no primeiro semestre de 2009 da iniciação a pesquisa sobre a escola, professor e tecnologias educacionais e que foi orientado pelos pesquisadores do GEPETE.

A interação dos participantes no sentido de ter acesso aos materiais, textos, agenda, e base de dados gerais do grupo que estava constituindo-se ocorreu de forma bimodal, ou seja, segundo Scherer (2005), os membros do grupo puderam interagir em suas construções e reflexões tanto na modalidade presencial em reuniões e seminários, como na modalidade a distância por meio de um AVA⁸.

Para que estes encontros bimodais pudessem acontecer, três mestrandas na área de Educação e Tecnologias , estiveram a disposição do grupo desempenhando o papel da Tutoria a Distância , organizando, alimentando , interagindo, colaborando e cooperando por meio de diferentes ferramentas disponíveis no AVA com o objetivo de fomentar , institucionalizar , organizar e concluir as atividades que eram desenvolvidas a cada quinzena de março até julho de 2009.

As tutoras procuraram exercer seu papel de forma consciente uma vez que um tutor pode auxiliar os participantes de processos na modalidade a

8 - São sistemas que sintetizam a funcionalidade de software para Comunicação Mediada por Computador (CMC) e métodos de entrega de material e cursos *online*. Muitos desses sistemas reproduzem a sala de aula presencial física para o meio *online*, outros buscam, além de simplesmente reproduzir ambientes educacionais existentes para um novo meio, usar a tecnologia para propiciar aos aprendizes novas ferramentas que facilitem a aprendizagem. Esses últimos procuram suportar uma grande e variada gama de estilos de aprendizagem e objetivos, encorajando a colaboração, a aprendizagem baseada na pesquisa, além de promover o compartilhamento e reuso dos recursos. (SCHLEMMER, 2005, p.137).

distância, a estabelecer as interações necessárias com os orientadores, com os outros participantes, com os conteúdos e ferramentas disponíveis no AVA “fornecendo aos mesmos a possibilidade de saírem de uma dimensão descritiva e ingênua, para uma dimensão analítica” como participantes em um processo de discussão e reflexão como este (ARETIO, 2001).

Para tanto o papel das tutoras do GEPETINHO se constituiu da busca da alta interação, constituindo grupos cooperativos e colaborativos, despertando a autonomia e desencadeando uma produção conjunta de emissão-recepção-emissão buscando ser o apoio para um movimento de formação. Dessa forma, segundo Aretio (2001) tendo como finalidade primordial incentivar o participante a motivar-se, co-participar, facilitar e avaliar sua aprendizagem.

A pesquisadora doutora responsável pelo movimento, tanto do GEPETE quanto do GEPETINHO, acompanhou e orientou os encontros e atividades bimodais e a partir da troca de e-mails com as tutoras.

AS EXPERIÊNCIAS

As atividades do GEPETINHO iniciaram com um encontro presencial no qual participaram cerca de 28 profissionais da educação, houve um momento de explanação das características dos estudos e pesquisas realizadas pelo grupo. Cerca de 03 profissionais desistiram já no encontro introdutório por não ter considerado as pesquisas do grupo pertinentes para seus interesses de estudo e/ou formação. Nos encontros seguintes com os demais ingressos o grupo totalizou 39 participantes

Esses profissionais receberam por e-mail um material explicativo sobre os procedimentos de acesso ao AVA, bem como, orientações sobre os primeiros movimentos de estada no referido ambiente: *login*, conhecimento da agenda/calendário de atividades presenciais e virtuais, apresentação em fórum e preenchimento de perfil com *upload*⁹ de imagem.

9 - *upload* consiste no processo inverso ao *download*, ou seja, é o processo onde a pessoa envia o arquivo para a internet.

As atividades de apresentação no fórum e preenchimento do perfil foram realizadas com o objetivo de identificar os professores ingressos no GEPETINHO e principalmente mapear: formação inicial, área de atuação, experiência em formação bimodal, experiência em AVA e o conceito de tecnologia de cada um dos participantes.

Diante disso a equipe do GEPETE responsável pelo GEPETINHO questionou as formas de participação dos professores em formação, bem como, dos coordenadores da formação.

Esse questionamento surgiu a partir da definição de Scherer (2005) acerca de formações em ambientes presenciais e também virtuais de aprendizagem. Consideramos importante destacar o uso do termo “quem de nós” na questão problematizadora por considerarmos a premissa de que o professor mediador ao desempenhar suas atividades em AVA pode ter sua atuação inclusa nessas categorias de participação.

De acordo com Scherer (2005) podemos definir os **habitantes** como aqueles que se responsabilizam pelas suas ações e pelas dos parceiros, buscando o entendimento mútuo, a ação comunicativa, o questionamento reconstrutivo. Bem como, sendo parte (sentido dinâmico) do ambiente. O habitante encontra-se sempre no ambiente, pois , de acordo com a autora, ele também vive lá, observando, falando, silenciando, postando mensagens, refletindo, questionando, produzindo, sugerindo, contribuindo com a história do ambiente, do grupo e dele. Dessa forma, o habitante de ambientes de aprendizagem, assim como do mundo, não apenas vive nos ambientes, existe neles.

Já os **visitantes**, são aqueles alunos (as) e professores (as) que participam do ambiente de aprendizagem com a intenção de visitar. Para Scherer (2005) essa visita existe quando somos impelidos por algum dever, por afeto ou por amizade. A participação do visitante está em apenas observar o que estava acontecendo, sem se co-responsabilizar com o ambiente, com o outro, ou com a produção coletiva. Ainda assim, muitos deles chegam a colaborar, mas sem chegar a cooperar com o grupo, pois são parte (sentido

estático, momentâneo), algumas vezes, do ambiente, não estão sendo parte do ambiente continuamente, eles não habitam o lugar, o conteúdo, pois são visitantes.

Por fim, os **transeuntes**, seriam os alunos (as) e professores (as) que passam pelo ambiente. Alguns entram, circulando pelos espaços, outros apenas passam. Os transeuntes passam pelo ambiente em um ou mais momentos, às vezes param para observar, mas sem se deter em nenhum espaço em especial, sem se responsabilizar, sem apreender para si o ambiente, sem colaborar ou cooperar. São parecidos com os “zapeadores”, aqueles que praticam o *zapping* com a televisão, internet, trocando de espaços, sem uma intenção em específico, sem saber para onde ir.

Por meio desse embasamento o próximo passo foi analisar os dados disponíveis no AVA.

OS DADOS DA EXPERIÊNCIA

Após um semestre de atividades, estudos e seminário foi possível obter dados quantitativos que forneceram a base para a análise qualitativa da experiência de formação. Os referidos dados dizem respeito:

- ao número de participantes iniciais e finais;
- número de tutores a distancia e professor orientador;
- participantes nas atividades e estudos realizados em AVA;
- participantes no Seminário presencial.

O grupo de professores que se inscreveu no início do ano, participou de todo o processo finalizando-o com a apresentação do Seminário no mês de julho, sendo formado por: 01 profissional com formação militar, 01 com formação em administração, 08 com formação em pedagogia, 01 em turismo, 03 em matemática, 01 em engenharia civil e 02 em educação artística, 01 em letras e 01 em direito.

A experiência ou não do grupo em espaços de reflexão e interação bimodais pode ser declarada como: 16 nunca haviam tido esta oportunidade e 03 declararam que já tinham participado, mas somente em espaços totalmente a distância.

Dos 19 professores, 18 declaram a experiência como produtiva, de alto e médio índice de aproveitamento, apenas 01 professor considerou de baixo rendimento *“pois no 1º semestre estive com um demanda de trabalho grande.”*

Quanto ao acesso ao AVA o grupo declarou o mesmo como sendo de nível médio e fácil, quando comparado à experiências anteriores em processos de formação na área de tecnologias. Dos que declararam como sendo médio o grau de dificuldades para acessar, postar e interagir com o grupo e com as tutoras através do AVA, estes em sua maioria (mais de cinquenta por cento do grupo) não haviam ainda tido a oportunidade de realizar um processo de formação que utilizasse a proposta bimodal como eixo metodológico. Os que declaram como sendo fácil o acesso e interação via AVA já haviam participado de experiências anteriores semelhantes.

Um dos dados relevantes na experiência em termos de identificação entre os membros do grupo com a estrutura metodológica proposta, foi a solicitação de um número maior de chat's, em substituição aos encontros presenciais “off-line”. Ou seja, os dados deixaram claro que para os professores os “chat's” foram esclarecedores e pertinentes. Descreveram ainda que as discussões que ocorreram neste ambiente fizeram diferença na reelaboração e reestruturação dos conceitos e das temáticas propostas. O único depoimento contrário a esta solicitação do grupo foi de uma professora que declarou dificuldade em participar da dinâmica do grupo, pois classificou o diálogo no “chat” como sendo muito rápido para sua velocidade de digitação para as respostas.

Finalizando as análises os professores expressaram a vontade da continuação das discussões e reflexões sobre as seguinte temáticas:

- divulgação e reflexão dos trabalhos do grupo de composição do GEPETE, seus doutores e mestres (desejo de ter acesso as pesquisas que deram origem a formação inicial do grupo);
- temas que tratem de TIC e desenvolvimento cognitivo.

Com esses dados, foi possível verificar que 48% do total de professores iniciantes concluíram o processo participando de todas as atividades e do Seminário, dado considerável visto que a formação era de participação voluntária e de interesse dos professores.

Salientamos que com o grupo de professores inscritos e os integrantes do GEPETE fizeram parte dessa experiência 51 profissionais da educação diretamente ou indiretamente atuantes em sala de aula (educação básica e/o superior). Finalizadas as atividades apenas 02 participantes requisitaram de forma oficial o desligamento das atividades.

Como relatamos anteriormente uma das atividades de ambientação foi a apresentação em fórum. Na referida atividade destacamos um dado que nos chamou muito a atenção, obtivemos 36 respostas considerando a apresentação das tutoras. Isso equivale a 86% do total de participantes. No entanto, o número de visualizações foi equivalente a 36 vezes o número de postagens, sendo igual a 1330 visualizações.

Levando-se em conta o número de participantes inscritos no processo, podemos dizer que seis deixaram de realizar sua apresentação. Todavia, as descrições de cada membro do grupo foi visualizada cerca de 332 vezes por mês, ou seja, havia uma grande curiosidade no sentido de diagnosticar quem eram os integrantes deste grupo.

Essa característica de alto número de visualizações e reduzido número de postagens efetivas se repetiu no fórum sobre o perfil dos participantes, obtivemos 03 respostas, no entanto, quase 100 vezes mais em visualização, perfazendo um total de 257 visualizações. O que aponta para a característica de um grande movimento de observação pelos integrantes deste processo.

Uma curiosidade que nos leva a refletir a partir dos conceitos mencionados de Scherer (2005) sobre quem no grupo a partir deste foco poderia ser mencionado como visitante, transeunte ou habitante? Aquele que esteve no ambiente apenas no momento em que cumpriu a atividade e não mais voltou poderia ser considerado habitante? E como poderíamos caracterizar o movimento daquele que visitava o ambiente diariamente para observar a atuação dos colegas, mas por motivos particulares não desejou desenvolver as tarefas? Quais destes participantes seriam visitantes, e quais seriam habitantes?

No entanto o fator relevante neste processo, é que seja qual for a categoria em que professores, orientadores e tutores se encaixem (habitantes, transeuntes ou visitantes) tanto o GEPETE quanto o GEPETINHO, acolheram , orientaram e ampararam os participantes desta jornada, em um espaço/tempo bimodal, construído de maneira cooperativa e colaborativa, nascido do desejo que “mora” no compromisso profissional de cada um destes indivíduos em construir uma educação comprometida com seu tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa experiência de formação em grupo de pesquisa e das reflexões baseadas nos questionamentos suscitados entendemos que apesar de ser evidente o grande número de visualizações no AVA, podendo ser caracterizado como um movimento visitante, o grupo foi composto tanto por habitantes, como por visitantes e também de transeuntes. E a essas categorias não aplicamos apenas os professores em formação, mas também, aos tutores como muito salienta Scherer (2005). Sem sombra de dúvida um dos objetivos de formações bimodais e em grupo de pesquisa é a garantia de efetiva produção e ampliação de conhecimento. Sendo assim, há que se pensar em práticas que levem aos professores em formação a serem de fato habitantes. Isso, porque nesse estágio inicial todos os movimentos foram considerados e respeitados, fossem eles de: visitantes, transeuntes ou habitantes.

Uma questão que emergiu após essa experiência é como devem ser as práticas em formações como essa que efetivem um grande número de habitantes tanto em AVA como presencial. Até porque, “temos certeza de que aqueles que se dedicarem consciente e prazerosamente à conquista das tecnologias na educação jamais sofrerão abandono e a solidão (e suas conseqüências) a que estão condenados no sistema tradicional.” (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2006. p.99).

REFERÊNCIAS

ALAVA, Seraphin. **Ciberespaço e formações abertas**: rumo a novas práticas educacionais. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma da complexidade na formação e no desenvolvimento profissional de professores universitários**. ano XXX, n. 3. Porto Alegre: Educação, 2007.

BRITO, Gláucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias**: um-repensar. Curitiba: Ibpx, 2006.

BRITO, Gláucia da Silva. **Tecnologias da Comunicação e Informação**: controle e descontrole. Inclusão digital do profissional professor: entendendo o conceito de tecnologia. 30º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 24 a 28 de outubro de 2006; GT24.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. São Paulo: Cortez, 2003.

GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 1999.

GARCIA ARETIO, Lorenzo. **La educación a distancia**: de la teoría a la práctica. Barcelona, Ariel Educación, 2001.

MORAES, Maria Cândida de. **Pensamento eco-sistêmico**: educação, aprendizagem e cidadania no Século XXI. Petrópolis: Vozes, 2004

SANCHO, Juana M. HERNANDEZ, Fernando. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SCHERER, Suely. **Uma estética possível para a educação bimodal**: aprendizagem e comunicação em ambientes presenciais e virtuais. uma experiência em estatística aplicada à educação. São Paulo, 2005a. 241 f. Tese (Doutorado em Educação: currículo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SCHLEMMER, Eliane. Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA): uma proposta para a sociedade em rede na cultura da aprendizagem. In: VALENTINI, Carla Beatris; SOARES, Eliana Maria do Sacramento. (Org). **Aprendizagem em ambientes virtuais**: compartilhando idéias e construindo cenários. Caxias do Sul: Educs, 2005.

ESTUDO E ANÁLISE SOBRE AS INFERÊNCIAS DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E SUA INGERÊNCIA QUANTO AOS ASPECTOS AVALIATIVOS ENTRE AS MINORIAS.

Alzira Akemi Kushima¹

Dolores Cadilhe de Almeida Chiarato²

Jucélia Pirkel³

Maria Cristina Ramscheid Durek⁴

RESUMO: Este trabalho propõe-se a tecer um breve comentário sobre as diretrizes, os objetivos e metas do Plano Nacional de Educação (PNE), tendo como foco principal o ensino superior. A partir dessa análise é feita uma relação entre acontecimentos históricos e fatos atuais, com objetivos de mostrar aspectos que têm afetado a sociedade. Essas interferências podem ocorrer através de medidas em nível de governo estadual, visando ajudar as minorias, mas correndo o risco de trazer resultados conflitantes quanto ao problema da discriminação existente no país. Como projeção futura, este trabalho se propõe a deixar um espaço aberto para propostas, em nível de MERCOSUL, de países que possivelmente tenham problemas semelhantes e possam dar sugestões a respeito.

Palavras-chave: minorias; discriminação; PNE ; MERCOSUL.

ABSTRACT: The proposal of this work is to make a brief comment on the policies, aims and goals found in the National Plan for Education (PNE), having in the undergraduate studies its main focus. From the analysis of this plan, a connection between historical events and current happenings is done in order to show some aspects that have affected society. Such interference may occur through proceedings taken by the state government that, in spite of aiming at helping the minorities, take the risk of bringing conflicting results

1 - Professora de Matemática do Colégio Militar do Paraná - Licenciatura Plena em Matemática-UFPR, Mestre em Administração-UFPR.

2 - Professora de Biologia do Colégio Militar de Curitiba. Licenciatura em Ciências Físicas e Biológicas-UFPR, Mestre em Engenharia de Produção-UFSC.

3 - Professora de Matemática do Colégio Militar de Curitiba. Licenciatura Plena em Matemática –PUC-PR, Mestre em Engenharia de Produção-UFSC.

4 - Licenciatura em Letras/Português e Inglês-UFPR, Especialização em Língua Inglesa-UFPR.

concerning the discrimination problem that exists in the country. Focusing on future prospects, this work gives opportunity for proposals, within the South Cone Market, from countries that possibly face a similar problem and are able to give suggestions on the subject.

Keywords: minorities; discrimination; PNE ; South Cone Market .

A proposta de tecer breves comentários sobre as diretrizes, objetivos e metas do Plano Nacional de Educação (PNE) tem por objetivo discutir e salientar alguns de seus aspectos mais relevantes, que vêm de encontro a fatos que, acontecendo em nossa atualidade trouxeram certo constrangimento e podem ser analisados sob as perspectivas sociológica, antropológica e psicológica, no âmbito dos fenômenos políticos. Tendo por base estudos da Fundação Getúlio Vargas realizados por KUSCHNIR e CARNEIRO (2002) em seu artigo: “*As dimensões Subjetivas da Política : Cultura Política e Antropologia da Política*”, podem ser estabelecidos parâmetros de análise.

A aprovação do “*Plano Nacional de Educação*” ocorreu através da Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, cuja duração é prevista para dez anos. A partir de sua vigência, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão elaborar os planos decenais correspondentes.

Em relação aos níveis, o PNE classifica o ensino em educação básica e educação superior. A primeira se subdivide em educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, contendo diagnóstico e especificação sobre suas diretrizes, objetivos e metas. Na segunda, além do diagnóstico, as diretrizes, os objetivos e as metas também são abordados.

Quanto às diretrizes para a educação superior, o PNE deve promover uma política de renovação e desenvolvimento do ensino para superar os problemas que têm sido enfrentados. A partir da conscientização de que apenas um sistema forte de educação superior pode tornar um país desenvolvido e independente, deve ser dada a devida importância para as Instituições de Ensino Superior (IES) para que estas possam desempenhar o seu papel educacional, institucional e social, assim como valorizar a participação e o apoio público. Estas instituições são produtoras de conhecimento e formam a base do desenvolvimento científico e tecnológico, sendo responsáveis pelo dinamismo das sociedades atuais. Assim, de acordo com tais diretrizes , a educação básica de qualidade está nas mãos das IES, pois elas são responsáveis pela formação dos profissionais do magistério; pela formação dos quadros profissionais, científicos e culturais de nível superior; assim como pela produção de pesquisa e pela busca de solução para os problemas atuais.

O núcleo estratégico do sistema de educação superior deve ser composto pelas universidades, pois essas exercem as funções que lhe foram atribuídas pela Constituição: ensino, pesquisa e extensão. A missão desse núcleo, também o seu desafio, é contribuir para o desenvolvimento do país e para a superação das desigualdades sociais e regionais, promovendo a qualidade e a cooperação internacional. A diretriz básica, por sua vez, está relacionada com a autonomia universitária, exercida nas dimensões previstas na Carta Magna: didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial.

O dever do Estado com a educação é garantir acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um. A pressão pelo aumento de vagas na educação superior já está acontecendo e tenderá a crescer; no entanto, deverá ser planejada a expansão com qualidade para evitar a massificação, assim como reconhecer a contribuição do setor privado na educação superior, desde que os parâmetros de qualidade sejam respeitados. A expansão das universidades públicas também é necessária para atender à demanda crescente de alunos, principalmente os carentes, o que implica a expansão de vagas no período noturno. Outros aspectos importantes são melhorar a qualidade do ensino, pois é ele o meio utilizado para qualificar os docentes que atuam na educação superior; reformular o rígido sistema atual de controles burocráticos.

Os objetivos e metas para o ensino superior, conseqüentemente, incluem: prover a oferta da educação superior, até o final da década, para 30% da faixa etária de 18 a 24 anos; estabelecer uma política de expansão; assegurar efetiva autonomia didática, científica, administrativa e de gestão financeira para as universidades públicas; institucionalizar um amplo e diversificado sistema de avaliação interna e externa para os setores público e privado; instituir programas de fomento para que as IES constituam sistemas próprios de avaliação institucional e de cursos; estender diferentes prerrogativas de autonomia às instituições não-universitárias públicas e privadas; estabelecer sistema de credenciamento periódico das instituições e reconhecimentos periódicos de cursos superiores; diversificar o sistema superior, valorizando

estabelecimentos não-universitários que ofereçam ensino de qualidade; estabelecer diretrizes curriculares que assegurem flexibilidade e diversidade nos programas de estudo nas instituições de nível superior; incluir temas transversais nas diretrizes curriculares dos cursos de formação de professores; diversificar a oferta de ensino com a criação de cursos noturnos, seqüenciais e modulares; exigir melhoria progressiva da infra-estrutura de laboratórios, equipamentos e bibliotecas; estimular a consolidação e o desenvolvimento da pós-graduação e da pesquisa das universidades, dobrando o número de pesquisadores qualificados; promover o aumento anual de mestres e doutores; levantar dados sobre o êxodo de pesquisadores brasileiros para outros países, tentando impedir que tal fato continue; incentivar a generalização da prática da pesquisa.

Dentre os objetivos e metas já citados, surge aquele que interessa particularmente a este artigo:

“(...)criar políticas que facilitem às minorias, vítimas de discriminação, o acesso à educação superior, através de programas de compensação de deficiências de sua formação escolar superior, permitindo-lhes, desta forma, competir em igualdade de condições nos processos de seleção e admissão a esse nível de ensino”. (Frauches, 2002, p342)

Os objetivos e metas que ainda devem ser citados são: implantar planos de capacitação dos servidores técnico-administrativos das instituições públicas de ensino superior; garantir a oferta de cursos de extensão; garantir a criação de conselhos com a participação da comunidade e de entidades da sociedade civil organizada; e implantar o Programa de Desenvolvimento da Extensão Universitária e todas as Instituições Federais de Ensino Superior.

Uma característica interessante dentro da Lei nº 10.172/2002 é a preocupação em superar as desigualdades sociais e regionais; assim como em criar políticas para ajudar as minorias, vítimas de discriminação, no acesso à educação superior. Por outro lado, essa lei também esclarece que o acesso a níveis mais elevados da educação deve ser feito ***de acordo com a capacidade***

de cada um. Além disso, enfatiza que as minorias, vítimas de discriminação, têm o direito de acesso à educação superior, mas devem competir em *igualdade de condições nos processos de seleção e admissão a esse nível superior.*

Toda lei é elaborada para regular determinadas atividades dentro da sociedade e ajudar a comunidade que desfrutará dela. Sua interpretação, no entanto, deve ser correta; pois qualquer erro pode gerar fatos incômodos e desagradáveis para essa mesma comunidade. No mundo países como Índia, Malásia, Sri Lanka, Nigéria, Estados Unidos já adotam o sistema de cotas. O Brasil na tentativa de superar as desigualdade socioeconômica e alcançar a equidade social adotou o sistema de cotas nas universidades no ano de 2000. A homologação de dois decretos, Lei nº 3.540/00 e 3.708/01 (MACÊDO, 2009) pelo governador do Rio de Janeiro no concurso vestibular para as universidades do Estado do Rio de Janeiro, o que também ocorreu na Bahia.

A adoção de cotas específicas de vagas tanto para alunos negros ou pardos, assim como para alunos provenientes de escolas públicas concorrendo aos cursos da instituição, fez candidatos com excelente desempenho não serem classificados, mas alunos com desempenho inferior conseguirem sua aprovação. A questão levantada a partir desse fato é saber se eles realmente conseguirão acompanhar o nível das aulas ou se conseguirão entrosamento com outros colegas, pois já iniciarão seus cursos discriminados pelos demais como aqueles que “tiraram” a vaga de outros mais capacitados. A universidade Federal de Santa Catarina- UFSC iniciou em 2007 o sistema de cotas e no ano seguinte verificou desigualdades de concorrência entre cotistas e não cotistas (MACÊDO, 2009).

É fato notório que competir em igualdade de condições é difícil para aqueles que não tiveram acesso ao ensino de qualidade, mas entrar para o ensino superior com a ajuda de um decreto é muito pior. A solução é melhorar a educação básica da rede pública, proporcionando a todos os alunos ensino de qualidade, independente da raça ou condição social e regional. Entretanto, além do sistema educacional ter enfrentado grandes problemas nos últimos anos, a questão da discriminação das minorias pelo sistema é fato histórico. Seu início remonta a catequese dos índios durante o período de colonização

do Brasil e segundo estudos feitos por SILVA (2002, p23),

“(...)quando catequizados e convertidos ao Cristianismo, os indígenas tornavam-se menos hostis, sedentários e, por isso mesmo, capazes de desenvolver atividades econômicas, como exemplo, a agricultura e a pecuária. A diminuição da hostilidade e a civilização permitiam ao índio apreender e realizar atividades que fossem úteis à sociedade e, mais importante, impediam-nos de atrapalhar o desenvolvimento da exploração do sertão brasileiro”.

Por outro lado, SCARPARO (2002) em *“Educação e construção de relações éticas”* relaciona a ética com a contemporaneidade e com a complexidade dos modos de vida humana. A observação do processo de socialização, segundo a autora, leva à compreensão da complexa organização da vida em sociedade. O mundo atual vive uma grande crise, em que ocorre a desconstrução ética com perda de referências tradicionais. De acordo com seus estudos, SCARPARO (2002) observa que as pessoas aprendem normas de comportamento, valores, atitudes, modos de comunicação que delimitam as visões de mundo. Como consequência, em nome de determinados valores e de direitos de poucos, a sociedade relega a uma condição subumana uma grande quantidade de pessoas excluídas. Tal exclusão pode estar relacionada a questões de raça, religião, gênero e classe social, entre outras. No Brasil, especificamente, a trajetória educacional das classes populares possibilita a exclusão social, pois o acesso, a permanência e a qualidade de ensino apresentam dificuldades históricas. Apesar da educação formal representar um dos âmbitos mais ricos e expressivos de relação entre as pessoas, a escola tem participado de processos de inclusão e exclusão social, segundo a autora ao citar o sociólogo André Petitat. Como resultado de seu estudo, ela conclui que dentro da vivência escolar e de padrões éticos atuais, é possível criar saberes e aprender a valorizar o potencial humano. Para tanto as relações entre as pessoas devem estar fundamentadas na dignidade e no respeito, a partir de determinantes históricos, políticos e sociais. Isto porque, de acordo com SCARPARO, “a convivência humana é, antes de mais nada, um movimento ético” (2002, p 163).

ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DAS DESIGUALDADES RACIAIS NO BRASIL

Nas primeiras décadas do século XX, foi durante o movimento da Escola Nova que houve a preocupação em estabelecer a educação brasileira, em que a cultura foi fundamentada no branqueamento da população brasileira. O escolanovismo elegeu como um de seus objetos de análise as teorias da higiene e da eugenia, como produtoras do conceito do direito biológico à educação em que procedimentos pedagógicos legitimavam essas concepções.

Em um dos primeiros documentos da época, um estudo realizado na Escola de Aperfeiçoamento de Minas Gerais no Laboratório de Psicologia, sob o título: *Contribuição à antropologia da moça mineira* (1933), percebe-se o desenvolvimento das idéias, ações dos educadores adeptos a este movimento que mostra um contexto fortemente associado aos movimentos higienistas e eugenistas⁵ que marcaram os procedimentos práticos, teóricos, organizacionais e pedagógicos da época (VEIGA,2000).

Um dos argumentos sobre a necessidade de instrução pública para a população livre, o pensamento vigente no século anterior (1840),(VEIGA, 2000, p125) era que, em algumas casas de família, a educação era viciosa em virtude do descuido, da indiferença de chefes de família e da triste necessidade de terem escravos como cuidadores de seus filhos, os quais não poderiam inspirar-lhes sentimentos generosos. Ao longo da história do Brasil, foram inúmeros os discursos desqualificadores da população pela sua origem racial. Por outro lado, as elites não pouparam palavras para identificar a escolarização elementar como ação fundamental de produção da nação. Segundo VEIGA (2000, p. 125), relatado por VERÍSSIMO (1985), já em 1890 afirmava que, passada a abolição, cabia à educação continuar a tarefa da

5 - As idéias higienistas disseminaram no Brasil a partir do século XIX e tinham como pressupostos a intervenção relacionados à alteração de hábitos relativos a cuidados do corpo e sanitização das cidades, moradias e instituições. As concepções eugênicas estabeleceram-se no Brasil na década de 1910, com ênfase na questão da hereditariedade humana e na necessidade de intervenção no meio para melhorar o patrimônio genético. Destacam-se com ações desses movimentos a criação, em 1918, da associação Eugênica, por Renato Kebl e, em 1923, da Liga Brasileira de Higiene Menta, por Gustavo Riedel, apud VEIGA, 2000, p 4.

extinção da escravidão, “não só dos libertados, senão de todos nós, todos mais ou menos contaminados pela sua peçonha”.

VEIGA apud in CORRÊA (1988, p. 126) afirma que foi nesse contexto que se disseminaram no Brasil os laboratórios de antropologia e antropometria, institutos médico-legais, serviços de higiene e ortopedia mental. A pedagogia dos fins do século XIX e início do século XX teve grande influência da medicina, estratégias empreendidas por aqueles que se colocavam na posição de “os reformadores da educação” na década de 20. De acordo com VEIGA (2000, p.125), mencionado por COSTA (1983), todo o movimento foi provocado pelo adensamento urbano, pela heterogeneidade racial e econômica da população e pela inércia das autoridades em resolver os problemas relativos à salubridade, assim a superioridade médica se deu em virtude do estabelecimento de medidas preventivas e educacionais com objetivos profiláticos. No campo jurídico-político, com muita influência no ramo da pedagogia, estruturou-se nessa época as Faculdades de Direito do país, com personagens como Anísio Teixeira, Carneiro Leão, Sampaio Dória, Fernando de Azevedo, Francisco Campos, Lourenço Filho, Abgar Renault entre outros estabeleceram as reformas educacionais. As teses higienistas e eugenistas buscaram construir uma outra organização da população que superasse e/ou resolvesse problemas de ordem racial, social, econômica e cultural. Com essa justificativa invadiam a vida privada dos indivíduos com o objetivo geral de normatizar e garantir uma raça sadia e pura, ao estabelecerem regras de moral sexual, da sexualidade sadia onde o casamento higiênico leva em conta a hereditariedade (física e mental) e a idade, a idéia das habitações não somente como casas, mas como lares, onde a mulher tinha o seu papel com o cuidado com a infância.

Em 1912, em Belo Horizonte, durante o VII Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, foi apresentado o Decreto n. 778, de 09/05/1910, da prefeitura do Rio de Janeiro que, dentre as instruções, constava a ficha sanitária, a qual trazia um histórico de características do indivíduo, deformações, anomalias, e informações tão específicas de caráter físico e mental, em que o aluno da escola republicana tornava-se um objeto de experimentação em seus

ensaios de modernidade, o que gerou em última análise uma sociedade de mentalidade autoritária, preconceituosa e segregacionista, a chamada escola de alma branca.

Durante o IV Congresso Médico Latino Americano, em 1909, foi apresentado o trabalho intitulado “*A inspeção médica dos colegiais*” que segundo VEIGA(2000, p.130) estabelecia que “...a deterioração física, o abastardamento da raça é um fato assinalado nos diversos países europeus e que entre nós se impõe pela evidência frisante...”, resultando em três determinantes básicos: a inspeção da higiene nas casas e nas próprias escolas com a inclusão da disciplina higiene; os chamados “pelotões de saúde”; e a organização de conferências sobre temáticas médicas diversas destinadas à comunidade. Formou-se então um certo grau tenso de comunicação entre os setores da sociedade, resultando em uma total desqualificação da população em relação ao seu corpo, seus hábitos e seus valores, em que esta era submetida a sujeitos e saberes qualificados, enquanto que, na escola, surgiram os reformadores do povo, no lugar dos reformadores da escola.

De acordo com VEIGA (2000, p. 132), no documento sob o título “*A Reconstrução educacional no Brasil*”, conhecido como o manifesto dos pioneiros da Escola Nova e lançado em 1932, observa-se em seu contexto a necessidade de ser moldada uma nova filosofia pedagógica, quando se enquadra a perspectiva de direito à educação como um caráter biológico (inerente a cada um dos indivíduos). Surgida dos debates e discussões a respeito dos problemas raciais, das ações médicas e sanitaristas da virada do século e assimilada pelos educadores do movimento escolanovista, toma uma posição mais humana, preparando-se para formar a hierarquia democrática pela hierarquia das capacidades. A nova mentalidade reconhecia que o problema fundamental das democracias é a educação das massas populares, os indivíduos melhores e mais capazes, por seleção, devem formar o vértice de uma pirâmide de base larga.

VEIGA(2000) apud in GUIMARÃES (1999, p.197 -198):

(...)visão equivocada da biologia humana, expressa pelo conceito de raça, que estabeleceu uma justificativa para a subordinação permanente de outros indivíduos e povos, temporariamente sujeitados pelas armas, pela conquistas, pela destruição material e cultural, ou seja, pela pobreza. A transformação da desigualdade temporária-cultural, social e política – numa desigualdade permanente, biológica, é um produto da ideologia cientificista do séculoXIX. No entanto, depois da justificativa raciazo ter perdido legitimidade científica, a suposta inferioridade cultural – em termos materiais e espirituais – de grupos humanos em situação de subordinação passou a ser a justificativa do padrão de tratamento desigual.

Assim, pode-se dizer que os movimentos higienistas e eugenistas, reformadores da sociedade e da escola no Brasil, buscaram unir a subordinação permanente pela cor com a subordinação cultural, uma vez que as diferenças sociais foram tratadas como diferenças biológicas, ao passo que também objetivaram uma organização escolar mais racionalizada, ao mesmo tempo em que davam visibilidade ao Estado como gestor do público. O mesmo procedimento foi usado para discutir o indígena e suas características morfológicas e, enfim, para explicar as dificuldades de se traçar um tipo antropológico.

A SITUAÇÃO DAS MINORIAS E OS SISTEMAS DE COTAS

As relações raciais no Brasil são marcadas por profundas contradições, que se faz sentir no sistema educativo, mesmo em escolas que se propõem a discutir a questão em prol da valorização da cultura negra e contra a discriminação racial. Esse complexo de relações raciais na sociedade brasileira dentro da escola foi analisado e desenvolvido em uma pesquisa com financiamento da Fundação Ford em um projeto apresentado pela ANPED e Ação Educativa para os anos de 1999 e 2000.

Por não se dispor de outros dados suficientemente claros para ser realizada uma classificação racial no Brasil, utiliza-se dos critérios estabelecidos, segundo GUIMARÃES (1999,p.190), da classificação do IBGE, em que pessoas são

agrupadas em cinco tipos : ‘brancos’, ‘pretos’, ‘pardos’, ‘amarelos’ e ‘indígenas’. Os estudiosos das desigualdades raciais agrupam os ‘pretos’ e ‘pardos’ sob a denominação de ‘negros’. Portanto, o Censo de 1991 apresentou uma população de mais de 146 milhões de habitantes no Brasil, sendo que 55,3% da população é composta de habitantes brancos e 44,2% de negros (pretos e pardos). Do total da população em 2007 o país é composto por 48,4% de pessoas brancas, 43,8% de pardas, 6,8% de pretas e 0,9% de amarelas e indígenas (MARTINS, 2009). Considerando o contingente da população negra e o grau de desigualdade racial existente em nossa sociedade, percebe-se que é atingida uma parcela significativa da população brasileira. Alguns trabalhos citam as diferenças consideráveis com relação a brancos e negros, no que diz respeito à mobilidade social no Brasil, como os de HASENBALG,(1976,1999); ROSEMBERG,(1999); PINTO,(1993);GOMES, (1995); GUIMARÃES(1999);MUNANGA(1999); SANTOS (1998).

Anunciadas no governo Anthony Garotinho no ano de 2002, as políticas de cotas de vagas para as minorias, foram e estão sendo muito questionadas, mesmo na experiência de outros países. E, sobre o sistema de cotas de vagas para negros, dando-lhes acesso facilitado nos diferentes cursos das universidades estaduais, seja do Rio de Janeiro ou em outro Estado, em vista da discriminação existente no país, medida esta que foi compartilhada pela Universidade Estadual da Bahia. Essa idéia nasceu de fora para dentro da universidade, por um decreto e de uma lei aprovada pela Assembléia Legislativa, com regulamentação feita por uma comissão da Secretaria de Ciência e Tecnologia, deve haver mais debate embasados nos resultados que vêm se acumulando ao longo dos anos a partir da aplicação das cotas. Em vista da crescente preocupação governamental de capacitação de ‘pretos’ a serem preparados para o mercado de trabalho, estão sendo ministrados cursos em 13 unidades da Federação⁶.

6 - Disponível em <<http://www.palmares.gov.br/>> Acesso em 18/03/2003, 21:00H. Juntamente com o Instituto Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores;a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos e o CNPq e a Fundação Cultural Palmares elabora um programa de bolsa de estudos,para que pretos se preparem para o ingresso na carreira diplomática.

O primeiro sistema de cotas do governo estadual , Lei nº 3.524/2000, segundo a revista “ÉPOCA”, artigo sob o título : “Começo Errado” (nº 248, 17/fev/2003) estabelece que 50% das vagas são reservadas a candidatos que estudaram a vida inteira em escolas públicas. O segundo sistema de cotas, instaurado sob Decreto nº 30.766/2002 prevê que 40% das vagas sejam preenchidas por estudantes que se declaram negros, sendo que nos últimos 5 anos, 30% dos candidatos se disseram negros. É de senso comum que o país necessita de mecanismos que facilitem o acesso de brasileiros negros às universidades, os quais hoje representam 15% dos alunos matriculados no ensino superior, embora formem 45% da população de um modo geral. Também é legítimo amenizar as conseqüências de séculos de discriminação e preconceito. Dos 1969 negros que entraram na UERJ no vestibular de 2003, 329 conseguiram suas vagas pela pontuação convencional, os outros, que perfazem 80% das vagas, entraram pelo sistema de cotas. A discrepância foi maior ao serem sobrepostas as duas leis de cotas, em que a primeira reserva a metade das vagas para estudantes da rede pública e a segunda 40% delas para aquele que se declarar negro – as regras criaram distorções em que, em um certo curso, em que os alunos não foram beneficiados por nenhuma cota, a nota mínima foi 82; já aqueles que entraram pelas cotas de escolas públicas, a média mínima para a admissão foi 50,25 e entre os chamados para completar a cota dos 40% que se declaram negros, a nota mínima para o ingresso foi 49. Assim, além da UERJ, a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) teve as suas vagas preenchidas pela repescagem, por não existirem mais alunos negros de escolas públicas, tiveram acesso alunos de estabelecimentos particulares. Os mais prejudicados foram os alunos brancos de escolas privadas, que são aqueles integrantes da classe média. Em medicina, os cotistas negros de escolas públicas foram aceitos perfazendo um percentual de 80,43%, em engenharia civil, um candidato negro conseguiu sua aprovação com 4 pontos, enquanto que o último classificado branco obteve 25 pontos. Somando-se todos os cursos da universidade, 62,3% das vagas foram reservadas para alunos beneficiados pelos sistemas de cotas no Estado. Além de ser uma medida inconstitucional, segundo os dogmas democráticos todos são iguais perante a lei, uns não podem ser menos iguais que outros.

No vestibular da Universidade Estadual da Bahia estavam reservadas 40% das vagas pelo sistema de cotas para negros vindos de escolas públicas, como a população negra do estado é muito maior que 40%, a divulgação dos resultados não provocou nenhum tipo de protesto.

Pesquisa liderada pelo geneticista Sérgio Danilo Pena, da Universidade de Minas Gerais sob o título “*Cor e ancestralidade genômica em brasileiros*” analisou 400 amostras de DNA e provou que a cor da pele, branca ou preta, não revela o passado genético do brasileiro. Segundo a Academia de Ciências dos EUA a genética é incapaz de traçar fronteiras entre as raças e mostra que os brancos do país têm mais genes de origem negra do que aparentam, e vice-versa, segundo a revista “*GALILEU*”, no artigo : “*Os genes não têm cor*”(nº 139, p.34-36, fev/2003).

Ao serem feitas análises da política da sociedade em abordagem comportamental, podem ser levados em conta aspectos subjetivos das orientações políticas, tanto do ponto de vista das elites quanto do público da sociedade. Sob a perspectiva da “*cultura política*”, a qual refere-se ao conjunto de atitudes, crenças e sentimentos que dão ordem e significado a um processo político, pondo em evidência as regras e pressupostos nos quais se baseia o comportamento de seus elementos.

De acordo com KUSCHNIR e CARNEIRO (2002), no artigo denominado “*As dimensões Subjetivas da Política: Cultura Política e Antropologia*”, cita ALMOND e VERBA (1963 e 1980), referência obrigatória contemporânea no debate sobre o conceito de “*cultura política*”, cuja definição aborda a expressão do sistema político de uma determinada sociedade nas percepções, sentimentos e avaliações da sua população (1963,p.13). A noção de “*cultura política*” utilizada por ALMOND e VERBA e em vários estudos que os sucederam atribui grande importância ao processo de socialização, em que têm importância a família, a escola e o trabalho, na definição de comportamento político.

(...) A compreensão do comportamento individual parte do princípio de que o indivíduo e sociedade reforçam-se mutuamente, não constituindo entidades distintas. (...)esse estudo tende a analisar o Estado e suas instituições públicas como variáveis dependentes dos modelos de “*cultura política*” e vê o Estado derivado de um paradigma *liberal-pluralista*, produto de interações de uma vasta rede de organizações sociais” (KUSCHNIR e CARNEIRO, 2002, apud BENEDICT,1934, p. 251).

Segundo os autores, valores e atitudes frente ao sistema político e social constituem objetos típicos dos estudos sobre cultura política: moderação ideológica, tolerância política, confiança na eficiência das instituições políticas e alta confiança interpessoal. Na literatura brasileira sobre cultura política, para SANTOS(1993, p. 108), por exemplo a cultura cívica brasileira, pode ser caracterizada por considerável rejeição às instituições do Estado, sobretudo àquelas cujo objetivo é a preservação da ordem (polícia) e a mediação de conflitos (Judiciário).

Portanto, propostas de estudos nesse contexto são pressupostos que poderão tornar-se verdadeiros à medida que sejam feitos estudos prospectivos nessa área do conhecimento, quando analisadas as mudanças de curto prazo nas atitudes frente ao sistema político, dando grande importância à institucionalização dos valores democráticos entre a elite, procurando diferenciar elite e massa quanto às conseqüências políticas de suas condutas e valores.

REFERÊNCIAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas . NBR 10.520 , 18/10/2002.

_____. NBR 14724, jun, 2001.

_____. NBR 6022, ago, 1994.

_____. NBR 6023, ago, 2002.

ÉPOCA: **Começo Errado**, revista ed. Globo, n° 248, p.34-38, 17/fev/2003.

_____. **As cotas nos tribunais**, revista ed. Globo, n° 249, p.42-43, 24/fev/2003.

FRAUCHES, C. da C. (Org). **LDB anotada e legislação complementar**. 4ed.ver. ampl. Marília, SP:CM Consultoria de Administração, 2002.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - KUSCHNIR, K.; CARNEIRO, L. P. **As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política**. Disponível em: < <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>> .Acesso em 23/03/2003.

FUNDAÇÃO PALMARES – Disponível em: < <http://www.palmares.gov.br/>>. Acesso em 23/03/2003.

GALILEU: **Os genes não têm cor**, revista ed. Globo, n° 139, p.34-36, fev/2003.

GUIMARÃES, A. S. **Racismo e Anti-racismo no Brasil**. São Paulo: editora 34,1999.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA E PESQUISA. Disponível em:< <http://www.censo.gov.br/>> Acesso em 30/03/2002.

INSTITUTO DA MULHER NEGRA – FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Disponível em: < <http://www.geledes.com.br/>> . Acesso em 20/03/2003.

PETITAT, A. **Produção na escola – produção da sociedade**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

LABOISSIÈRE, Paula. **Para defensores de cotas raciais em universidades, sistema combate seleções excludentes**. Agência do Brasil. Acesso 06/03/2010.

MACÊDO, Márcia A. Durão. **Cotas raciais nas universidades brasileiras - legalização da discriminação**. Disponível em: < <http://jus2.uol.com.br/Doutrina/texto.asp?id=13491>> . Acesso em 10/06/2010. Elaborado em 06.2009.

MARTINS, Rodrigo. **Brasil perde brancos e pretos e ganha 3,2 milhões de pardos**. Disponível em: noticias.uol.com.br/especiais/pnad/ultnot/2009/09/18/ult6843u18.jhtm. Acesso em 05/05/2010.

PINTO, R. P. **Multiculturalidade e educação de negros**. Cadernos CEDES. Rio de Janeiro, p.3 – 48, 1993.

RACISMO – PRECONCEITO DE RAÇA, COR, RELIGIÃO, ETNIA OU PROCEDÊNCIA NACIONAL. Disponível em: < <http://www.soleis.adv.br>>. Acesso em 23/03/2003.

SCARPARO, H. **Cidadãs brasileiras** – o cotidiano de mulheres trabalhadoras. Rio de Janeiro : Revan, 1996.

_____. **Educação e construção de relações éticas**. revista Educação. Porto Alegre, ano XXV, n. 46, p.161-172, março 2002.

SILVA, C. N. da **Converter e civilizar**: uma solução contra a barbárie indígena. Educação em revista: Belo Horizonte, set, 2000. Edição especial.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ . Biblioteca Central. Normas.doc : normas para apresentação de trabalhos. Curitiba, 2000 5 disquetes, 3 ½ pol. Word for Windows 7.0

VEIGA, C. G. **O direito biológico à educação no movimento da Escola Nova**. Educação em revista. Belo Horizonte, set. 2000. Edição especial.

VERÍSSIMO, J. **A educação nacional**. Porto Alegre : Mercado Aberto, 3. ed. (1890) 1985.

Orientações para apresentação, submissão e publicação dos trabalhos

A Revista Kur' Yt' Yba recebe artigos em fluxo contínuo.

O recebimento de trabalhos para completar o Ano III, Volume Nº 3 (Out/2011) encerrará em 15 de junho de 2011. Serão aceitos artigos, resenhas e relatos de experiência. Trabalhos submetidos após a data citada serão avaliados para os volumes seguintes. Os artigos, se aceitos, serão publicados pela ordem de chegada e de acordo com os interesses do Conselho Editorial.

As normas para apresentação e submissão dos trabalhos são disponibilizadas no site do Colégio Militar de Curitiba (www.cmc.ensino.eb.br), no link Revista Científica.

Colégio Militar de Curitiba
Revista Científica – Seção de Supervisão Escolar
Praça Conselheiro Thomaz Coelho, nº 01, Tarumã
Curitiba/ PR CEP 82800-030
www.cmc.ensino.eb.br
revista@cmc.ensino.eb.br

